



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

“RESPEITE A RIMA DAS POETAS NORDESTINAS”:

Vozes-mulheres do *Slam* das Minas/PE

ITAMARA PATRICIA DE SOUZA ALMEIDA

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio

João Pessoa - PB
2025

ITAMARA PATRICIA DE SOUZA ALMEIDA

“RESPEITE A RIMA DAS POETAS NORDESTINAS”

Vozes-mulheres do *Slam* das Minas/PE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras na área de concentração Literatura, Teoria e Crítica (Estudos decoloniais e feministas).

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio.

Catalogação na publicação Seção de Catalogação e Classificação

A447r Almeida, Itamara Patricia de Souza.
"Respeite a rima das poetas nordestinas" :
vozes-mulheres do Slam das Minas/PE / Itamara Patricia
de Souza Almeida. - João Pessoa, 2025.
172 f. : il.

Orientação: Ana Cristina Marinho Lúcio.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Poesia falada. 2. Slam. 3. Slam das Minas -
Pernambuco - Brasil. 4. Literatura contemporânea -
Brasil. 5. Direito à cidade. I. Lúcio, Ana Cristina
Marinho. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1 (043)

Elaborado por RUSTON SAMMEVILLE ALEXANDRE MARQUES
DA SILVA - CRB-15/0386



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



**ATA DE DEFESA DE TESE DO(A) ALUNO(A)
ITAMARA PATRICIA DE SOUZA ALMEIDA**

Aos trinta dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, às catorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública da defesa de Tese: “RESPEITE A RIMA DAS POETAS NORDESTINAS”: Vozes-mulheres do Slam das Minas/PE, apresentada pelo(a) aluno(a) Itamara Patricia de Souza Almeida, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTORA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Ana Cristina Marinho Lucio (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s André Magri Ribeiro de Melo (UFF), Francisco Canindé da Silva (UERN), Monaliza Rios Silva (UFAPE) e Tania Maria de Araujo Lima (UFRN). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(a) doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADA. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Ana Cristina Marinho Lucio (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 30 de julho de 2025.

Parecer: A banca ressalta o ineditismo da pesquisa, evidenciada na relação entre escrita acadêmica e escrita literária; a contribuição do trabalho para o campo dos estudos literários e para o estreitamento de laços afetivos entre a universidade e as comunidades. A banca recomenda ampliar as considerações finais e o desdobramento da tese em publicações acadêmicas e artísticas e, por fim, indica ainda o trabalho para publicação.

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CRISTINA MARINHO LUCIO
Data: 01/08/2025 09:55:09-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lucio
(Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDRE MAGRI RIBEIRO DE MELO
Data: 30/07/2025 19:30:11-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Prof. Dr. André Magri Ribeiro de Melo
(Examinador)

Francisco
Canindé da Silva
Assinado de forma digital por
Francisco Canindé da Silva
Dados: 2025.08.01 09:49:10
-0300'

Prof. Dr. Francisco Canindé da Silva
(Examinador)

Documento assinado digitalmente
gov.br MONALIZA RIOS SILVA
Data: 30/07/2025 18:49:32-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Profa. Dra. Monaliza Rios Silva
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br TANIA MARIA DE ARAUJO LIMA
Data: 31/07/2025 18:53:14-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Profa. Dra. Tania Maria de Araujo Lima
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br ITAMARA PATRICIA DE SOUZA ALMEIDA
Data: 01/08/2025 10:42:23-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Itamara Patricia de Souza Almeida
(Doutoranda)

A todas as organizadoras do Slam das Minas/PE que ousam acreditar na literatura como instrumento de luta social, antirracista e feminista e a todas as mulheres atravessadas pelo Slam das Minas/PE.

AGRADECIMENTOS

À minha enorme família. Materna!

À minha mãe, a mulher que sempre quis ser. Mas graças a ela, não sou! A beleza está aí. Admiro-a como quem cultiva um jardim espinhoso, mas um jardim, e apesar de todas as limitações e incompreensões no percurso, se há percurso, é por ela existir em minha vida.

Aos meus irmãos, Patrício e Daniele, pelo apoio que me deram nos dias difíceis desses últimos dois anos. E foram muitos dias.

Ao meu filho amado, por ter sido sempre o motivo que me fez/faz enxergar horizontes e, por escorregar pelas minhas mãos trilhando seus próprios horizontes. Quase um rapaz, ainda um menino.

À minha amiga, Jaiza Dutra, por estar em todo a minha vida. Toda! Por ser a única que mudará meu contato em sua agenda de celular: “Dr^a. Itamara Almeida”. Por ser a única que me chamará de doutora e burra na mesma frase. Por me acolher, me refugiar, me mimar e me aconselhar. Me colocar para cima, para frente, me apontar a firmeza dos passos dados, com e sem delicadeza, mas assertiva em todos os momentos. Por ser essa fortaleza em forma de mulher. Por ser a única e por ser única.

À minha amiga Andreza Oliveira, por ser família, lar, acalento e presença. Por me querer bem em dias ruins e em dias bons, em dias silenciosos (com ruídos só nossos e somos muito ruidosas internamente) e em dias muito barulhentos, quando compartilhamos nossos amigos e sonhos de uma sociedade, uma universidade, uma escola mais justas.

À professora Ana Marinho, minha orientadora, por toda atenção e carinho nessa jornada, por todo cuidado e entendimento nesse percurso. Quatro anos, muito respeito, admiração e afeto. Professora, muito obrigada!

À Amanda Timóteo, Iara Castro, Cris Andrade, Elke Falconiere e todas que compõem a Coletiva *Slam* das Minas/PE pelo acolhimento que recebi e principalmente, pelo potente trabalho que fazem com e para além do *slam* em Pernambuco. Vocês são potências e fazem da literatura um lugar mais diverso, plural e solidário. É para isso também que deve servir a literatura.

À Jéssica Preta por simbolizar e significar os atravessamentos que essa pesquisa me possibilitou e foram muitos, mas Jéssica é daquelas que ficam, fincam e criam raízes, tronco e flores. Asas.

À Alana e Jailma, amigas de longas datas que me viram em muitas fases (agora me verão doutora) e me amam em todas, apesar de mim.

A Michela Calaça, minha eterna dirigente, minha amiga. Em nome dela, estendo meus agradecimentos à cada uma mulher, desse enorme país, que são Movimento de Mulheres Camponesas – MMC, minha grande escola de formação política, social e humana.

Às mães de minhas amigas, Dalva (mãe de Andreza) e Alzinete (mãe de Jaiza e Jailma), por ter sido, em alguns momentos, minhas mães também. Nos últimos meses, pós-cirurgia, Alzinete cuidou/cuida de mim como uma quarta filha e só por isso, pude escrever/finalizar a tese. Dalva foi/é lar e família em Campina Grande/PB, só por isso, terminei o mestrado. Sempre mulheres estendendo as mãos às mulheres. O feminismo é, sendo.

À minhas alunas e aos meus alunos, não sabem elas e eles o bem que me fazem. Estendo meus agradecimentos à gestão da escola em que trabalho e aos meus pares. Ter um bom ambiente de trabalho foi fundamental nesse percurso de doutoramento.

À Paulo Henrique, meu amigo de bairro e de vivências, por atentarmos de “prestar” e seguirmos estudando, por combinarmos de não sucumbir aos estereótipos que nos circundam pelo nosso local de origem, pelos nossos corpos. A universidade já tem e terá ainda mais nossas caras e corpos negros e periféricos.

À professora Moama Marques e ao professor André Magri, pelas contribuições na banca de qualificação. Apontamentos que fizeram diferença na forma de me olhar pesquisadora e ter mais paciência comigo, com meu processo, com minha pesquisa. O mundo (ao menos o meu), deu uma girada estranha pós-qualificação, mas segui confiante do caminho, graças a vocês e a minha orientadora. Poderia ser melhor, mas às vezes é só o que conseguimos, apesar das *pedras no meio do caminho*.

À Ary Dantas, professor da UFRJ, pelos ensinamentos e pela acolhida no Rio de Janeiro em 2023, quando fui, a propósito da pesquisa, para a FLUP. Por se tornar um amigo e pelos livros e indicações de leituras.

Às amigas de mestrado, Paulinha, Paula e Helô, pelo incentivo mútuo aos estudos e por nunca nos abandonarmos, apesar da geografia (injusta) desse país. Aproveito para agradecer a elas, Zuila e Joranaide, amigas do doutorado, pelo incentivo mútuo e por tornarem essa jornada ainda mais cativante e leve.

À todas as pessoas que de várias formas atravessaram e afetaram meus caminhos durante esses quatro anos, não é possível mensurar quantas, mas destaco algumas e em nome delas, estendo meus agradecimentos à todas as outras: Kelly, a mais gentil de todas as mulheres da Paraíba. Francisco, motorista da Guanabara, que sempre que podia reservava o meu lugar preferido no ônibus quando das viagens para João Pessoa ou para o Recife. Hélio, colega de doutorado, por me receber em seu lar diversas vezes (com café da manhã) e me levar para as aulas na UFPB e pelas parcerias que construímos. Josilane, da secretaria do PPGL/UFPB pela atenção sempre aos retornos de e-mails sobre dúvidas e solicitações, pela prontidão na resolução de problemas, e, à todas as minhas professoras e professores do PPGL/UFPB, em especial, à professora Rinah Souto, por me proporcionar, junto dela, a experiência no Estágio I e pela delicadeza e dedicação que forja exemplo positivo que nos expiram.

À CNPq pela concessão de bolsa de estudo, sem a qual, transitar entre cidades e estados não teria sido possível.

E agradeço ainda ao mistério, porque há de haver o mistério das coisas e dos seres. Alguns chamam Deuses.

E em nossa fala, em nossa escrita, há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias. Dos terreiros onde as Mães acolhem seus filhos convictas na força da palavra, no Axé, aos movimentos feminista e negro. Desde ontem... Desde sempre... Nossas vozes propõem, discutem, demandam. Há muito que dizer. Há muitos espaços ainda vazios de nossas vozes e faremos chegar lá as nossas palavras. Há muito que fazer dizer. Não tememos. Sabemos falar pelos orifícios da máscara com tal força que estilhaçamos o ferro. Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exato.

(Conceição Evaristo, 2012¹)

[...]Experimenta nascer em Pernambuco, ser preta da periferia, poeta marginal, desafiar a literatura colonial. Palavras de ordem, armadas de palavras, aliás, de vivências, escrevivências. As nossas linguagens ancestrais. Ser fora da Academia de Letras, mas fazer revolução com papel e caneta? Lanças um livro no meio da praça. Dizer basta! Nunca mais ter medo de agir, escrever, falar, existir. Ser donas das nossas próprias origens e histórias. E nunca repetir o passado.

(Amanda Timóteo, 2023²)

¹ Evaristo, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. *Nossa Escrevivencia*, 2012, p. 10. Disponível em: <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>. Acesso: 10 de jun. 2025.

² Gravação realizada no dia 15/04/2023, durante a primeira seletiva do *Slam* das Minas/PE.

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo visibilizar as *vozes-mulheres* (Evaristo, 2011; 2016) do *Slam* das Minas/PE, um *slam* auto-organizado por jovens mulheres diversas (negras, transsexuais, lésbicas, bissexuais) que surgiu no Recife no ano de 2017 e que se alinha à crescente produção feminina da cena de *slams* no Brasil, buscando, cada vez mais, visibilizar uma agenda das mulheres por representatividade nos espaços de *slams* e, consequentemente, na literatura contemporânea brasileira de autoria feminina. Para a realização dessa pesquisa utilizamos a metodologia de trabalho de campo, com aplicação de entrevistas, registros fotográficos, de vídeos e gravações, baseando-se na noção do método etnográfico *de perto* e *de dentro* (Magnani, 2002; 2009; 2012). As formulações presentes nessa tese foram elaboradas durante o trabalho de campo realizado no ano de 2023, no qual ocorreram quatro seletivas e a grande final desse *Slam*. Partindo da hipótese de que *slams* auto-organizados por mulheres são espaços de reivindicação de direitos, de visibilidade e de temas que colocam na agenda do dia uma produção literária de mulheres, especialmente mulheres negras e periféricas, que procuram ecos para discorrer sobre gênero, classe e raça, em uma perspectiva decolonial e feminista, utilizamos como base, principalmente, estudos de intelectuais negras que buscam interseccionalizar esses temas, como Conceição Evaristo (2011; 2016) e o conceito de *escrevivência*, Cida Bento (2022) e a discussão em torno da branquitude, Patrícia Hill Collins (2019) e a noção de *espaço seguro*, as contribuições de Lélia Gonzales (1988) em se tratando das questões raciais em torno do feminismo negro. Notamos também, ao longo da pesquisa e a partir da metodologia, a reivindicação em ocupar os espaços públicos, mesmo com todas as implicações que pode haver para as mulheres, esse *Slam* ocorre em praças e espaços públicos, e, para melhor estabelecer relações com o tema do direito à cidade, conceito difundido por Henri Lefebvre ([1968] 2001) e David Harvey (2014), recorremos, especialmente, a Joice Berth (2024) e Leslie Kern (2021), pensadoras que atualizam o debate em torno do direito à cidade em uma perspectiva feminista e antirracista. A partir das observações em campo, análise de poemas e entrevistas, pudemos constatar que o *Slam* das Minas/PE constitui um “espaço seguro” de solidariedade e sociabilidade, afetos e resistência para as mulheres em suas diversas feminilidades, no qual, a partir dele as poetas amplificam suas vozes na denúncia de uma sociedade patriarcal, racista e classista e reivindicam seus direitos à uma cidade diversa e plural para todas e todos.

Palavras-chave: *Slam*; *Slam* das Minas/PE; Direito à Cidade; Literatura Contemporânea Brasileira.

ABSTRACT

This research aims primarily to give visibility to women's voices (Evaristo, 2011; 2016) from Slam das Minas/PE, a slam poetry collective self-organized by diverse young women (Black, transgender, lesbian, bisexual) that emerged in Recife in 2017. It aligns with the growing presence of female voices in the Brazilian slam scene, increasingly seeking to highlight women's agendas for representation within slam spaces and, consequently, within contemporary Brazilian literature written by women. To conduct this research, we employed fieldwork methodology, including interviews, photographic records, videos, and audio recordings, based on the ethnographic method of being "close and within" (Magnani, 2002; 2009; 2012). The arguments in this thesis were developed during fieldwork carried out in 2023, during which four qualifying rounds and the grand final of this Slam took place. Starting from the hypothesis that slams self-organized by women serve as spaces for the assertion of rights, visibility, and the discussion of themes that bring women's literary production—especially by Black and marginalized women—into public discourse, we adopt a decolonial and feminist perspective. This research draws primarily on Black women intellectuals who work to intersectionalize these issues, such as Conceição Evaristo (2011; 2016) and her concept of *escrevivência*, Cida Bento (2022) and her discussion on whiteness, Patrícia Hill Collins (2019) and the notion of safe space, and the contributions of Lélia Gonzalez (1988) concerning racial issues in Black feminism. Throughout the research and through the chosen methodology, we also observed the demand for occupying public spaces—even with all the challenges this poses for women—as this Slam takes place in plazas and open public areas. To better connect this with the theme of the right to the city, a concept developed by Henri Lefebvre ([1968] 2001) and David Harvey (2014), we drew particularly on the work of Joice Berth (2024) and Leslie Kern (2021), thinkers who update the debate around the right to the city from feminist and anti-racist perspectives. Based on field observations, poem analysis, and interviews, we concluded that Slam das Minas/PE constitutes a "safe space" of solidarity and sociability, of affection and resistance, for women in their diverse expressions of femininity. Through it, poets amplify their voices to denounce a patriarchal, racist, and classist society, and assert their rights to a diverse and inclusive city for all.

Keywords: Slam; Slam das Minas/PE; Right to the City; Contemporary Brazilian Literature.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo principal visibilizar las voces-mujeres (Evaristo, 2011; 2016) del Slam das Minas/PE, un slam autogestionado por jóvenes mujeres diversas (negras, transexuales, lesbianas, bisexuales) que surgió en Recife en el año 2017 y que se alinea con la creciente producción femenina dentro de la escena de slams en Brasil. Este movimiento busca, cada vez más, visibilizar una agenda femenina por la representatividad en los espacios de los slams y, en consecuencia, en la literatura contemporánea brasileña escrita por mujeres. Para llevar a cabo esta investigación, se utilizó la metodología del trabajo de campo, con la realización de entrevistas, registros fotográficos, grabaciones de video y audio, basándose en la noción del método etnográfico desde cerca y desde dentro (Magnani, 2002; 2009; 2012). Las formulaciones presentes en esta tesis fueron elaboradas durante el trabajo de campo realizado en 2023, en el que se llevaron a cabo cuatro rondas clasificadorias y la gran final de este Slam. Partimos de la hipótesis de que los slams autogestionados por mujeres constituyen espacios de reivindicación de derechos, visibilidad y abordaje de temas que colocan en el centro una producción literaria femenina, especialmente de mujeres negras y periféricas, que buscan resonancia para tratar cuestiones de género, clase y raza desde una perspectiva decolonial y feminista. Como base teórica, se utilizaron principalmente estudios de intelectuales negras que buscan interseccionar estos temas, como Conceição Evaristo (2011, 2016) y el concepto de *escrevivência*, Cida Bento (2022) y la discusión sobre la blanquitud, Patrícia Hill Collins (2019) y la noción de espacio seguro, así como las contribuciones de Lélia Gonzalez (1988) en lo que respecta a las cuestiones raciales dentro del feminismo negro. También observamos, a lo largo de la investigación y a partir de la metodología adoptada, una fuerte reivindicación por ocupar los espacios públicos. A pesar de los desafíos que esto representa para las mujeres, este Slam se realiza en plazas y espacios abiertos. Para establecer mejor las relaciones con el concepto del derecho a la ciudad, difundido por Henri Lefebvre ([1968] 2001) y David Harvey (2014), recurrimos especialmente a Joice Berth (2024) y Leslie Kern (2021), pensadoras que actualizan este debate desde una perspectiva feminista y antirracista. A partir de observaciones de campo, análisis de poemas y entrevistas, constatamos que el Slam das Minas/PE constituye un "espacio seguro" de solidaridad y sociabilidad, afecto y resistencia para las mujeres en sus diversas feminidades, donde las poetas amplifican sus voces para denunciar una sociedad patriarcal, racista y clasista, y reivindican su derecho a una ciudad diversa y plural para todas y todos.

Palabras clave: Slam; Slam das Minas/PE; Derecho a la Ciudad; Literatura Contemporánea Brasileña.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Primeira edição do Sarau da Resistência [p. 55]
- Figura 2 - Logo da primeira seletiva de 2023 [p. 74]
- Figura 3 - Academia do Coque, situada na Praça do Coque [p. 78]
- Figura 4 - Espaço sendo organizado para o slam. Praça do Coque [p. 78]
- Figura 5 - Abertura do *Slam* das Minas/PE, 2023 [p. 81]
- Figura 6 - Bell Puã, sentada na cadeira, segurando o violão [83]
- Figura 7 – Logo da terceira seletiva [p. 85]
- Figura 8 – Cidade desconhecida, próximo de Recife [p. 86]
- Figura 9 - Imagem do mapa do percurso entre Boa Viagem e Pontezinha [p. 87]
- Figura 10 - Área interna do Clube [p. 88]
- Figura 11 - Vencedoras da seletiva de Pontezinha [p. 102]
- Figura 12 - Logo da quarta seletiva [p. 104]
- Figura 13 - Logo da seletiva final [p. 108]
- Figura 14 - Monumento intitulado "Tortura nunca mais" [p. 112]
- Figura 15 - Monumento intitulado "Tortura nunca mais" [p. 112]
- Figura 16 - Rua da Aurora/PE [p. 113]
- Figura 17 - Rua da Aurora/PE [p. 113]
- Figura 18 - Rua da Aurora/PE [p. 114]
- Figura 19 - Rua da Aurora/PE [p. 114]
- Figura 20 - Quiosque do Jesus [p. 115]
- Figura 21 - Final do Slam das Minas/PE, 2023 [p. 119]
- Figura 22 - Patrícia Naia [p. 145]
- Figura 23 - Bell Puã [p. 146]
- Figura 24 - Lilian Araújo [p. 146]
- Figura 25 - Olga Pinheiro [p. 147]
- Figura 26 - Mariana Ramos [p. 147]
- Figura 27 - Formação da Coletiva do *Slam* das Minas/PE em 2023 [p. 150]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	34
PERCURSO AFETIVO DA PESQUISA: DE <i>DENTRO E DE FORA</i>, O CORPO NEGRO-MULHER-PESQUISADORA	34
1.1. O corpo-negro: voz, corpo e subjetividade	41
1.2. O corpo-gerúndio: aprender, aprendendo.....	46
1.3. Corpo-negro/mulher/pesquisadora: <i>de perto e de dentro</i> , um olhar etnográfico	56
CAPÍTULO II.....	69
“RESPEITE A RIMA DAS POETAS NORDESTINAS”: UMA ETNOGRAFIA DO SLAM DAS MINAS/PE	69
CADERNO DE CAMPO – 2023:.....	70
UMA ETNOGRAFIA DO SLAM DAS MINAS/PE.....	70
PREFÁCIO	71
CAPÍTULO III.....	121
VOZES DAS MINAS NA OCUPAÇÃO DAS CIDADES: “O SLAM TIRA A GENTE DE ZONAS DE RISCO, NÉ?”	121
3.1. “ <i>O slam</i> tira a gente da zona de risco, né?!” Entrevistando Amanda Timóteo e Cris Andrade	127
3.2. Cidades-navalhas: poemas “Recife” de Patrícia Naia e “Estatística” de Jéssica Preta.	153
3.3. “Recife”: um corpo-urbano	154
3.4. “Estatística”: “Espaço público é cenário de guerra”	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	167

INTRODUÇÃO

[...] eu acredito muito na força e na potência do *slam* pra revolucionar o presente, eu acho que, por exemplo que eu nunca estaria aqui se não tivesse sido o *slam*, jamais me veria como escritora, jamais teria voltado pro teatro porque não achava que a arte cabia pra mim. Então, o *slam* pode mudar a vida de uma pessoa por inteiro, sabe? O *slam* me mudou por inteiro, o *slam* fez eu mudar de visão política, racial, de gênero. O *slam* fez eu entender quem era eu mesma, sabe? Perceber que eu podia ser artista, cabia arte aqui [...].

(Jéssica Preta, 2023)¹

A arte pode funcionar como sensibilizadora e catalizadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam provocar mudanças radicais. A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento.

(Angela Davis, 2017)

“Eu tava passando pelo *Slam* das Minas/PE no Marco Zero, vi umas meninas aglomeradas, meninas negras, muitos blacks e eu falei *nossa que diferente, o que é isso?* Entrei para ouvir e era lindo! Assim... me emocionei demais”. Esse relato é o início de uma entrevista que realizei com Jéssica Preta, nome artístico de Jessicalen Conceição de Oliveira, durante um dos dias de programação da Festa Literária das Periferias – FLUP, no ano de 2023, no Morro da Providência, Rio de Janeiro.

Jéssica é uma jovem mulher negra de apenas 31 anos, pernambucana, mãe, atriz, educadora popular e seu primeiro contato com o *slam* de poesia foi no Recife, contudo sua atuação como *slammer*² e como *slammaster*³ se dá em outro território nordestino: Campina Grande no interior da Paraíba, na periferia do Pedregal, local em que morava com sua família e foi lá que, junto com seu companheiro e outros integrantes da comunidade, organizou o *Slam* do Pedregal⁴, na praça da comunidade que fica nas proximidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

De volta ao Recife, Jéssica passa a atuar como *slammer* no *Slam* das Minas/PE e acredita nele como possibilidade de alterar realidades, de forma propositiva e positiva como aconteceu

¹ Entrevista realizada em 19 de outubro de 2023, durante a FLUP, Morro da Providência, Rio de Janeiro.

² *Slammers* são poetas que performam os poemas nas competições de *slam*.

³ *Slammaster* é semelhante ao um mestre de cerimônia, ou seja, é quem fica com a responsabilidade de chamar as/os *slammers* inscritos para a competição e quem anima as pessoas presentes.

⁴ O *Slam* do Pedregal ou Batalha do Pedregal, como consta na página do Instagram, muda de nome após um desentendimento entre os integrantes segundo Jéssica Preta (entrevista realizada por mim durante a FLUP- 2023). Passando a chamar-se Batalha do Pedregal. Importante mencionar que é muito comum o uso do termo “batalha” como sinônimo para nomear os *slams*, muitas vezes pela vinculação estrita com as batalhas de rimas, de passinhos, que já existem nesses territórios e a chegada do *slam*, que em alguns lugares se dá pela vinculação com o hip-hop, especialmente o rap, passa a ter a mesma dinâmica de “batalha”, mas com as características dos *slams*. Ambas as páginas do Instagram estão disponíveis em: <https://www.instagram.com/batalhadopedregal?igsh=ajJuemoyZ2lyYWoy> (Batalha do Pedregal) <https://www.instagram.com/batalhadopedrega?igsh=aG0xamRucHlibjM4> (Batalha do Pedregal). Acesso em 13 de fev. 2025.

em sua própria experiência de vida. O *slam* a devolveu para a arte, para o teatro, mudou-a “por inteiro”, pois a arte pode e deve ser “sensibilizadora e catalizadora” de mudanças radicais e revolucionárias (Davis, 2017); pois a arte, assim ou enquanto expressão cultural, como alerta o ex-ministro da cultura Gilberto Gil, é ordinária, é necessidade básica, enquanto povo, enquanto expressão de povos, enquanto “potência solidária”⁵.

E nessa pesquisa, o desenvolver dessa “potência solidária” se deu em diversos níveis: pela na proximidade dúvidas e conflitos sobre o “objeto” de pesquisa e de como fui acolhida como pesquisadora, e jovem, e negra, e mulher, e nordestina, e escritora disposta a não somente sentar-me na roda de *slam* e anotar em meu caderninho as “coisas importantes”, mas de ser lembrada e acolhida como uma de “nós” por todas que fazem parte da “família” do *Slam* da Minas/PE; pela própria potência solidária que é um *slam* no Brasil, local de acolhida, circulação de objetos artísticos, literários, culturais como zines, livros independentes, cartazes, lambes, discos, e entre outros; pela sociabilidade entre povos, especialmente, jovens negras e negros, que ocupando as urbes, sabe das dificuldades em chegar até o “centro”, mas ao chegar, se conectam, se articulam e realizam uma das mais autênticas expressões literárias que esse país tem visto; seja ainda pelo incentivo constante das “mulheres de minha vida”, aqui destaco, Ana Marinho, de devolver-me para mim em dias de falta de inteireza e lembrar-me que sou capaz, que essa é minha pesquisa, meu trabalho, mas que também é uma pesquisa, um trabalho do qual é necessário fechar o ciclo para “fazer as coisas importantes da vida”, como me disse, sabiamente, uma vez em um momento de orientação. Sei que Ana não estava desconsiderando a importância da tese, apenas me alertando que a vida, as lutas e as trincheiras também estão para além dos muros da universidade, mesmo quando estamos tratando de um trabalho como este.

Dito isto e sem nenhuma pretensão definitiva em definir todas as vozes do *Slam* das Minas/PE, nem as representar, busco nessa pesquisa visibilizar essas “vozes-mulheres” (Evaristo, 2011; 2016) desse *Slam*. Portanto, minha tese e de que o *Slam* das Minas/PE (poderia dizer os *slams* de mulheres de modo geral, mas me faltariam elementos de comparação) constrói e fomenta espaços seguros (Collins, 2019), bem como fomenta e fortalece uma literatura feminina, feminista, de feminilidades diversas, fortalecendo escritoras, *slammers*, *slammasters*, produtoras culturais, estudantes, jovens mulheres, negras e nordestinas que se desafiam todos

⁵ Embora tenha viralizado como *reels* recentemente em plataformas como o Instagram, essa entrevista foi realizada em 2003, quando o então Ministro da Cultura Gilberto Gil vai à Feira Literária Internacional de Paraty - FLIP, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://youtu.be/Qeb2L3oZpzc?si=JqGm2m1Sgv2XhNui>. Acesso em 24 de fev. 2025.

os dias ao organizar esse “espaço seguro”, onde seja possível denunciar injustiças sociais e históricas incrustadas nessa sociedade racista e patriarcal, mas também onde seja possível constituir “potências solidárias” de escuta e de acolhimento, de belezas múltiplas, corpos múltiplos e diversidades e individualidades infinitas, reafirmando apenas o óbvio que precisa ser dito repetidamente: “sempre estivemos aqui”, mesmo sem “lenços e documentos” que “provem” a existência de nossos antepassados, que provem o assassinato em massa, sem certidões de óbitos (que nunca virão), de nossa gente.

Desse modo, dediquei-me a ouvir, discutir e sistematizar essas vozes insubmissas que se apropriam do *slam* de poesia, dessa literatura contemporânea forjada por sujeitos escamoteados da sociedade, denominada de várias formas (Literatura Marginal, Literatura Periférica, Literatura de Rua, Literatura marginal-periférica, Nova Literatura Marginal) e entre modos de nominar o que aqui estou chamando de literatura contemporânea brasileira⁶, como mais uma trincheira de luta e reexistência, como mais uma possibilidade de contarmo-nos sob nossa ótica, nossos sentimentos e tatos, sensibilidades, raivas, dores, revoltas, gritos, performances e subjetividades, ainda afetada pela colonialidade, mas disposta a coletivamente, desconstruir e construir novos paradigmas do que somos, queremos e podemos fazer e ser.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi fundamental a metodologia de trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas, gravações de seletivas, conversas informais, fotografias e vídeos durante as seletivas. A aquisição de materiais como zines, livretos e livros nas competições, bem como a imersão no antes, durante e depois (*after*) de cada seletiva que participei no ano de 2023 durante as competições do *Slam* das Minas/PE⁷. Além do aporte teórico e metodológico utilizado que está mais bem descrito no primeiro capítulo.

⁶ Na minha dissertação de mestrado intitulada Literatura marginal-periférica: muitas Maris, tantas Anas em *Mania e Vício* de Mariana Felix, defendida em 2019, há uma melhor explicação sobre os desafios e disputas em nomear essa produção literária advinda das periferias brasileiras. Há época, decidi pelo termo “Literatura marginal/periférica” em consonância com pesquisadoras como Lúcia Tennina e Érica Peçanha do Nascimento. Atualmente, tenho defendido que usar expressões como Literatura Contemporânea ou Literatura brasileira produzida/advinda das periferias é mais assertivo, visto que de fato são produções contemporâneas brasileiras e os marcadores de “origem” podem fortalecer politicamente, mas muitas vezes são usados como mecanismos de “encaixotar” e diminuir essas produções. Contudo, nesse trabalho, usarei os termos Literatura marginal ou marginal-periférica sempre que for necessário para ajudar na compreensão política dos textos e na tentativa de aproximação com os sujeitos e as sujeitas que assim a denominam. Disponível em: [Biblioteca Digital de Tese e Dissertação: Literatura marginal/periférica: muitas Maris, tantas Anas em Mania e vício de Mariana Felix](#). Acesso em 03 de fev. 2025.

⁷ Durante o ano de 2023 fiz trabalho de campo (entrevistas, gravações, filmagens) no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Recife, também estive no Rio de Janeiro durante 15 dias em várias competições de *slams* da FLUP, pois naquele ano o foco da FLUP foi exatamente os *slams*. Contudo, em diálogo com a banca de qualificação e com minha orientadora, decidimos focar no *Slam* das Minas PE, por isso, menciono apenas o trabalho de campo realizado lá.

Ainda é importante ressaltar a escolha pelo uso de pronomes femininos sempre que possível e a utilização, em vários momentos, do pronome “nós” e do pronome possessivo “nossa”. Essa escolha se deve ao fato de que, como uma pesquisadora negra acolhida nos espaços de competição de slam — e considerando as escolhas metodológicas que fiz durante esse percurso de pesquisa com as “sujeitas” — há um imbricamento que me deixa confortável na utilização dos termos. Dessa forma, o uso não parece falso ou desprovido de verdade frente às relações construídas em campo.

Outro ponto a destacar, ainda sobre a metodologia, diz respeito ao modo como fiz as entrevistas e utilizei as transcrições que são colocadas no trabalho. Optei pela transcrição literal das falas (em sua maioria), com as marcações, pausas, silêncios, gírias, descrições que tanto eu, na condição de pesquisadora, como as poetas utilizamos durante as entrevistas. Creio que essa escolha é coerente com o percurso que propus para a realização da pesquisa e evidencia que nossos lugares de enunciação até podem ser distintos, afinal enuncio de um lugar acadêmico, mas há correspondências reais entre o “objeto narrado” e quem o narra. Há correspondências materiais que se evidenciam inclusive na fala, nas expressões e no entendimento não hierarquizado da palavra, do uso da linguagem e da oralidade que, sem grandes esforços de minha parte, pude realizar. Diria, na verdade, que com naturalidade. Aqui, no exercício da escrita, da concatenação de ideias, há de fato esforço em manter coerência, coesão, certo nível de formalidade de escrita, utilização da norma adequada para um trabalho acadêmico e vários elementos que aqui se fazem necessários, mas que em campo, nas entrevistas, nas interações eram/foram dispensáveis. Inclusive os limites entre pesquisadora e participante, pesquisadora e ouvinte, pesquisadora e jurada, pesquisadora e “mana” foram diversas vezes diluídos, se não por inteiro, mas pela sensibilidade das poetas em me reconhecer como esse “nós” e me acolherem.

De modo que, na tentativa de contar sobre as Outras (as mulheres envolvidas no *Slam* das Minas/PE) ao contar sobre mim (a pesquisadora) e sobre um nós (mulheres negras ou racializadas, povos negros, mulheres periféricas), busco a utilização de uma linguagem muito mais próxima daquilo que fiz no percurso do trabalho e daquilo que faço como ofício: escrever. — Também sou escritora, quase que essa última frase não sai — contar história, uma versão, um ponto vista e para isso, mesclam-se sem hierarquias tipos e formas de linguagens distintas; literárias, descritivas, teóricas, orais mas, sobretudo, na busca da poética, da poesia que também há (ou devia) ao aprender aprendendo, caminhar caminhando, escrever escrevendo... Também os nossos trabalhos acadêmicos que se imbricam às nossas vidas e às nossas escolhas por

demasiado tempo e fardo pesado demais seria se não fosse um caminhar entre espinhos, lógico, mas sabendo da existência das flores e caminhando, ora outra, sobre elas.

Penso, portanto, quão difícil e triste deve ser um percurso sem brilho nos olhos e sem afetividades capazes de fortalecer as nossas “potências solidárias”, nos fortalecer enquanto gente, por isso, antes de descrever o que contém em cada capítulo nessa introdução, antes de trazer uma revisão bibliográfica, minha leitora, meu leitor deve saber o que me fez brilhar os olhos e escolher o *slam* como objeto de pesquisa, trilhando o caminho das flores, com espinhos, com poesia e afetos.

**“São Paulo é um buquê”:
A Praça Roosevelt e a inevitável correspondência pessoal e coletiva⁸**

O ano era 2016, já tinha “ouvido falar” sobre os *slams*, até já tinha visto algumas performances circulando no *feed* de meu Facebook, mas nunca havia presenciado um, em meu imaginário era algo parecido com os saraus que realizávamos na universidade contra o Golpe de Estado que a presidente Dilma, inevitavelmente, sofreu naquele ano. Despretensiosamente, enquanto cumpria uma tarefa em São Paulo como dirigente nacional do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil – MMC⁹, do qual sou militante até os dias de hoje, resolvi que iria à Praça Roosevelt, situada na área central da cidade.

Fui sozinha. Chamei um Uber, sabia que era dia de seletiva do *Slam Resistência*¹⁰ e cheguei, como sempre, mais cedo do que o “necessário” e como constatei ao longo do trabalho de campo, esse *chegar mais cedo* foi, possivelmente, o melhor da pesquisa, os andaimes¹¹, as colunas que, inevitavelmente, permanecem mesmo com o trabalho “finalizado”, pois me possibilitava uma interação com o meio, um reconhecimento do campo (Magnani, 2022), um modo de saber como agir ou como não agir.

Em SP, por exemplo, posso garantir que me senti perdida, cidade grande, avenidas enormes e eu tinha *apenas 25 anos de sonho, sangue* e “nordestinidades”. Era minha primeira vez em São Paulo e a voz melodiosa do Criolo não saia de minha mente, afinal, estava com

⁸ Ao longo desse trabalho sempre que houver textos em caixas significa relatos de campo, escritos durante e/ou logo após as idas à campo.

⁹ Para mais informações sobre minha organização política, buscar o site <https://mmcbrasil.org/>. Acesso em 22 de fev. 2025.

¹⁰ O *Slam Resistência* é o terceiro *slam* brasileiro, foi organizado em 2013, período das manifestações de julho, na Praça Roosevelt, uma das praças mais movimentadas da cidade de São Paulo.

¹¹ O termo “andaimes” foi utilizado pelo professor doutor e membro da minha banca de qualificação, André Magri, ao mencionar a “arquitetura” que estava construindo no trabalho. A qualificação foi realizada no dia 19 de dezembro de 2023.

medo de *não existir amor em SP* e os versos do *rapper*, apesar de contrários àquela situação, me causavam conforto e a certeza de que ficaria mais um pouco.

Sozinha e em silêncio, cantarolava como quem se nina: “*Não existe amor em SP/ Um labirinto místico/ Onde os grafites gritam/ Não dá pra descrever/ Numa linda frase/ De um postal tão doce/ Cuidado com doce/ São Paulo é um buquê/ Buquês são flores mortas/ Num lindo arranjo/ Arranjo lindo feito pra você [...]”¹², mas me mantinha firme à espera do início da competição, pois só queria experienciar estar em um *slam* e não podia perder a oportunidade de ir ao *Slam Resistência* estando em São Paulo. Não sabia quando teria outra oportunidade como aquela.*

Um homem alto que se destacava em meio aos demais realizava pequenos ajustes em um “espaço quase vazio”, sem estrutura capaz de evidenciar alguma realização de evento ali. Olhava, assustada (como olho para São Paulo até hoje), uns comandos e gestos para outras pessoas próximas, perto de uma escada esverdeada e enferrujada e de uma espécie de muro de concreto mais elevado, alguns transeuntes que já se acomodavam em um canteiro sem árvore, outros que se sentavam nas bordas do muro e outros que, indiferentes, passavam.

Eu fiquei próxima, de pé, àquelas pessoas do canteiro, intuitivamente, sentia que se formaria um círculo em breve e aos poucos chegavam as juventudes, em sua maioria negras/negros, com cabelos blacks, trançados, dreads, vestimentas “descoladas” e sentavam-se no chão formando o que já previa intuitivamente: um círculo, mais precisamente um semicírculo que se moldava diante da presença dos realizadores do *slam*. Como havia pessoas no alto da parede, me lembrou uma arena.

As pessoas pareciam se conhecer, conversavam, mostravam vídeos umas às outras em seus smartphones, sorriam, fumavam... e eu, impassível e tímida, além de medrosa e sustentando os versos de Criolo em minha mente, permanecia de pé, com olhos assustados e curiosos que observavam o local para reconhecer o território. Em meus pensamentos de mulher, estava apenas o medo da volta para o local da minha atividade original e o assombro do perigo que paira sobre as grandes metrópoles. Do perigo que sempre paira sobre as mulheres em ocupar, vivenciar, experienciar as cidades, os espaços públicos.

Entretanto, como dito, fui uma das primeiras a chegar, nunca tinha sido vista naquele local e estava “erroneamente” na fileira de frente quando o semicírculo, enfim, fora formado e era hora de começar o *Slam*. Músicas se misturavam em ritmos entre o Funk e o Rapp,

¹² Composição de Criolo que está presente no álbum *Nó na Orelha*, lançado em 2011 e que está disponível em: [Criolo - Nó Na Orelha \[CD Completo\]](#). Acesso em 29 de fev. 2025.

celulares dispostos a filmagens e fotos e aquele homem alto, destacante, começa a dar as boas-vindas, enquanto outro grupo, que ficava ao lado, mais recuado, inscrevia pessoas para participar (só depois de entender o funcionamento dos *slams* é que percebi que aquelas pessoas estavam se inscrevendo “na hora”¹³). Aquele homem alto, destacante, apontou em minha direção e sugeriu que fizesse parte do time de “jurados”. Sei o que é um jurado, mas fiquei sem graça e a plateia aplaudiu em tom de aprovação e entrei no “jogo” acenando em um balanço de cabeça afirmativo e um sorriso tímido.

Aquele homem alto, destacante, chamava-se Haux Del Chaves¹⁴, o fundador do *Slam Resistência*. E foi assim que me tornei jurada logo no meu primeiro contato com um *slam*. E, como a Jéssica Preta, pensei: “nossa, que diferente, o que é isso?” e emocionada, entre as performances, os textos, as diversidades de pessoas, a casualidade de tudo, me deparei com o que considero, em concordância com Jéssica, um ato revolucionário, capaz de alterar vidas como as nossas e de colocar todas as minhas certezas do que é literatura em xeque, pois foi ali, em 2016, na praça de uma das maiores metrópoles da América Latina, recém graduada em Letras e apaixonada por literatura brasileira (canônica) que, finalmente, vivenciei um dos momentos mais arrebatadores de minha vida enquanto mulher, jovem, negra, nordestina e, ali, naquele dia, apenas uma militante social curiosa, com poucas leituras ainda de autores “não canônicos” estava me direcionando ao caminho de uma literatura contemporânea brasileira arrebatadora e que me tocava em “carne viva”, que me provava e me provocava a pensar na “potência solidária” da arte.

E é com esse relato do primeiro contato, de brilhar os olhos e confortar corações que justifico minha escolha em ter os *slams*, especificamente o *Slam das Minas/PE*, como objeto de estudo, por ter tido a capacidade em ser um elemento intrínseco do encontro entre a “inevitável” correspondência pessoal e coletiva que senti naquele momento. Foi na praça Roosevelt, entre as performances que traziam temas tão pertinentes para minha formação e sobre a formação do Brasil que percebi, assim como a Cida Bento (2022, p. 24), que “É urgente fazer falar o silêncio” e os gritos, os aplausos, as vaias, os temas dolorosos como a escravidão, o racismo, as opressões de gênero, as violências em que ainda hoje estão submetidos os povos negros, as populações de periferias me fizeram refletir, entre outras coisas que:

¹³ Apesar de não se configurar como uma regra em si, em 2016 ainda era muito comum que fosse essa a dinâmica dos *slams*, poetas se inscreviam ao chegar ao espaço, hoje essa dinâmica se alterou bastante, em especial por conta da pandemia de Covid-19 quando os *slams* começaram a ser realizados virtualmente e com inscrições prévias.

¹⁴ Adelson Avellaneda, conhecido por Haux Del Chaves foi o idealizador do *Slam Resistência*, foi um multiartista e ativista social, morreu em junho de 2020.

[...] falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (Bento, 2022, p. 25).

Apesar de meu pessimismo, concordando com a psicóloga e intelectual, Cida Bento, no que concerne a essa possibilidade de avançarmos em outros modos de sociabilidade nos quais seja desvelado esse silêncio e omissão arbitrárias da branquitude, na tentativa da manutenção de seus privilégios, e, compreendendo os *slams* como força motora capaz de “auxiliar as novas gerações” negras no enfrentamento e resolução de um passado cruel, corro o risco de ser redundante nas informações, uma vez que a cada dia mais se alastram as pesquisas sobre os *slams* no Brasil. Mesmo assim decidido pela apresentação de uma breve memória da chegada deles ao território nacional e alguns de seus desdobramentos, já afirmando que considero os *slams* brasileiros uma expressividade negra, majoritariamente das juventudes periféricas e mesmo que seja pleonástico, me alinho novamente com o pensamento de Cida Bento (2022), quando reflete que está mais do que na hora de falar o óbvio, romper o silenciamento desse pacto que se dá de geração em geração de maneira subjetiva e naturalizada entre a branquitude, e, se podemos, falamos, gritamos, performamos... escrevemos teses!

Assim, os *slams* são competições de poesia falada e performada, com regras específicas e variáveis a depender do contexto em que são realizados. Existem em diversos países do mundo e, cada vez mais, se articulam em redes locais, nacionais e internacionais difundindo a ideia de democratização da voz, da palavra, da poesia, da literatura, de modo que a pesquisadora baiana Amanda Juliete (2023), em seu livro *Tem poeta na casa? mulheres negras, poetry slam e insurgências*, destaca: “[...] tão importante quanto o debate sobre a “sobrevivência” da poesia e sua valorização como gênero literário é a discussão sobre a democratização da produção e do acesso a ela, bem como a valorização de vozes historicamente excluídas pela tradição literária” (Juliete, 2023, p. 74). Embora a pesquisadora esteja relacionando o contexto estadunidense, local onde surgem os *slams*, (em inglês, *poetry slam*) e a derrocada naquele período histórico da poesia (leia-se gênero literário poema) ou, pelo menos de uma poesia que passa a ser engendrada pela academia e entra, segundo a autora, em “crise”, essa discussão também se aplica ao Brasil, no qual a tradição oral da poesia chegou a ser bem forte com o advento dos folhetos de cordéis, mas hoje é cada vez mais raro ter poetas populares recitando em praças públicas seus cordéis, o que significa apenas que mudaram-se os modos de produção e circulação, de modo que, em contextos distintos, podemos falar em situações convergentes.

Contudo, na literatura contemporânea brasileira, como destaca o professor e pesquisador Luciano Justino (2014) no livro *Literatura de Multidão e intermidialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente*, há na contemporaneidade uma literatura que torna polissêmica a relação entre literatura, cotidiano, autoria, autorrepresentação. Essas relações se matizam forjando infinitas formas de narrar o cotidiano e infinitas personagens (Justino, 2014), uma vez que as:

[...] relações com a tradição e com o campo literário são indiretas. O diálogo com a cultura de massa é mais recorrente que a referência aos grandes autores e seus modelos de escrita. Clichês televisivos e da literatura comercial e referências à música popular são recorrentes. A ausência quase total de “literalidade” em algumas dessas narrativas é espantosa, para os profissionais das Letras (Justino, 2014, p. 143).

Justino evidencia, de forma irônica, que, para nós, definidos por ele de “profissionais das Letras”, essa literatura contemporânea brasileira tem outros referentes como base. Na voz lírica de uma poesia *slam* da Jéssica Preta, podemos notar esses novos referentes e o rechaçamento ao *status quo* dos “profissionais das Letras”. Vejamos:

Respeita a escola literária de cadênciа informal
Na faculdade, o professor disse não ser real
“Slam não é poesia”
eu quero que foda-se
tua nomenclatura
e toda essa hipocrisia
Enfia teu terceto no cu
recheado de muita lírica¹⁵

A voz lírica do poema rechaça aquilo que sabe, por isso utiliza termos como “escola literária”, “terceto” e “lírica” que, entre muitas definições, está o fato de que é associada a um gênero literário: o gênero lírico, a voz que fala no poema. E sim, a poeta sabe que há uma voz que fala em seu poema, mas realça uma lírica específica, a de “cadênciа informal” que talvez o “profissional das Letras”, o professor da faculdade, a pesquisadora, não considerem “poesia”, o que não impede a autora de construir um poema cadenciado, musicalizado, rimado, ritmado, lírico, ou seja, poético, com forma e conteúdo estéticos.

Assim como o poema acima, há inúmeros outros que fazem referências diretas à cultura pop, à cultura de massas, à cultura popular e especialmente à MPB e às músicas em geral, seja para evocar algo positivo, como fez Clarinha — nome artístico de Maria Clara que, além de poeta, é atriz e bailarina, foi a ganhadora da seletiva de Pontezinha e disputou vaga na final do

¹⁵ Ouvi esse poema pela primeira vez na última seletiva do *Slam* das Minas/PE, na Rua da Aurora, Recife, no dia 09 de outubro de 2023. Gravei, mas depois a Jéssica me enviou escrito, logo a disposição dos versos está de acordo com a forma que a autora me enviou.

Slam das Minas/PE com Jéssica Preta. Nessa seletiva final, na Praça da Aurora, começou uma de suas performances cantando “A carne” (conhecida e difundida na voz da cantora Elza Soares) — seja para forjar novos sentidos às músicas que objetificam as mulheres e os corpos femininos.

Tal apresentação, me fez lembrar de um dos primeiros poemas *slams* que vi circular nas redes sociais e chegou até mim pelo Facebook, tocando-me profundamente: o poema “Músicas”, da escritora paulistana Mariana Felix. Mais tarde, três livros dessa autora tornaram-se objeto de pesquisa de meu mestrado. O poema em questão diz assim:

MÚSICAS¹⁶

Cresci ralando na boquinha da garrafa
Então, no que te surpreende o
MC Brinquedo ser fã do MC Catra
Afinal já me diziam: “olha a bunda, ô Raimunda
subiu a temperatura, ô Raimunda”

Raimunda, menina que enjoou da boneca
E não quis mais vestir Timão
Deveria ter tido outras músicas de opção
E quem sabe então
ela perceberia que não é normal
Ser só objeto sexual
Mas não!

O Califa ficou de olho no decote dela
Ficou de olho no biquinho do peitinho dela
Ficou de olho no balanço das cadeiras dela
E o mundo fez de Raimunda
Outra síndrome de Cinderela

Afinal nos fabricaram pra ser Amélia
Servir sem vaidade
nos ensinaram a ser mulher de verdade
[...]

E eles gritam: “só as cachorras, as preparadas”
[...]
Segura esse seu tcham, amarra bem esse seu tcham
Se não o tcham, tcham, tcham, tcham
Vai ser você acordar sem ele de manhã.
[...]

“Dói, o seu tapa me dói, o seu tapa me dói
Eu vou logo ligar 180!”
Tô atoladinha de suas hipocrisias!

¹⁶ Esse poema foi performado em diversos *slams* pela autora. Em 2019, quando Mariana Felix chegou à final do SLAM BR, ele foi novamente performado. Deixo aqui o link de acesso à essa performance completa. Disponível em: [Mariana Felix - Poesia das Músicas \(com legenda\)](#). Acesso em 02 de mar. 2025.

[...]

(Felix, 2017, p. 39, 40, 41)

Como a Mariana Felix, muitas de nós crescemos ralando na boquinha da garrafa. E, moralismos à parte, a problematização da voz lírica está no fato da objetificação da mulher ser demasiadamente naturalizada, inclusive nas músicas; funk, brega, MPB, axé... que, somente ao retomar essas letras, notamos, com maior precisão, o tom violento, machista e de extrema objetificação de nossos corpos.

Mas o motivo real de trazer esse poema, além do valor simbólico para mim, diz respeito ao fato de que, embora o suporte dos *slams* seja oral, através das performances, eles quase sempre pressupõem a existência anterior de textos escritos que, ao serem performados em diversos *slams*, ou diversas vezes, alteram-se tanto a performance como a “grafia” das palavras.

Se parássemos para observar somente esse poema performado pela autora, notaríamos diversas mudanças de ritmo, entonação, mudanças de palavras, por isso, como aponta Roberta Estrela D’Alva (2011), uma performance é sempre única. Dito de outra forma, uma performance é sempre uma performance, incapaz de reprodutividade, mesmo que o poema seja o mesmo. Por isso, para pensar os *slams*, compete uma problematização que o pesquisador Paul Zumthor (2019) faz em seu livro *Performance, recepção e leitura* quando discute sobre a poesia oral. Aqui vale sua preocupação de que é “necessário quebrar também o círculo vicioso dos pontos de vista etnocêntricos, e, no caso da poesia, grafocêntricos” (Zumthor, 2019, p. 15), pois a mobilidade entre escrita e oralidade, oralidade e escrita é uma marca fundamental das performances de *slam*.

Em nosso país e em muitos outros, os *slams* estão, em sua maioria, ligados às culturas das periferias e das urbes e seus principais agentes são as juventudes, mas isso não é um critério estático, há nuances e, com o passar dos anos, já podemos identificar um certo “envelhecimento” na cena, uma vez que, melhor estabelecidos, no Brasil foram formando-se coletivas, coletivos e grupos que são responsáveis por realizar/promover determinados *slams*. Entretanto, não há impedimento de que esses grupos que organizam um *slam* específico possam participar de outros como competidores, como *slammers*, inclusive, não há impedimentos de alguém que compõe uma coletiva, ou seja, faça parte de um grupo que realiza um *slam*, possa participar do mesmo *slam*, desde que, nesse dia, a pessoa não esteja nas estruturas definidoras, como *slammaster*, jurado/a, um grupo de cinco, escolhidos entre o público presente e matemático, quem faz a contagem das notas, descantando a menor e a maior delas.

Aqui os *slams* são majoritariamente realizações das periferias e assimilaram-se, desde o seu surgimento em nosso território, às lutas dos povos periféricos — predominantemente, negros e negras — à proposta de reivindicação do direito à cidade, e consequentemente, à emergente Literatura Marginal do início dos anos 2000, e, assim como os “novos” saraus (Tennina, 2017), anteriores aos *slams*, fortalecem, fomentam, disseminam, cultivam e retroalimentam um potente movimento cultural, artístico, estético e literário nas periferias do país¹⁷, altamente politizado, engajado e coletivo como evoca o Hino do *Slam* Resistência.

Sócio-pifania, poesia sempre vence, a
competição é ironia, dialético, esporte
poético, slam com o espírito le parkour com
as palavras.

Brasil, vandalismo lírico, tem espaço pra
geral, tem até poeta mudo, mostre seu poder
composicional em três minutos, tragam
suas armas letais, atitude e inteligência,
Sabotage sem Massage na Mensage,
Slam Resistência, multi-etnia, é Noiz! Ahoo.
Brasilidade.

Trovadores... Pensadores... da contemporaneidade¹⁸.

Ouvia esse hino enquanto pensava que São Paulo estava frio para uma nordestina, mas nordestina que sou, estava bem agasalhada com um moletom preto, tênis esportivo e calça jeans. Essa poesia/hino acima foi a abertura do *Slam* Resistência que ecoava entre as pessoas presentes, percebia rapidamente que era algo repetitivo, rotineiro. O *slammaster* da noite, Del Chaves, com voz grave e alta, manejo corporal como de um rapper experiente, mãos ativas e braços longos, recitava o poema já dando certas pausas para a interação do público que aumentava o tom de voz, como em um coro que sabe exatamente cada verso, cada entonação, cada momento para o somar de vozes e, ao fim da performance do Del Chaves, ecoou forte o grito/marca desse *Slam*: “Sabotage sem massage na mensage: *Slam* Resistência”.

Essa primeira performance, que não era nada mais que o usual, o cotidiano nas aberturas do *Slam* Resistência, me prendia como nos contos da Iara e me conduzia para o fundo do mar e, por vontade, São Paulo já não era tão assustador e parecia haver amor na dor coletiva expressa

¹⁷ Em recente publicação na revista do GELNE/UFRN intitulada “Literatura marginal/periférica, “novos” saraus e *slams*” defendemos essa lógica de imbricamento entre os saraus e os *slams* de poesia em contexto brasileiro. Disponível em: [Vista do Literatura marginal/periférica, “novos” saraus e slams \(ufrn.br\)](https://www.ufrn.br/gelne/vista-literatura-marginal-periférica-novos-saraus-slams). Acesso em: 05 de ago. 2023.

¹⁸ Considerado o Manifesto desse *Slam*, esse poema é performado durante o início das batalhas, como podemos ver no documentário *Slam Resistência: ágora do agora*, disponível no canal *Slam Resistência*: <https://www.youtube.com/watch?v=9xvcLSj-ICo>. Acesso em: 10 mai. 2023.

através das palavras do poeta. Elas me conduziam ao mar e lembravam-me que mar é símbolo de travessia: há quem se afogue nas águas pelo canto da Iara, há quem foi jogado ao mar pelos bárbaros “donos de gente”, há quem não viu beleza maior ou saída mais assertiva que jogar-se ao mar e há aqueles que fizeram a travessia e só por isso aquela roda de pessoas existia e resistia. Era uma das pessoas que, por sorte ou falta dela, fiz parte da travessia, das águas do mar de sangue que ainda inundam nossos corações, mentes e subjetividades. O hino me levou ao mar, mas não me afogou, voltei e era lindo, estávamos cobrando nossa herança ancestral juntas, juntos, coletivamente e poeticamente, por meio da linguagem, da oralidade e dos corpos em performances como o do Del Chaves.

Assim, nesse hino-navio, percebemos a utilização de neologismo como sócio-pifania, dessa epifania coletiva, uma vez que essa literatura não é individualizada. A voz poética ressignifica o passado evocando os trovadores e pensadores contemporâneos que utilizando-se de um vocabulário imageticamente impregnado no senso comum de um certo sentido de periferia como “vandalismo” e “armas”, mas associados ou formando palavras compostas de ressignificação e resiliência, elaboram outros sentidos positivos e propositivos, de modo que são capazes de mostrar o poder “composicional”, estético, poético, periférico, nessa “multi-ethnia” que é o Brasil, nessa multi-ethnia que somos na roda de *slam*.

Em território nacional, nesses 17 anos de *slam* no Brasil, a quantidade deles que se prolifera é incontável e se proliferam em todas as regiões, diversos estados brasileiros e se conectam por meio de uma rede de sociabilidade nacional e internacional, como já mencionado, que converge, de forma externa, em campeonatos locais, estaduais e no grande campeonato nacional, o *SLAM BR*. Internacionalmente, na Copa do Mundo de *Slam*. De forma interna, em articulações que fortalecem os laços afetivos, cidadãs, coletivos, de pertencimento de variados grupos de pessoas que se articulam na cena dos *slams*, vinculados ou não ao movimento hip-hop¹⁹.

Entretanto, apesar da crescente cena de *slam* no Brasil e ao que pesa o fato de uma mulher negra ser a responsável por trazê-lo ao nosso território, a Roberta Estrela D’Alva, por anos consecutivos, desde 2008, o maior público e os participantes mais ativos, vencedores das batalhas, eram os homens. Fato que só se alterou a partir de 2016, um ano depois de surgir o primeiro *Slam* das Minas no Distrito Federal, encabeçado pela poeta Tatiane Nascimento. Depois do DF (*Slam* das Minas/DF), surgiram diversos outros *slams* específicos para mulheres:

¹⁹ Não necessariamente todos os *slams* em território nacional estão vinculados ou são produzidos por pessoas engajadas no movimento *hip-hop*.

Rio de Janeiro (*Slam* das Minas/RJ), São Paulo (*Slam* das Minas/SP), Bahia (*Slam* das Minas/BA e o *Slam* das Mulé), Rio Grande do Sul (*Slam* das Manas) Acre (*Slam* Dandaras do Norte²⁰), Minas Gerais (*Slam* das Manas), Pernambuco (*Slam* das Minas/PE), Paraná (*Slam* das Gurias), Ceará (*Slam* das Cumadi, *Slam* das Minas Kariri), bem como outros que não carregam em si o nome “*slam*”, como é o caso da Paraíba, em que a coletiva chama-se “Subversivas”; Rio Grande do Norte, em que a organicidade dos *slams* é encabeçada pelo movimento hip-hop do estado e que em uma seletiva ocorre uma edição especial para as mulheres garantirem vaga para a competição estadual, contando que elas também podem participar dos *slams* mistos. Logo, muitos arranjos, mas a convergência da necessidade de espaços em que as mulheres se sintam seguras e possam competir.

Atualmente, a cena de *slam* no Brasil tem uma representatividade feminina muito expressiva, não somente no que diz respeito aos *slam* específicos, mas também nos *slams* mistos. Além do SLAM BR que, durante alguns anos consecutivos — desde 2016 —, teve mulheres como finalistas e vencedoras: Luz Ribeiro (2016), Bell Puã (2017), Pieta Poeta (2018), Kimani (2019), Jéssica Campos (2020). Pelas condições que a pandemia de Covid-19 impôs, houve abertura e muitas trocas, via os *slams* virtuais, para a participação de pessoas de outros continentes e Joice Zau²¹, poeta angolana, participou das seletivas do *Slam* da Guilhermina em 2021, venceu, foi para o SLAM BR e se tornou a campeão de 2021, representando o Brasil na Copa do Mundo de *Slam*. Em 2022, o pódio retorna para um homem, o carioca, OCotta, contudo, já em 2023 novamente outra mulher torna-se vencedora, King Abraba. No ano de 2024, há uma particularidade: não aconteceu o SLAM BR²², que estava previsto para ocorrer em outubro na Bahia, mas por falta de captação de recursos, foi inviabilizado, estando previsto para acontecer ainda em 2025, mais precisamente em novembro, na FLUP 25, no Rio de Janeiro.

Notadamente, ao longo dos anos e com muita organização, as mulheres têm finalmente conseguido avançar na cena de *slam*, assim as “minas”, “manas”, “monas” criam formas de contestar o machismo e a opressão de gênero presentes inclusive nos espaços de *slams*,

²⁰ Atualmente o *Slam* Dandaras do Norte é misto. O anúncio está na página do Instagram: <https://www.instagram.com/p/Cfxp21Nsghq/>. Acesso em: 20 de mai. 2025.

²¹ Nessa entrevista, Joice Zau, artista angolana, explica como se deu sua participação nos *slams* brasileiros, durante a pandemia de Covid-19: <https://pordentrodafrica.com/cultura/poesia-sem-fronteiras-joice-zau-poeta-angolana-e-a-campea-do-slam-br-2021>. Acesso em: 25 de mai. 2025.

²² O *Slam* das Minas/PE, com intuito de prestar esclarecimento para as pessoas que contribuíram com a rifa que levaria a Coletiva e a representante estadual para o SLAM BR, na Bahia, publicou a nota que o SLAM BR fez sobre a não realização do campeonato. Não encontrei a nota na página oficial do SLAM BR, mas ela está disponível na página do *Slam* das Minas/PE: <https://www.instagram.com/p/DJX4woXsAoY/?igsh=MW5xcTM4aGdhN3c2eA==>. Acesso em 19 de mai. 2025.

buscando amplificar suas vozes e criando espaços seguros, de resistência e escuta entre as mulheres.

Com o crescimento dos *slams* de forma geral e dos *slams*, auto-organizados por mulheres de forma específica, desde 2015, também há uma crescente em pesquisas acadêmicas sobre eles em diversas áreas das Ciências Humanas. Em uma busca breve no *Google Acadêmico* nota-se a existência de diversas pesquisas, em todos os níveis (monografias, dissertações, teses, além de artigos, resenhas, entrevistas etc.) sobre os *slams*. Quando buscamos por “teses e dissertações sobre *Slam* das Minas no Brasil”, encontramos mais de 1.000 resultados²³ entre teses, dissertações, artigos, ensaios e monografias. Quando mudamos a busca para “teses e dissertações sobre *Slam* das Minas no Nordeste”²⁴ os números de trabalhos acadêmicos caem para um pouco mais de 400, contudo, é possível perceber que muitos dos trabalhos que aparecem, não correspondem ao comando específico, e em um olhar mais atento, reduz-se mais ainda esse quantitativo (mais adiante, há algumas pesquisas referenciadas com esse comando e que dialogam, em alguma medida, com esse trabalho) e, por fim, se o comando for por “teses e dissertações sobre *Slam* das Minas/PE²⁵”, aparece apenas 08 resultados e nenhum deles correspondem a algum trabalho sobre o *Slam* das Minas/PE, de fato.

Mas vale destacar, sobre a produção acadêmica em torno dos *slams* no Nordeste, três trabalhos; a dissertação de mestrado recém defendida, intitulada de “Experiências estéticas na cidade colonial: poesia *slam* e a formação de sujeitos políticos em Natal/RN”, da pesquisadora Olga Maria Hawes, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; a dissertação de Olga Maria que investiga a atuação dos *slams* como espaços de resistência e afirmação identitária na cidade de Natal, cujo foco principal é o *Slam Rima Central*²⁶, um dos primeiros *slams* da cidade, criado em 2019; O outro trabalho que destaco é a tese de doutorado do pesquisador e professor Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos, intitulada “Minas poetas e slams no Ceará: Trajetórias, *corpoéticas* e epicentros”,

²³ Resultados com o comando no *Google Acadêmico*: “teses e dissertações sobre *Slam* das Minas no Brasil” disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=teses+e+disserta%C3%A7%C3%B5es+sobre+slam+das+minas+no+Brasil&btnG=. Acesso em 15 de abr. 2025.

²⁴ Resultados com o comando no *Google Acadêmico*: “teses e dissertações sobre *Slam* das Minas no Nordeste” disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=teses+e+disserta%C3%A7%C3%B5es+sobre+Slam+das+Minas+no+Nordeste&btnG=. Acesso em 15 de abr. 2025.

²⁵ Resultados com o comando no *Google Acadêmico*: “teses e dissertações sobre *Slam* das Minas/PE” disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=teses+e+disserta%C3%A7%C3%B5es+sobre+Slam+das+Minas/PE&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em 15 de abr. 2025.

²⁶

defendida em 2024 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; ainda sobre o enfoque nos *slams* feitos no Nordeste, vale destacar a dissertação de mestrado de Amanda Juliete Souza de Jesus, defendida em 2021 no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, a dissertação tem como título “Mulheres negras no Slam das Minas BA: Um espaço de insubmissão e resistência”. Seu trabalho foi reorganizado e editado como livro em 2023, sob o título “Tem poeta na casa? Mulheres negras, Poetry Slam e insurgências” já utilizado mais acima, pois, tive acesso primeiro ao livro e depois a sua dissertação, entretanto, aqui vou trazer os aspectos considerando a leitura de sua dissertação, mas ao longo do trabalho, utilizo como referência também o livro.

Acerca da pesquisa de Olga Maria, gostaria de destacar, em consonância com esse trabalho, apesar de não haver um recorte de gênero, são suas escolhas teóricas e metodológicas, sobretudo a abordagem metodológica de imersão em campo, entrevistas, registros, diário de bordo e particularmente a linguagem utilizada para a escrita da tese. Olga Maria é, além de psicóloga, uma jovem escritora potiguar e em sua dissertação as marcas da linguagem literária, bem como suas vivências, atravessam a escrita:

Cabe destacar, ainda, que sempre ocupei um lugar específico como artista. Sou uma mulher branca, cresci e construí minhas vivências com a arte na zona Sul da cidade, residindo em um bairro chamado Nova Descoberta, localizado de frente à face urbana (aquele que não aponta para a praia) de um morro. Característico da heterogeneidade da cidade e da disputa pelas paisagens naturais (considerações que faremos mais a frente), Nova Descoberta é uma zona ocupada pela classe média embranquecida, ao mesmo tempo que abriga duas favelas da zona Sul de Natal: Almas e Potiguarana. Dessa forma, houve sempre um conflito que pude observar à medida que cresci. As figuras dos meninos de pele mais escura que jogavam em um campo comunitário mais próximo do morro, enquanto os filhos dos apartamentos não passavam das grades de seus condomínios; os estudantes que vinham do interior para morar em pequenos kitnets, devido à proximidade do bairro ao campus universitário, ao mesmo tempo em que casarões abrigavam belos jardins com muros altos e cercas elétricas, de modo a afastar seus proprietários dos perigos no “entorno” da região (Hawes, 2025, p.12).

Só tive acesso ao trabalho da Olga Maria no fim da escrita dessa tese, mas de modos semelhantes, nossas pesquisas se cruzam e se parecem ao que se refere à escrita e atravessamentos, cada uma ao seu modo, chegamos a afirmações próximas sobre os *slams*, assim como defendo nessa tese, Olga Maria acredita na potência dos *slams*, na capacidade que eles têm de produzir uma comunidade estética (Hawes, 2025), politizada, em busca de emancipação humana e de autovalorização das culturas periféricas.

Acerca de Sóstenes Santos, ele investiga a atuação de seis poetas *slammers* do Ceará, focando em três coletivos: *Slam* da Quentura, *Slam* das Cumadis e *Slam* das Minas Kariri, e analisa à luz da Linguística Aplicada e Crítica, bem como estudos de raça, gênero, teoria queer e feminista, como esses espaços se configuram e se confirmam como formas de resistência e expressão cultural das periferias (Santos, 2024). De maneira muito lúcida, o pesquisador busca compreender como as trajetórias das seis *slammer* se entrelaçam a partir, inclusive, da formação dos coletivos responsáveis pela criação dos *slams*, as poetas são: Fran Nascimento e Poliana Hérica (*Slam* da Quentura); Layze Martins e Sra. Preta (*Slam* das Cumadis) e Lana Oliveira e Natália Pinheiro (*Slam* das Minas Kariri). A metodologia adotada é de caráter etnográfico, incluindo observações, entrevistas e análise de poemas das referidas *slammers*. Igualmente a Olga Maria e eu, que iniciamos um capítulo introdutório sobre nossas trajetórias e o que nos levou até os *slams*.

No caso do professor Sóstenes, o que o faz encontrar-se com os *slams* cearenses perpassa “[...] um fator pessoal concernente ao pesquisador: sua mudança de *campus* de trabalho e, assim, de cidade e de estado” (Santos, 2024, p. 14). Ao mudar-se do Mato Grosso do Sul para trabalhar no IFCE do município de Tianguá/CE e em processo de doutoramento pela UNICAMP, com pesquisa com enfoque na educação, o pesquisador afirma que foi preciso redefinir seu tema de pesquisa. Desse modo, e conservando seu desejo inicial em trabalhar com autoras negras e vozes subalternizadas, Sóstenes desenvolveu uma pesquisa importante sobre as trajetórias e sobre os três *Slams* já mencionados.

Ao final, o pesquisador aponta algumas conclusões, uma delas é a de que os *slams* contribuem para uma educação antirracista, ancorada na Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, além de sustentar que os eventos de *slams* promovem a ocupação de espaços públicos, a resistência ao patriarcado e racismo, e a afirmação de identidades múltiplas, refletindo as diversidades das periferias. Assim, reafirma a poesia *slam* como espaços de cura, compartilhamento de afetos entre as mulheres, e, para o pesquisador a poesia *slam* é também um novo formato de literatura nas periferias e além delas (Santos, 2024).

Amanda Juliete investigou o *Slam* das Minas/BA de Salvador, que surgiu no mesmo ano do *Slam* das Minas/PE, 2017. Ela partiu da hipótese de que o *Slam* das Minas/BA se configura como um de confiança, no qual as mulheres negras exercem a insubmissão, a inventividade e resistência, por uma via coletiva e de tomada da palavra. A metodologia adotada por Amanda Juliete foi interdisciplinar: a pesquisadora utiliza sites, vídeos de YouTube e Instagram e

diálogos com as poesias que ela presenciou nas competições do *Slam* das Minas/BA durante o ano de 2019.

Como uma mulher negra e pesquisadora, Amanda Juliete também busca diluir, em alguma medida, o distanciamento entre “objeto de pesquisa” e pesquisadora. Sua dissertação inicia-se com um relato muito crível do seu primeiro contato com integrantes da coletiva do *Slam* das Minas/BA, que se deu em julho de 2017, quando da ida de Angela Davis à UFBA para proferir uma conferência em alusão ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. A pesquisadora relata que “Naquele dia, quando o *Slam* das Minas BA se apresentou diante de uma plateia atenta, os caminhos que me levaram a esta pesquisa começaram a ser traçados” (Juliete, 2021, p. 10). É possível extrair dessa dissertação a importância do *Slam* das Minas/BA como sendo esse espaço de resistência e empoderamento para mulheres negras, pois nele, segundo a pesquisadora, o papel da poesia *slam* é constituir subjetividades e lutar contra as opressões estruturais de gênero, mas intersetorializada com raça e classe.

Trouxe essas três pesquisas, especificamente, por dialogarem com a minha e, principalmente, por trazerem para a academia o enfoque nos *slam* produzidos em território nordestino, visto que as três pesquisas tratam o *slam* não somente no seu caráter performático, mas como ação política, de formação de consciência e de luta. Olga Maria, ver em Natal/RN o *slam* como um espaço de formação de sujeitos políticos, ocupando a cidade reivindicando o direito a ela. Sóstenes, no Ceará, os enxerga como lugar de possibilidades “corpoéticas”, dito de outra forma, uma poética que emergem dos corpos em performance e das experiências e escrevivências das poetas. E, por fim, na Bahia, Amanda Juliete, afirma o *Slam* das Minas/BA como terreno propício para a insubmissão e resistência, especialmente das mulheres negras.

As três pesquisas mencionadas demonstram que os *slams*, em diferentes contextos nordestinos, atuam como um dispositivo contra hegemônico que permite a reinvenção de sujeitos periféricos, em especial, mulheres negras, e a reconfiguração dos espaços públicos, ressignificando as histórias dos sujeitos e desafiando normas sociais estruturadas em padrões pré-estabelecidos, seja da literatura, seja da sociedade que impõe suas regras a corpos dissidentes.

Ainda são poucas as pesquisas acadêmicas, como pudemos verificar, em que o enfoque seja os *slams* no Nordeste, mas essas três pesquisas são uma amostra contundente de que os *slams* se ramificaram com força e determinação para além do “centro”, o sudeste, e que a minha pesquisa, apenas se soma nessa caminhada de evidenciar essa produção em terras nordestinas.

Especificamente sobre os *slams* auto-organizado por mulheres, ainda considero importante destacar duas pesquisas recentes: a tese de doutorado de Fabiana Oliveira de Souza, intitulada “Vozes plurais no *slam*: a poesia de Luz Ribeiro, Laura Conceição, Checha Kadener e Mariana Bugallo”, defendida em 2023 no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, pois nela a pesquisadora traz dados relevantes para pensarmos o apagamento das mulheres nos *slams* durante muito tempo:

Durante todo esse período, não percebemos, pelo menos até 2015, muita centralidade na potência das mulheres, que, embora competissem, e não eram poucas, ainda enfrentavam uma forte resistência arraigada no machismo estrutural da nossa sociedade. Desde 2010, o Brasil teve representantes na Copa do Mundo de Slam de Poesia, que se realiza anualmente na França. Luanda Casella e Estrela D’Alva foram as primeiras, mas não por meio da seletiva dos campeonatos que existiam no país, como ocorreu nos anos seguintes com cinco *slammers*, todos homens: Fabio Boca, vencedor do ZAP! de 2011; Lews Barbosa, do Slam SP de 2012; Emerson Alcalde, do Slam SP de 2013; João Paiva, do SLAM BR de 2014; e Lucas Afonso, do SLAM BR de 2015 (Souza, 2023, p. 41).

Como pudemos perceber nos dados levantados pela pesquisadora Fabiana Souza, apesar da participação orgânica das mulheres nas batalhas, elas não chegavam às finais, tanto do SLAM BR, como para representar o Brasil no Campeonato Mundial de *Slam*. A pesquisadora levanta a hipótese de que tal fato, de menor representatividade, pode ter ligação com um elemento anterior; *o hip-hop* (Souza, 2023), em que historicamente as mulheres foram e ainda são, mesmo que em menor grau, invisibilizadas.

Outro ponto importante a destacar da pesquisa de Fabiana Souza é o elemento comparativo entre dois países: Brasil e Argentina e em alguns momentos ela levanta questões interessantes como o fato de que essa proliferação dos *slams* auto-organizados por mulheres tem mais força no Brasil e que na Argentina, as poetas também buscam reconhecimento na cena, mas que no Brasil, elas foram conquistando cada vez mais, por meio da organização coletiva.

E a última pesquisa em que me detive com maior grau de interesse sobre os *slams* de auto-organização feminina, foi a tese de doutorado “Slam das Minas RJ: cenas e crônicas de uma escuta” da jornalista e escritora Marina Ivo de Araujo Lima, defendida em 2024 no programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Dividida em três cenas, em substituição ao nome “capítulos”, a pesquisa de Marina Lima nos mostra o *Slam* das Minas/RJ de modo irreverente, e, dos trabalhos que li, esse é o que mais me chamou a atenção no que se refere à

forma de escrita, mesclando crônicas do dia a dia, ligadas ao seu contato com os *slams*, do qual ela chama de “notas de rua” e análise e transcrições de entrevistas com *slammers* do *Slam* das Minas/RJ.

Na introdução a pesquisadora relata como conheceu o *Slam* das Minas/RJ e como aquele momento a desorganizou, e, a partir dessa desorganização, desenvolve a metodologia de pesquisa que se baseia na escuta, por isso o subtítulo do trabalho é “cenas e crônicas de uma escuta”:

Foi numa noite quase primavera, em 2018, quando ocorreu o meu primeiro encontro com o Slam das Minas RJ, coletiva que organiza batalhas poéticas na cidade do Rio de Janeiro. Vi e ouvi as palavras próprias da boca de poetas, corpos palavreiros que performam seus próprios poemas sob os olhares atentos da massa ruidosa da plateia. Tudo isso desorganizou o que eu conhecia até então, por isso precisei parar o tempo para escutar. A escrita surge, portanto, nesse processo de observação e escuta atenta. Escrita-escuta (Lima, 2024, p. 12).

A pesquisa ressalta a relevância da escuta como prática política, na qual o público é convidado a se envolver emocionalmente com as narrativas apresentadas, como aconteceu com a pesquisadora. O estudo também aborda como o *Slam* das Minas/RJ contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e para a ressignificação do espaço público urbano por meio da arte e da performance. No que se refere a metodologia, vale destacar o que diz a pesquisadora:

[...] cada uma das três cenas da tese é dividida em quatro partes. Primeiro, há uma crônica que narra o encontro entre a pesquisadora e a coletiva, dentro da cena do slam, a qual chamei de notas da rua. Em seguida, uma colagem com os versos que mais me chamaram atenção. Versos que tematizam o texto analítico-teórico que virá a seguir. Brinco com o tamanho das fontes, os negritos, aumento e diminuição de palavras como a simular o tom da voz, o tom da letra escrita na página. Persigo uma entonação gráfica como a performar no papel-tela, na tinta da letra. Brinco com as palavras escritas no intuito de desviar a imobilidade e o silêncio da página em branco. Em seguida, o texto teórico analítico e finalizo com poemas integrais des poetas da coletiva, ora transcritos da gravação de suas performances, ora do modo como foram publicados em livros. Por fim, após as três cenas, inseri trechos das entrevistas com os depoimentos dos integrantes do Slam das Minas RJ, os “Pedaços de Escuta” (Lima, 2024, p. 19).

Como mencionei anteriormente, a escrita dessa tese é irreverente, inclusive em sua forma gráfica, como a pesquisadora menciona acima, ela brinca com o tamanho das fontes para simular como ouviu o poema. Os traços da oralidade e do tom de conversa espontânea permeiam toda a tese, especialmente nos momentos em que parece que estamos tomando um café com a

pesquisadora nas “notas de rua”, enquanto ela vai nos apresentando os cenários, as pessoas, os poemas.

Em meio aos engessamentos que, por vezes, a academia nos impõe, não posso negar o deleite que foi ler a tese de Marina Lima, especialmente, e todas as demais que citei anteriormente e que me dediquei a ler de forma mais sistemática para selecionar e trazer para esse trabalho. De formas particulares, cada uma dessas pesquisadoras e pesquisador, chegam a conclusões parecidas sobre os *slams*, bem como sistematizam seus trabalhos de modos parecidos também, pois parece inevitável que não sejamos afetadas e atravessadas pela produção literária contemporânea de um Brasil visto pelas margens e pelas mulheres.

Como disse anteriormente, há inúmeras pesquisas sobre os *slams*. De um modo geral, com diversos enfoques e em diversas áreas do conhecimento, e há muitos trabalhos sobre os *slams* auto-organizado por mulheres, os que ressaltei aqui são os que mais se aproximam da abordagem de minha pesquisa, os que foi possível ler atentamente, os mais recentes, mas vale destacar trabalhos que abriram caminho como o da responsável por trazer os *slams* para o Brasil: Roberta Marques do Nascimento, ou apenas Roberta Estrela D’Alva que em 2012, defendeu a dissertação de mestrado “A performance poética do ator-MC” no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e nessa pesquisa, que virou livro em 2014, ela já fazia apontamentos ao *slam* abrindo caminhos para que pesquisas como essas pudessem existir.

E por fim, julgo necessário mencionar os recentes trabalhos de duas *slammers* que resolveram pesquisar sobre *slam*; a dissertação da *slammer* mineira Laura Conceição, intitulada “Quem fala de noiz é noiz: Vivências do Slam na escola”, defendida em 2023, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de fora – UFJF e a dissertação “Microfones em chamas: *slam*, voz e representação”, defendida em 2022, pela *slammer*, atriz e roteirista, Luiza Romão, no Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – USP. Apresento-as, pois penso ser de extrema importância as próprias *slammers* também teorizarem sobre suas práticas, a partir de suas vivências e por demonstrar algo que discuto mais adiante; a inserção dessa juventude na academia.

Então, depois dessa explanação de cunho bibliográfico e em meio as experiências que tive como acontecimentos de aprendizagens e de memórias fraturadas que me atravessaram até esse momento, desenvolvo, no primeiro capítulo esse percurso afetivo da pesquisa, elaborando um caminho “linear” (ao mesmo tempo que de memórias fraturadas) do envolvimento e das

dúvidas com o “objeto de pesquisa”. Para esse capítulo, evoco autoras, escritoras, poetas, pesquisadoras e intelectuais como Conceição Evaristo e o seu conceito de *escrevivência*, Leda Maria Martins, Patrícia Hills Collins, Cida Bento, Lélia Gonzales, Bell Puã, Jéssica Preta, Mariana Felix, Clarinha e com essas vozes/escritas/pesquisas vou entremeando também a voz, corpo, negro de mulher da pesquisadora.

Ainda nesse capítulo descrevo a metodologia e o método utilizados para a realização da pesquisa, apresentando as escolhas que fiz ou deixei de fazer ao utilizar uma metodologia de trabalho de campo baseada no método etnográfico *de perto e de dentro*, desenvolvido pelo professor e pesquisador José Guilherme Cantor Magnani (2002; 2009; 2012), logo uma pesquisa em literatura que se entrelaça com outras áreas como a antropologia e as ciências sociais.

No segundo capítulo, prevalece o método etnográfico e com ele os relatos que compõem um *Caderno de Campo* no qual sobressaem minhas experiências, vivências e olhar atento às seletivas de 2023 do *Slam* das Minas/PE. Entretanto, entre um olhar atento e outro, há nuances e graduação de sentimentos e literalmente de travessias, pois morar e trabalhar no interior do Rio Grande do Norte, Assu; estudar na capital paraibana, João pessoa e pesquisar na capital pernambucana, Recife, renderam boas memórias e várias histórias que se entrelaçam nesse fazer pesquisa, fazendo.

Por fim, no último capítulo, conhecemos de modo mais historicizado o *Slam* das Minas/PE, a formação da coletiva e algumas das fundadoras, suas histórias e envolvimento com o *slam*, sobre suas *escrevivências* de mulheres no plural, suas diversidades e como essas vozes e corpos insubmissos fazem para ocupar as cidades, vivenciar e reivindicar o espaço público, uma vez que o *Slam* das Minas/PE nasce no centro do Recife, na Rua da Aurora e a maioria das componentes são de lugares distantes, mas às margens da cidade. Analiso também dois poemas de duas *slammers*, o poema “Recife” de Patrícia Naia, uma das fundadoras do *Slam* das Minas/PE, e o poema “Estatística” de Jéssica Preta, *slammer* bicampeã do *Slam* das Minas/PE e do *Slam* Pernambuco (2023 e 2024).

Para esse capítulo, se fez necessário o diálogo com a urbanista e arquiteta Joice Berth (2024) e geografa canadense, Leslie Kern (2021), ambas atualizam a discussão em torno do direito à cidade anteriormente defendido pelos intelectuais marxistas Henri Lefebvre (1968) e David Harvey (2014). Assim, analiso à luz do conceito do direito à cidade, os poemas mencionados.

CAPÍTULO I

PERCURSO AFETIVO DA PESQUISA: DE *DENTRO* E DE *FORA*, O CORPO NEGRO-MULHER-PESQUISADORA

*chegar num lugar
que sempre
te pertenceu
é uma coisa*

*chegar num lugar
que sempre
te foi negado
através da história,
na tv, nos livros
em olhares agressivos
é outra*

(Bell Puã, 2019)

Na introdução desse trabalho, descrevo um pouco do meu primeiro contato com os *slams* de poesia: no meu caso, se deu em São Paulo, em um dos *slams* mais conhecidos do país. Mas de 2016 até 2021, quando opto de fato pela elaboração de um projeto de doutorado sobre os *slam*, houve muitos outros elementos que convergiram para essa escolha, elementos pessoais, coletivos, políticos e de alguma forma “inevitáveis”, depois do primeiro contato em “carne viva” na praça Roosevelt.

Portanto, aqui descrevo melhor o percurso afetivo que me levou à decisão de estudar mais profundamente os *slams*, sem, contudo, negar contradições internas, medos, erros e acertos que cometí ao longo da pesquisa. Todos são partes indissociáveis de uma pesquisadora em formação, afinal estamos sempre em formação, mas também, usando o conceito de Suelly Messeder (2020, p. 47) de Pesquisadora Encarnada, uma vez que a “[...] construção do conceito se concretiza em rede de coalizão e na possibilidade de caminhar na utopia da ciência colaborativa acompanhada pela ética do cuidado” e que, de forma dialética, arbitrariamente subverte a norma padrão da escrita acadêmica, ou, pelo menos, tenta constituir e defender uma escrita, método, metodologia de uma ciência decolonial ou de um fazer científico que não se baseia na chamada neutralidade. Afinal, como afirma a autora em relação ao ato de fazer ciência:

A partir deste deslocamento, tornei-me “pesquisadora na perspectiva feminista” e percebi, claramente, que o recorte da realidade para identificar o tema, a construção do objeto de pesquisa, mesmo que ganhe e se desdobre em uma perspectiva macropolítica, decorre das realidades, pensamentos, sentimentos e experiências das pessoas próximas, ou de nós mesmos, acometidas por dores e feridas, vivenciadas no dia a dia, engendradas por uma dimensão traumática do machismo, de sexismos, da LGTfobia e do racismo que, aparentemente, nos emudece (Messeder, 2020, p. 46).

Desse modo, respeitando os pensamentos e sentimentos dessa pesquisadora em formação, concordo com Messeder (2020) e aliado a isso busco convergir em um equilíbrio de meu ponto de vista, modo de escrita, fluxo e pausas de pensamento e um rigor necessário e por mim defendido do ato de seguir um percurso fluído e rígido, quando necessário, para tratar do tema em questão, para torna-se uma pesquisa acadêmica.

E nesse percurso me deparo com a produção feminina, com a potência da enunciação de certos temas tocantes para nós mulheres negras ou lidas como não brancas nessa sociedade que é triplamente cruel conosco; (a) mulheres, (b) negras ou não brancas, (c) empobrecidas, além de outros marcadores bem presentes nos temas de *slam*; a questão LGTBQIA+, que defendo como estruturante nessa sociedade dividida em classes.

Por isso, inicio afirmando que hesitei muito entre me dedicar à escrita deste trabalho, ou continuar lendo mais um livro, um artigo, uma tese, uma dissertação, mais um poema que trate dos *slams*, da autoria das mulheres, das mulheres negras, das mulheres na ocupação das cidades, das mulheres nordestinas que produzem ou participam dos *slams*, das vozes, histórias e corpos silenciados na literatura e na sociedade, visto que, como já mencionei, minha opção de pesquisa se imbrica com questões de gênero, raça e de classe, mas é importante ressaltar que existem variadas possibilidades de pesquisas já realizadas sobre *slam*, como trouxe algumas na introdução, e, tantas outras que ainda podem, devem e merecem ser desenvolvidas sobre eles, e sim, nas universidades, nas escolas e nos demais espaços em que seja possível compreendê-los como um potente movimento literário, social e político. Como um programa de ação estético (Nascimento, 2009) das e para as periferias, assim como das periferias para o “centro”, rompendo barreiras pré-estabelecidas por muito tempo na literatura brasileira.

Logo, o foco dessa pesquisa é bem evidente e simples até, busco visibilizar, para a academia e a crítica especializada, as “vozes-mulheres” do *Slam* das Minas/PE. Desse modo, trata-se de uma pesquisa com recorte de gênero, raça e classe, no qual dediquei tempo (de pesquisa, de viagens, de leituras, de reflexões coletivas), recursos e trabalho na sistematização e no cuidado com o “objeto” de análise e, mesmo assim, guardo a impressão do que aqui tudo que escrevi é mais do mesmo, e, apesar dessa constatação, permitam-me usar a expressão popular “chover no molhado” para fazer uma analogia: chover no molhado é necessário para colher bons frutos. É uma constância. Chover no molhado simboliza aqui, cultivar um importante movimento crescente na literatura contemporânea brasileira: o de visibilizar, prestigiar, considerar outras vozes, outros pontos de vista e outras representações reconhecendo a potência de outros lugares de enunciação, de outros meios de divulgação e difusão da literatura, além do texto escrito, além do suporte livro. Legitimando esse “programa de ação estética”, *da e para a periferia*, que visa a literatura em sua dimensão cidadã, como afirma o poeta e produtor cultural Sérgio Vaz (2011) no seu *Manifesto da antropofagia periférica*:

A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
Dos becos e vielas da de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.
Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado.
A favor de um futuro limpo, para todos os todos os brasileiros.
A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade.
Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois das aulas.
[...] (Vaz, 2011, p. 50).

Sérgio Vaz, uma das primeiras vozes a enunciar o que viria a se tornar um grande *boom* da literatura brasileira, a proliferação de um novo tipo de saraú ou dos novos saraus (Tennina, 2017), sabe que essa literatura é uma tomada de posição, já que em sua visão, a arte que liberta não vem das mãos dos opressores, pelo contrário, a arte é povo e para o povo. No entanto, há muita negligência, em especial do poder público, para garantia desse bem incomensurável, desse direito humano, para usar expressões do crítico literário brasileiro Antonio Cândido (2011). Ele também defende que:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (Cândido, 2011, p. 177, 178).

E é com esse pensamento do direto à literatura e de suas implicações nas sociedades, que afirmo esse trabalho como uma tomada de posição, mas ainda assim e ao mesmo tempo, senti-me impostora, como se eu não pudesse, não devesse ou mesmo não conseguisse, com linhas escritas aqui, defender e/ou sistematizar essa tese, fruto do meu trabalho e dedicação e fruto do carinho de muitas que encontrei no caminho. Fruto das trocas e dos desafios metodológicos da pesquisa de campo, fruto de escolhas políticas e afetivas, coletivas e individuais.

Reafirmo como um mantra, pois mesmo assim ao longo da pesquisa senti sempre como se não tivesse esse direito. Como se estivesse traíndo a mim e às “manas” dos *slams*, como se estivesse usurpando o meu povo (historicamente usurpado) e me distinguindo dos “meus” e em uma armadilha cartesiana, reconheço, colocando-me, ora de *fora*, como pesquisadora, ligada a um programa de pós-graduação em uma universidade federal e tudo o que isso pode simbolizar e significar, inclusive de silenciamentos históricos ou apropriação indevida de nossos saberes, ora de *dentro*, reconhecendo-me como parte de um todo, de um povo, com códigos e símbolos decodificados, vestes, cabelos, corpos, fisionomias, fenótipos, idade etc. Como se não pudéssemos coexistir, ambas e/ou mais na mesma temporalidade.

Apesar de reconhecer a armadilha cartesiana com a qual me deparei e que vedou/veda meus olhos para a coexistência de muitas a habitar-me, em minha mente, enquanto escrevia, não paravam de ressoar versos como o da *slammer* Mariana Felix¹, como disse uma das

¹ Quando estava desenvolvendo a pesquisa de mestrado sobre duas obras da Mariana Felix, fiz contato com ela por meio do e-mail. Ela foi muito solícita, mas eu sempre lembro desses versos dela e da impotência que sinto sobre as pesquisas acadêmicas, se evoco esse texto aqui é que ele também faz parte da dialética desse trabalho.

primeiras *slammers* que conheci pela plataforma do *YouTube* e pela *timeline* do Facebook e, contraditoriamente, daquelas que mais me impactou e deu propulsão para seguir essa pesquisa:

[...] eu tento juntar as partes da poesia periférica
mas quem se apropria dela, chega manso
e nos rouba o motivo pelo qual tanto lutamos
sem ter reciprocidade
as histórias que estamos vivenciando
já estão até na faculdade
mas o que eles devolvem pra Ermelino, meu bairro
todo esse povo que me procura pro tal do mestrado.
Não se trata de só querer fazer história
eu tô mudando realidade é agora.
Não me convence
que ter título é o que me faz ser gente
eu quero ser plebe
eu tenho orgulho de ser Zona Leste²
[...]

A voz lírica toca na ferida ao questionar qual a devolução efetiva para Ermelino, bairro de origem da poeta e essa é uma das características mais acentuadas dessa literatura: a voz lírica se confunde com a mimese da autora, o que não se trata de uma “tendência nova” na literatura, mas como discute o professor e pesquisador Wanderlan Alves (2016) no artigo *O discurso de Luiz Ruffato em Frankfurt: polêmica, recepção inicial e paradigmas em disputa*:

[...] não se trata de uma concepção teleológica do campo cultural e dos processos discursivos da literatura, mas, sim, do conjunto de discursos que, ao serem elaborados, vão engendrando imagens contemporâneas da literatura atual e colaboram para a visibilidade da emergência de um paradigma da cultura das artes que já não corresponde plenamente ao paradigma da cultura da arte moderna surgido há mais de dois séculos. Ao mesmo tempo, põe em pauta reivindicações pela coexistência entre novos agentes culturais e outros já legitimados e, ainda, problematiza os vínculos entre literatura e representação – nos moldes em que são tratados tradicionalmente, a partir de um viés mimético-realista –, por meio de uma revisão dos projetos literários nacionais que marcaram a literatura moderna na América Latina. Pode-se designar tal processo como um “desrecalque histórico” (a expressão é de Ginzburg), “uma atribuição de voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados” (Ginzburg, 2012, p. 200) (Alves, 2016, p. 166-167).

De modo que a voz lírica é também a voz em representação da autora, uma voz que questiona essas pessoas que a procura para entrevistas do “tal do mestrado”, sem nenhuma reciprocidade, sem vinculação que ultrapasse essa lógica entre pesquisador e “objetos” de pesquisa e, em um “viés mimético-realista”, denuncia isso em seus versos, revisando, como

² Performance realizada em 2016, na final do Slam da Guilhermina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OcrW4Er5Szg&t=82s>. Acesso: 14 de jun. 2023.

aponta Alves, os projetos literários nacionais modernos não apenas do Brasil, mas da América Latina que, vale lembrar, foi/é saqueada e explorada de muitas formas, de modo que o projeto colonial sufocou e sufoca ainda vozes como a da Mariana Felix e tantas outras mulheres e povos negros e indígenas.

Há outros posicionamentos que me fizeram refletir se não sou mais uma em busca desses grupos subalternizados, “Outromizados” para usar a categoria de Tonny Morrison (2019). Como por exemplo os questionamentos feitos pelo escritor Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz; para a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento, quando esta tentava conseguir uma entrevista do escritor para seu trabalho e Ferréz a interroga de que modo sua pesquisa acadêmica poderia contribuir com os escritores da periferia e qual o interesse por essa produção literária (Nascimento, 2006).

Tanto os versos, como os questionamentos ressoaram e ainda ressoam, apesar de reconhecer que nossos lugares de enunciação não são assim tão distintos, ressoam por, de algum modo, concordar com os versos, com os questionamentos, concordar que a universidade é um *lugar suspeito*, mas ressoam, principalmente, pelas dúvidas que tive e as nutri (nutro), como pesquisadora, de que esse trabalho possa contribuir, de algum modo, com as pessoas que o possibilitaram existir, que são parte indissociável desta tese, mas não apenas como “objetos de pesquisa”, inquestionavelmente, como possibilidades de “potências solidárias” entre nós, mulheres negras. E é esse “nós” que faz de mim hoje uma pesquisadora negra e jovem, fará e já faz de outras “nós”, como a Amanda, Clárinha, Jéssica, Naia, Bell Puã, Falconiere, Briela, Bione, Iara, Cris Andrade e tantas outras, também pesquisadoras, universitárias, professoras, médicas e o que mais elas quiserem e é para isso que também servem pesquisas como essa, para potencializar nossa gente e nos fazer reconhecer no “nós”.

Hoje, mais consciente que em 2023 e mais segura, quando da qualificação desse trabalho, reconheço que esse ressoar em meu corpo, essas dúvidas, dizem mais de uma coletividade que de mim, isoladamente, pois como defende a intelectual brasileira Lélia Gonzalez (1988), de forma impositiva existe uma internalização da inferioridade dos colonizados pelo colonizador, e, apesar de vivenciarmos muitos avanços no que diz respeito à luta contra o racismo, é preciso lembrar que o racismo é ideológico, estrutural e uma forma de racionalidade que afeta concretamente nossas vidas, pois o sistema capitalista plasmou-se muito bem ao racismo após a abolição e afeta nossas subjetividades, nossa autoestima e todos os dias nos faz duvidar de nossas potencialidades e capacidades.

Em uma sociedade dividida em classes, estruturada pelo capitalismo, racismo e patriarcado (Saffiotti, 2013), marcada pela competitividade, nos custa crer, depois de tantos anos de escravização do nosso povo, de violação de nossos corpos e mentes, que somos capazes, que somos bonitos, inteligentes. Logo, nem mesmo as regras dessa sociedade parecem ser aplicáveis a nós, a chamada regra da meritocracia, uma vez que “fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para pessoas brancas” (Bento, 2022, p. 23) e assim segue-se internalizando e/ou naturalizando nossas impotências e fragilidades reforçando o que a Collins (2019) defende como *tecnologia da opressão*, ou seja, que o “opressor” impede o desenvolvimento pleno de grupos dissidentes.

No livro *Se a cidade fosse nossa: racismo, falocentrismo e opressão nas cidades*, a arquiteta e urbanista Joice Berth (2023) traz a seguinte reflexão ao tratar das tecnologias de opressão ainda nos dias de hoje:

Os grupos sociais partilham de características e condições sociais similares, mas não podem ser igualados. Um exemplo disso é quando falamos em mulheres. Durante muito tempo, as teorias feministas nascidas nos centros dos espaços acadêmicos e, principalmente, entre as mulheres europeias, pautaram a mulher como uma categoria universal e que, portanto, vivenciavam as mesmas limitações dadas pelo sistema de opressão e dominação. Do mesmo modo que ainda hoje se acredita que a classe social é homogênea e exclui a categoria gênero e raça na dinâmica das opressões. Mas essa ideia é perigosamente obsoleta e insustentável, além de ineficiente, pois uma vez que se propaga, impede que possamos atacar uma das mais sofisticadas tecnologias do sistema de opressão e dominação: a negação da diversidade que nos constitui enquanto humanos (Berth, 2023, p. 82).

Joice Berth e Cida Bento, duas intelectuais negras contemporâneas, estão discutindo e dialogando como esse sistema injusto que, além de silenciar ou naturalizar os benefícios de não se tratar de temas tão importantes para a estruturação dessa sociedade, também nos alertam para o quanto difícil é quando “chegamos lá”, pois essa mesma estrutura que prega a meritocracia, nega, para pessoas como nós (elas) o pleno desenvolvimento subjetivo através das tecnologias de opressão e dominação, por isso é tão importante fazer ressoar essas pesquisas e vozes de intelectuais negras em nossos trabalhos.

Talvez o que queira expressar, sem arrodeio teórico, é que para nós, para gente como nós, dos lugares sociais de subalternidade em que fomos submetidos e submetidas, as portas não apenas encontram-se fechadas, parece não haver portas. E essas mãos que escreveram essa frase, essa tese, sabem que são uma exceção, uma excepcionalidade, pois a regra é outra e o

espanto deveria e deve estar aí. O espanto deve estar na regra e a regra é que para muitos de nós, jovens negros e negras, a porta nunca existirá.

Entretanto, apesar das constatações acima, quero concordar com Júlio Cesar de Tavares (2020), no texto introdutório “O que pode um corpo negro”, do livro *Gramáticas das corporeidades afrodiáspóricas: perspectivas etnográficas*, quando afirma que “No Brasil, durante pouco mais de uma década, no período de 2000 a 2014, verificou-se uma virada histórica que pode ser identificada com a adoção das ações afirmativas e da implementação de um tipo de ‘estado do bem-estar social’” (Tavares, 2020, p. 23) que viabilizou o ingresso de jovens, negras e negros, indígenas, pessoas LGBTQIA+, filhos e filhas da classe trabalhadora no lado de dentro dos muros das universidades brasileiras, como pesquisadoras/es, interessadas/os em disputar as narrativas homogeneizantes sobre seus corpos, vivências, modos de vida, orientações sexuais, religiosidades e tantos outros temas de interesse direto dessas ditas “categorias” e/ou “minorias”.

1.1. O corpo-negro: voz, corpo e subjetividade

Depois do que escrevi anteriormente e sabendo-me parte desse recorte histórico e recente de acesso à universidade, reafirmo e demarco que voz, corpo e subjetividades que escreveram essa tese são de uma jovem mulher negra, nordestina, mãe, artesã, professora e militante feminista, nascida no interior do Rio Grande do Norte, em uma cidade conhecida por Terra da Poesia, chamada Assu. E que voz, corpo e subjetividades afetam toda a escrita deste trabalho, como me afetam as vozes, corpos, textos, performances, memórias e histórias das/dos poetas, produtoras/es culturais e artistas envolvidas nos *slams* e na cena literária das periferias deste país, em especial do *Slam* das Minas/PE, lócus principal de investigação dessa pesquisa e dos demais *slams* desse vasto território chamado Nordeste, cujas espacialidades tive a honra de conhecer.

Ser uma mulher negra e saber-me negra é um dos motivos que me levou a escolher os *slams* como objeto de pesquisa. Entretanto, com isso não quero defender que só pessoas negras devem pesquisar os *slams* ou a literatura feita por pessoas negras (isso se aplica também às literaturas de autoria indígenas, LGBTQIA+, mulheres), afinal estamos diante de expressões literárias e artísticas autênticas, legítimas e emergentes, dignas de diversos focos investigativos, de diversas interpelações, seja na área de Letras ou não. Dignas de alteridade.

Quero dizer apenas que, enquanto mulher negra, antirracista e com acesso à universidade, escolhi, de forma consciente, inserir na minha vida acadêmica, logo na

universidade, “objetos literários” à margem, na tentativa de que a minha trajetória acadêmica não se desconectasse muito da minha militância enquanto uma mulher negra vinculada a um movimento popular, nacional, feminista e camponês, o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. E essa percepção tem relação direta com a história recente do Brasil no que diz respeito às “ações afirmativas”. Esse contexto possibilitou que:

O resultado nos permitiu assistir ao florescimento da considerável presença de jovens pensadoras e pensadores, negras e negros emergindo nas e das universidades com o desejo de formular um pensamento dirigido para novas imanências nos campos de pesquisa, principalmente, no campo das Ciências Sociais, do Direito e das Artes e, sobretudo, na Educação. O alvo identificado por esses jovens é, ao menos, a relativização da injustiça epistêmica e cognitiva praticada com a exclusão das sabedorias e tradições da população afro-brasileira e afrodiáspórica (Tavares, 2020, p. 23-24).

Diante disso, faço uma retrospectiva de meu percurso até aqui, como afirmação de que isso também pode gerar processos teóricos, metodológicos e inspiradores, assim como os trabalhos que li, me inspiraram. Pois, pensando no conceito de *escrevivência*, cunhado e amplamente discutido por uma das nossas maiores referências na literatura brasileira contemporânea, a intelectual e escritora Conceição Evaristo, expressar nossas experiências e vivências enquanto povo negro, através da literatura é um ato de resiliência, uma vez que a “[...] experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas” (Evaristo, 2009, p. 17).

Neste trabalho, a dicotomia entre texto teórico e texto literário se imbrica de tal modo que, por vezes, cheguei a pensar na falta de um tipo de rigor que faz de um texto acadêmico ser um texto acadêmico e um texto literário, um texto literário, mas quem definiu esses limites? Contudo, há conforto em saber que estamos reconfigurando e que no meu Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFPB (e em outros PPGs) e com a minha orientadora é possível e assertivo escrever com esse corpo negro de mulher, marcando-o em cada linha.

Ao pensar nas escolhas que devo fazer para *contar-me*, a memória, as arbitrariedades da memória, não tenho dúvida, deixarei passar muitas coisas, e seguir um caminho “linear” significa apenas não embaraçar ainda mais esse texto. Desse modo, destaco que na graduação, optei por realizar pesquisa sobre cordéis e marco essa época como uma escolha política por literaturas consideradas “menores”, contrariando um curso quase natural de pesquisa voltada para o cânone literário, uma vez que sempre fui leitora dos clássicos brasileiros, inclusive foi por conta do gosto pela Literatura Brasileira que optei pelo curso de Letras – Português.

Imaginei estudar mais sobre as obras de Clarice Lispector, Machado de Assis, Gregório de Matos e entre outros e talvez fazer um trabalho de conclusão de curso sobre *Iracema*, de José de Alencar e não em uma perspectiva revisionista ou mesmo crítica àquela abordagem da narrativa de fundação que o autor, de certa forma inaugura, seguindo a lógica colonial que ofuscou e ainda ofusca a brutalidade da colonização e do contato entre os povos originários e os europeus que invadiram nosso território.

Vivenciei na universidade, e às margens dela, uma das fases mais importantes de minha vida e de minha formação política. Tornava-me mãe e descobria que era uma mulher negra. O que era ser uma mulher negra. O que era esse negro-corpo-mulher, corpo-negro-mulher, mulher-corpo-negro... (e as variáveis que forem possíveis a depender do contexto) estar em uma universidade pública. Mesmo com pele escura, senti como a Mídia³, muitas vezes, como “A menina que nasceu sem cor”:

[...] eu sou a menina que nasceu sem com porque nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os registros de símbolos de resistência negra, embranquece sua população e sua trajetória a cada brecha [...] porque me chama por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom [...] por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem com, mas um dia gritaram-me: NEGRA! E eu respondi.⁴

Apesar de compreender o problema do colorismo que afeta nosso povo negro e o fato de que nossos símbolos de resistências negra e indígena foram praticamente apagados da história, tenho a impressão de que fui “A menina que nasceu sem cor” por ter nascido em um ambiente com pessoas de traços muito semelhantes e esse “ir para a universidade”, ocupar esse espaço, revelou que eu era mais uma *cara gente preta*.

Desde a infância, vivenciei uma dinâmica familiar muito comunitária, minha família, quase que em sua totalidade, habita um único bairro da cidade de Assu, o bairro Vertentes, conhecido, pejorativamente, por Buraco d’água. Se hoje ele fica perto do perímetro urbano e é considerado um bairro perigoso, periférico, no passado era apenas uma grande área de terra, próxima ao rio doce, que “pertencia” à Igreja Católica e fora cedida para “[...] um povo parecido com índio” (Avelino, 2017) que já vivia por ali e pudera, enfim, cercar a terra: o meu povo.

No trabalho de monografia sobre a comunidade, intitulado “Representações do sagrado na comunidade buraco d’água: Cartografia dos afetos, religiosidade e lugares de disputas” o pesquisador e professor José Elias Avelino, do curso de História da UERN/ campus de Assu,

³ Mídia é pessoa não binária, poeta, cientista social, future antropologue e autora.

⁴ Parte do poema “A menina que nasceu sem cor” que está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vy0Colqv_a0. Acessado em 22 de fev. 2025.

realizou diversas entrevistas com pessoas que moram no bairro desde sempre e outras que chegaram depois. O pesquisador teve muita dificuldade e nenhuma resposta concreta sobre a “origem” dos “moradores nato”, da comunidade e, dentre as entrevistas feitas por Avelino (2017), destaco a de uma pessoa exógena, pela visão que ela evoca do lugar.

Eu cheguei aqui dia três de Novembro de 53. Lembro como se fosse hoje, nunca sai daqui e graças a Deus, vivo muito feliz aqui. Aqui eu criei minha família, o que eu arrumei foi aqui. Mas quando eu cheguei aqui, aqui era uma calamidade, uma pobreza, só vendo... num tinha casa era uns barracos de palha... tapado de ramo. Era um, era uma tristeza, era uma calamidade aqui, pobreza, só Jesus sabia. Ai aqui era uma nação tipo índio, eles tinham medo de gente, quando eles saiam, a gente ia pro rio ver água, aí eu comecei a fazer amizade com eles, então amansei, e ai... e até que... peguei um amor com um índio dele daqui, e engajemos quarenta e dois ano. É muito ano né? (Dona Alzira) (Avelino, 2017, p. 23).

Como moradora da comunidade e da geração atual de pessoas natas dela, conheço Dona Alzira desde que eu era criança. Viva e moradora do Vertentes até os dias em que escrevo essas linhas, uma mulher negra de pele muito retinta e que assumiu no bairro uma função de mediadora entre o poder público e os moradores da comunidade, em especial, no que diz respeito às questões de acesso à saúde, como exames e consultas. Hoje, uma senhora de mais de 80 anos, vizinha de minha mãe, entendo melhor suas palavras que se reverberam em uma continuidade de negação de direitos básicos em uma comunidade empobrecida e que na atualidade, na “minha época”, ainda há muitos resquícios dessa imagem e realidade de pobreza e omissão do Estado. Mas, assim como reflete o poema “Vozes-mulheres”, já é possível ouvir ecos de liberdade (Evaristo, 2008), apesar da dívida histórica que esse país tem no ontem, e ainda no agora com os povos negros e indígenas.

Portanto, nesse cruzamento, nesse hibridismo⁵, sou lida pela sociedade como uma mulher negra e não posso dizer que não vivenciei algum nível de racismo na minha infância, na minha família, na dinâmica escolar, na minha comunidade. Estaria mentindo. Afinal, como lembra Amanda Juliete (2023, p. 141, 142, “[...] as imagens estereotipadas das pessoas negras têm sido utilizadas, ao longo da história, como ferramenta para conquista e manutenção do poder e das hierarquias sociais”, talvez por isso, fui me acostumar com a sonoridade do meu nome de registro apenas na universidade, pois sempre fui chamada de Preta (ainda o sou) e esse apelido rendeu algumas piadas entre primos, coleguinhas da escola, mas nada muito

⁵ Cruzamento e hibridismos não estão colocados aqui numa perspectiva romântica, mas atravessada por diversas violências que os povos desse território chamado Brasil vivenciam. Uma das violências mais forte é a de não saber a que “tronco” pertencemos, quem são nossos ancestrais, quais povos se cruzaram e fizeram de nós o que somos. É um privilégio de muitos brancos saberem de suas ascendências por meio de fotos, documentos e registros.

memorável, éramos todos muito parecidos e acredito que essa fase da infância não me marcou profundamente e nem de forma tão negativa. Ou, talvez, a gente só escolha as memórias, seleciona parte do que pode ser lembrado e faz o que é possível para seguir (?!).

Contudo, foi na universidade, aos 17 anos, grávida, que rapidamente o Preta assumira outro tom e foi assim que comecei a ser (e querer ser chamada) pelo meu nome de batismo/registro. No livro *Vizinhas: pequenos contos de rosas e outros espinhos*, entre uma escrevivência e outra, rasuro a seguinte passagem:

Foi lá também que descobri o meu nome de batismo, porque Preta me causava uma certa vergonha. Carregava as marcas de uma família que na lógica imposta, não se esforçou muito para estar na Facu. Minha barriga, aos poucos, comprovava que aquele não era mesmo meu lugar. Estava nas estatísticas, não nas boas é claro. Tinha 17 anos apenas e poucas perspectivas de um futuro diferente para o meu filho (Almeida, 2021, p. 74).

O corpo negro, o lugar geográfico e social de onde vinha, a família e a condição de grávida enrijeceram um pouco o processo acadêmico, precisava ser “a melhor”, ter boas notas e responder rispidamente a qualquer comentário de rebaixamento ou de dúvidas sobre se essa empreitada acadêmica iria “dar certo”, afinal, para quê e como uma adolescente grávida, vinda do Buraco d’água queria estudar? Uma vez que esse espaço, o da academia, ainda não pode se configurar nem mesmo como um *espaço seguro* (Collins, 2019). Segundo Collins, são aqueles espaços de acolhimento ao Outro e da autodefinição enquanto pessoas pretas.

E foram nessas condições adversas, inclusive da falta de “espaços seguros”, que inicialmente desenvolvi uma consciência de que era uma mulher negra, ao mesmo tempo em que percebia o convite para essa conexão ancestral, em especial às margens da academia, no envolvimento com o teatro, com o movimento feminista e com as novas descobertas literárias contemporâneas que se faziam em mim aos poucos, muito lentamente, em um curso no qual a estrutura curricular ainda era/é bastante restritiva e que qualquer iniciativa mais “ousada” deve/devia partir da individualidade de algumas/uns professoras/es.

Recordo, hoje com um significado mais leve e mais simbólico, que ao fim do primeiro período, ouvi de uma professora que seria minha orientadora por eu ser negra e do incômodo que senti ao ouvir tal afirmação, pois deixava de ser “A menina que nasceu sem cor” e, quando na universidade, chamaram-me “NEGRA”, isso me espantou. O que posso afirmar é que fui uma aluna dedicada, aplicada, comprometida com os estudos e não recebi bem as palavras de minha professora, à época, única professora negra do departamento de Letras do Campus da

UERN de Assu/RN, havia uma outra professora negra, mas na época estava afastada cursando o doutorado.

Elá não foi minha orientadora, contudo, apesar de não ter sido, percebi pouco tempo depois que ela só queria me acolher, por saber das dificuldades que pessoas como nós enfrentamos nesses espaços e, em alguma medida, foi ela quem me mostrou perspectivas, pelo exemplo, pela sua presença-corpo ocupando um espaço que, de forma evidente, não fora feito para pessoas como nós, não era uma coincidência elá ser a única professora negra, em atividade, nesse espaço, entendia isso aos poucos.

Ainda assim, posso afirmar que a literatura, a universidade, o envolvimento com a cena cultural da cidade e o movimento feminista fizeram com que enxergasse a porta, aquela que as vezes nunca passa a existir: possibilidades, perspectivas e sonhos. Sem, contudo, e, apesar das adversidades, negar o meu lugar, social e territorial, e, em grande medida, a universidade é também responsável pelo olhar positivo que tenho sobre minha família, sobre as práticas culturais centenárias do artesanato com argila, sobre o legado da produção do alfenim, sobre a relação afetiva e coletiva com a alimentação e, sobretudo, sobre a ancestralidade.

1.2. O corpo-gerúndio: aprender, aprendendo

Reconheço-me coletiva e consciente de que todos esses saberes, não letrados, atravessados por diversas formas de violências, repressões e resistências, são tão legítimos quanto os da academia e ouso dizer que para mim, são mais importantes. De forma complementar, evoco Leda Maria Martins, em seu livro *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela* (2023) quando, ao discutir sobre o evento-corpo e evento-palavra, afirma:

Apesar de toda a repressão, o que a história nos ostenta é que, por mais que as práticas performáticas dos povos indígenas e dos africanos fossem proibidas, demonizadas, coagidas e excluídas, essas mesmas práticas, por vários processos de restauração e resistência, garantiam a sobrevivência de uma *corpora* de conhecimento que resistiu às tentativas de seu total apagamento [...] (Martins, 2023, p. 35).

Nessa tentativa de resistir ao nosso apagamento (Martins, 2023), sinto-me mais confortável em dizer que eu tive sorte, registro, mas não sorte aleatoriamente, a sorte de ter tido antepassados que, certamente resistiram às imposições do colonialismo, a sorte de que apesar de tudo, “A gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2014, p. 107). Sorte de a academia

não ter sido o lugar de negação e/ou dicotomia dos saberes e práticas do meu povo e isso fez toda a diferença nas minhas escolhas e no modo positivo como as vejo.

Sabemos que, desde a escola, numa perspectiva neoliberal, a meta é se distanciar, “evoluir” e “superar” um passado de privações. O que é fácil de entender na prática, entretanto, as instituições de ensino esquecem de levar em conta que somos antes da escola, que somos antes da universidade. Esquecem que somos. E o que somos deve ser também (ou ao menos uma opção) o que constituirá nossas formações, o que seremos na empreitada de resistir às tentativas de nosso apagamento (Martins, 2023) enquanto povos indígenas e negros em diáspora e em cruzamentos mesmo que forçados pelo colonialismo.

Em diálogo com Stuart Hall (2003), é possível dizer que essa abertura, essa “porta” e/ou mudança de paradigmas, como dito mais acima, dentro dos espaços dominantes, como o espaço da universidade, não se deu de forma simples: “É também resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural” (Hall, 2003, p. 320), que no Brasil passou a revisitar e revisar o modo como o colonialismo se infiltrou, inclusive em nossas subjetividades, como já dizia Lélia Gonzales (1988) e como a poeta Bell Puã bem expressa nos seguintes versos:

[...] e era uma vez um Brasil conservador.
Branco, dono! E preto, propriedade!
Africano era sem alma e o índio era selvagem.
Isso segundo o europeu.
Nosso grande apogeu de civilização.
Colonizaram até nossa mente, boy.
Pra tudo a Europa virou padrão;
beleza, ciência, progresso...
E o Brasil há 500 anos sem sucesso⁶.

Entender de onde viemos, mesmo que às vezes esse processo seja via violência (e quase sempre é), pode fortalecer a luta pela descolonização dos saberes, no qual é necessário desconstruir concepções dominantes que trazem consigo a experiência colonial (Costa, 2006), logo, a colonização, imposta aos nossos povos (negros e indígenas), privilegiou e privilegia sistemas de saberes eurocêntricos e etnocêntricos, ligados à escrita em detrimento de outros saberes como a oralidade (Martins, 2023), a culinária, religiosidades e tantas outras formas de saberes que se matizaram no contato forçado entre colonizadores e colonizados, que como lemos no poema acima se constitui como um atraso para o país.

⁶ Fragmento do poema de abertura da FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, na qual a poeta Bell Puã foi o destaque de 2018. Disponível em: [Flip 2018 - "Da perda", apresentação de Bell Puã](#). Acesso em 21 de jan. 2025.

O poema aborda ainda qual legado a colonização europeia nos deixou: alienação de nossas histórias; apagamento cultural; o eurocentrismo; o racismo estrutural que mesmo depois de 500 anos, segue moldando e atravancando nossos caminhos e ainda a colonialidade do ser e do saber: “colonizaram até nossa mente, boy”. Em uma linguagem direta, sarcástica e com marcas da oralidade que os *slams* evocam, a voz lírica denuncia o fracasso do projeto colonial no nosso país.

Diante disso, sempre é importante reforçar que o espaço acadêmico, que essa instituição legitimadora de saberes chamada universidade também é um lugar de disputas e, como tal, pode ser um lugar capaz de contribuir efetivamente com sujeitos e grupos sociais de lugares socialmente alijados e que são alvo dos efeitos nocivos de construções estruturais e discursivas degradantes sobre eles e sobre seus saberes/fazeres literários, culturais, religiosos e tantos outros.

Apesar de reconhecer a importância da universidade e ressaltá-la aqui, sabemos das limitações e implicações no que diz respeito às disputas por perspectivas mais democráticas e que contemplam as diversidades. Entre as limitações, destaco a estrutura curricular dos cursos de Letras e das ofertas limitadas e limitantes em relação a outras perspectivas literárias. Por isso, foi apenas no final da graduação e de modo bem aleatório e marcado pela metodologia individual de uma professora, que me encontrei com um “tipo” de literatura que causava, ao mesmo tempo, estranhamento/espanto e proximidade/empatia: a emergente Literatura Marginal do escritor Ferréz⁷, mais precisamente, seu livro *Deus foi almoçar*, lançado em 2012.

À época, seu mais novo romance, considerado um livro de transição e amadurecimento de sua literatura, uma literatura mais aceitável, palatável e “universal”, segundo a crítica especializada, visto que o autor ficou conhecido por escrever sobre periferia, violência policial, drogas e temas ligados à sua comunidade, Capão Redondo e, portanto, sua produção foi taxada como “imagens foto-jornalísticas”, “empobrecidas” e sem merecimento de interpelações literárias, críticas e estéticas. Argumento mais bem desenvolvido por Lúcia Tennina (2017) ao contrapor as críticas feitas pela crítica literária Flora Sussekind.

Ao abordar a produção desses escritores, a estudiosa brasileira a descreve em um artigo de 2005 como sendo um tipo de escrita empobrecida e explícita, de teor meramente documental, característica essa que se vê reforçada por “imagens foto-jornalísticas” que acompanham a trama, diluindo ou neutralizando o processo narrativo, cumprindo a função de “fornecimento de

⁷ No início dos anos 2000 Reginaldo Ferreira da Silva – Ferréz, cria o *selo* da Literatura Marginal e em conjunto com a editora Casa Amarela, publica três especiais da revista *Caros Amigos*, intituladas *Caros Amigos Literatura/marginal: a cultura da periferia*. Sob o *selo* dessa literatura vários escritores de periferias “entram em cena” e conformam um conjunto de escritores da primeira fase desse movimento iniciado por Ferréz.

prova de evidência do narrado” (SÜSSEKIND, 2005, p. 12) (Tennina, 2017, p. 19).

Mesmo assim, foi em *Deus foi almoçar* que reconheci uma dicção, uma linguagem e símbolos comuns à minha realidade. Pois, Ferréz escrevia com coragem e orgulho de seu lugar, se reconhecia marginalizado, não fazia questão de usar uma estética aceitável, “literária” “lírica”, para ser palatável aos olhos da crítica “especializada” e escancarava o óbvio: a periferia é também lugar de arte, cultura, ritmos, dicções, linguagens, sons, gestuais e somos nós, artistas e ESCRITORAS/ES e podemos, sim, falar/escrever com nosso ponto de vista, sobre o nosso ponto de vista e falar contra, escrever contra (Santiago, 2000) todo esse ordenamento de signos etnocêntricos, coloniais e elitistas é também uma opção estética. E isso também é LITERATURA.

Amanda Timóteo, uma das organizadoras da Coletiva do *Slam/PE*, em 2023, na final do *Slam*, em plena Rua da Aurora, no mesmo caminho que Ferréz, destaca os *slams* como esse local de reconhecimento de um *devir* escritora. Amanda entendeu que o que elas faziam era literatura e da importância de se cultivar esses espaços para que cada vez mais as mulheres se fortaleçam e produzam com sua própria dicção, corpos, vozes e pontos de vista, como diz a *slammer*: “[...] é que, tipo, quando o *Slam* das Minas nasceu... assim, ele propôs um espaço que a gente, a gente se negava a estar, né? Achando que aquele lugar, aqueles espaços não eram pra gente” (Amanda Timóteo, 2023)⁸.

Há muitas camadas na fala da Amanda Timóteo, melhor explorada mais adiante, aqui só busco ilustrar a correspondência pessoal, enquanto também uma jovem escritora negra, com livro publicado, premiado e prestes a lançar uma nova obra literária e ainda assim paira, como uma cruz pesada em nossas mentes: o que fazemos, escrevemos, pode ser considerado literatura, as subalternas podem, enfim, falar? (Gayatri Spivak, 2010). Amanda responde que sim, e foi no *slam* que ela se reconheceu escritora, assim como muitas outras e não há dúvida de que, segundo o professor e pesquisador Ary Dantas (2023, s/p), “[...] o subalterno tem voz e fala muito. O que ele não tem é acesso às máquinas de expressão que poderiam colocar suas histórias e seus discursos em circulação na sociedade”. Fato que tem mudado e mudará ainda mais, pois a literatura brasileira contemporânea, especialmente as de autoria feminina é uma realidade crescente em nosso país.

⁸ Partes de uma gravação realizada durante a final do *Slam* das MinaS/PE no dia 09/10/2023. As *slammasters* Amanda e Iara faziam as últimas falas antes de anunciar a vencedora da noite, a representante do *Slam* das Minas/PE que iria para a competição estadual, disputar vaga para o SLAM BR.

Voltando a *Deus foi almoçar*, foi logo após sua leitura que comecei a buscar outras obras que se assemelhassem àquela estética, pois o incômodo da novidade gerou em mim vontade de melhor conhecer essa produção, então busquei mais informações e me deparei, inicialmente pela internet com o intitulado “Manifesto da Literatura Marginal”, no qual destaco a seguinte passagem:

Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca! Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve. Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto. A própria linguagem margeando e não os da margem, marginalizando e não uns marginalizados, rocha na areia do capitalismo. [...] Somos o contra sua opinião, não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não. Um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos “direitos iguais”, da farsa dos “todos são livres” a gente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três classes: C,D,E. Literatura de rua com sentido sim, com um princípio sim, e com um ideal sim, trazer melhorias para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte (Ferréz, 2005, p. 14)

O texto acima gerou em mim o efeito AHA⁹ logo na primeira leitura. O “Terrorismo literário” do Ferréz ficou conhecido como o Manifesto da Literatura Marginal ou “nova geração da literatura marginal”, como prefere chamar o professor Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2011), pois, para ele, como sustentei em minha dissertação de mestrado, “[...] a adesão do marginal à literatura é parte de um posicionamento político contra hegemônico que permeia há tempos a literatura brasileira, como exemplo cita a Literatura Marginal dos anos de 1970” (Almeida, 2020, p. 10). Contudo, diferentemente da *geração do mimeógrafo*, o marginal dessa vez não é apenas performático e/ou político do ponto de vista artístico, em um contexto brasileiro de marginalização de qualquer expressão de arte que não fosse alinhada ao regime militar.

A “nova literatura marginal” é também performática, é também política, mas tem implicações miméticas da dimensão da representação e/ou representatividade de realidades específicas: periferias, favelas, comunidades, presídios e as violências, omissões, descasos que

⁹ Referência ao efeito “AHA” presente no posfácio que foi escrito pelo professor Alexandre Barbosa Pereira para o livro *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade* (2023, p. 288) que “permite uma descoberta ou uma nova interpretação, que romperia com dicotomias ou perspectivas reducionistas, propiciando, assim, novas experiências ao leitor”.

essas pessoas vivenciam. Logo, não se trata mais de uma aproximação com o “objeto” narrado (Patrocínio, 2011), mas sim a busca por representações que sejam representativas das diversas perspectivas sociais (Dalcastagnè, 2012), visto que:

Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende também às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas com uma notável limitação de perspectiva (Dalcastagnè, 2012, p. 20).

Essa “notável limitação de perspectivas”, descrita pela autora, se aplica facilmente aos nossos cursos de Letras, nos quais há também limitações no que “consumimos” ou entendemos como “boa” literatura enquanto estudantes, pois a hegemonia de um pensamento único, ou de uma perspectiva colonial, sobre uma estética única, certamente não inclui, mas exclui qualquer outro modo de produção considerada fora de um padrão estético estabelecido, mesmo quando sabemos que o rigor literário de um poema *slam* pode e deve ser interpelado, inclusive pela utilização da linguagem literária considerada “adequada”, pois se há algo que podemos destacar nos textos feitos para *slams* é sua grande preocupação com o rigor estético, a métrica, a versificação, as aliterações, metáforas, rimas e tantos outros elementos considerados formais quando se estuda um poema. Afinal, há concordância com o pensamento dos formalistas russos quando afirmam que a literatura é sobretudo forma e forma é o que não falta nos textos de *slams*.

Vejamos mais trechos do poema performado na final do *Slam* das Minas/PE, já apresentado aqui da Jéssica Preta, ressaltando que a *slammer* venceu o *Slam* das Minas/PE em 2023 e 2024, também ficou em segundo lugar na primeira edição do *Slam* das Minas/BR, realizado durante a programação da FLUP 2023, no Morro da Providência, Rio de Janeiro e manteve-se em segundo lugar no Campeonato Nacional de Poesia Falada – o SLAM BR 2023.

[...]

Eles querem que paremos de falar sobre raça
Que *slam* virou coisa de preto
Logo não enche a taça

Eles querem o cálice
de vinho tinto de negro

Para que sempre tenham apólices
precisam que fiquemos em hélice
Assim seremos sempre simples
e estaremos sempre em súplices

Enquanto eles continuam díplices
Vivendo de gabarolice
Não cairemos na tolice
Seremos nossos próprios cúmplices [...].

Ouvi esse poema pela primeira vez no dia no dia 09 de outubro de 2023, na Rua da Aurora, final do *Slam* das Minas/PE, o tempo estava nublado e naquele dia fui convidada para ser uma das juradas, não conhecia a Jéssica Preta, ela não participou das seletivas de 2023, pois tinha sido a vencedora de 2022, mas por motivos ainda ligados à COVID-19 e recomposição da coletiva, ela não pôde representar o estado no SLAM BR de 2022. Sendo justa a decisão de considerá-la finalista no ano seguinte sem que ela participasse das seletivas.

Jéssica chegou no horário, não nos conhecíamos e seu primeiro poema falava sobre racismo, sobre os privilégios brancos e referências negras, mas evocava de forma positiva, ao final da performance, como esse cenário tem mudado:

[...] tua política de embranquecimento
não deu com os burros n'água
mas exterminar de vez os pretos
foi tentativa frustrada [...]
Tá ficando ruim para vocês
A revolução tá só começando
A gente tá se encontrando,
tá se lendo,
se organizando
Conceição Evaristo,
Lélia Gonzales,
Joice Berth
Djamila Ribeiro
A gente vai escurecer tudo!
E aí vocês vão ver...
todo mundo lendo pretos!

Nessa primeira performance a poeta chegou “botando pra quebrar” com uma postura firme, de voz delicada, levemente estridente, mas com uma capacidade vocal e uma performance muito particular; corpo ereto, pés descalços, braços enérgicos como sua voz que se movimentava, enquanto o vento da chuva se aproximava e balançava seu black power.

Já nos trechos do poema anterior, parte de sua segunda performance, o que mais me impressionou foi a escolha de palavras em um certo momento do poema, quando em um evidente sarcasmo com a “linguagem adequada”, a poeta escancara que sabe usar a linguagem que seu professor da faculdade consideraria lírica, poética.

Podemos destacar desse trecho, a preocupação com a métrica, a rima, a escolha das palavras, a musicalidade e recursos como o uso de palavras proparoxítonas no fim da maioria

dos versos para “brincar” com a linguagem culta e ironizar, a partir do uso dessa mesma linguagem, visto que, logo em seguida, a voz lírica pergunta: *Gostou?/ Agora que usei teu dicionário conceitual?/ Esse caralho te rasgou? mesmo lubrificando o canal?/ Falo palavrão mesmo/ Palavrinhas deixo/para os amadores da moral*, evidenciando que a escolha linguística é opcional, é política, é estética e é consciente.

Gostaria de ter me encontrado com autoras como a Jéssica Preta ao longo do meu percurso acadêmico, mas é desse encontro, tardio, com a literatura marginal do Ferréz que surge a certeza de que era por esses caminhos que gostaria de enveredar. Passei a adquirir livros de escritores inscritos no *selo* da Literatura Marginal: Ferréz, Sacolinha, Allan da Rosa, Sérgio Vaz, Alessandro Buzo, Paulo Lins. Foi nesse período em que fiz uma de minhas mais preciosas descobertas, o escritor pernambucano, residente em São Paulo, Marcelino Freire, embora um nome já conhecido pela crítica literária brasileira, Marcelino chegara até mim pela sua proximidade com o movimento dos saraus de São Paulo, em especial o Sarau da Cooperifa¹⁰, organizado por Sérgio Vaz e do qual Marcelino era presença ativa, sendo então um dos primeiros autores, já com um certo reconhecimento nacional que incentivou e contribuiu para a expansão do Sarau da Cooperifa e consequentemente com a expansão dos novos formatos de saraus; nas periferias, fora dos salões de festas das elites, em bares, em vias públicas ou negociadas (Tennina, 2017).

E sobre os saraus e sua expansão para além de São Paulo, recordo-me que antes de ingressar no mestrado voltei à UERN, desta vez para cursar História. No auge do meu primeiro período, 2016, em pleno Golpe contra a presidenta eleita democraticamente, Dilma Rousseff, explodem no Brasil, as mobilizações estudantis de ocupação das escolas e das universidades. Estudantes realizavam manifestações massivas contra o Projeto de Lei 241¹¹, ou, como ficou conhecido, a PEC do Teto de Gastos. Havia também tramitações e disputa na sociedade de assuntos como Escola Sem Partido e o Novo Ensino Médio, além da efervescência da luta pela democracia que se configurou na disputa histórica da narrativa do Golpe.

Muitas foram as formas de luta contra o Golpe naquele período e, além de cursar História também fazia teatro e nosso grupo, em parceria com o Departamento de História, na época, chefiado pela professora Andreza Oliveira, resolveu construir um evento artístico para

¹⁰ O Sarau da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) foi idealizado pelo escritor e produtor cultural Sérgio Vaz e Marco Pezão e acontecia desde outubro de 2001, todas as quartas-feiras no bar de Zé Batidão e na extensão da rua onde fica localizado o bar na Zona Sul da periferia de São Paulo.

¹¹ Quando aprovada pela Câmara Federal, a PEC 241 passou a tramitar no Senado Federal como PEC 55.

“lutar pela democracia”. Assim nasceu o Sarau da Resistência¹², instrumento que mobilizou e organizou, já na sua segunda edição, a ocupação do Campus da UERN de Assu¹³, em consonância com a conjuntura política nacional, mas muito alinhado às demandas internas da universidade, como o atraso salarial de terceirizados, o sucateamento dos campis, a proposta de privatização da UERN, ampliação de bolsas estudantis, residência universitária, restaurante universitário etc.

Com pautas que dialogavam entre o nacional e o local, nossa ocupação durou 23 dias, a mais longa ocupação estudantil no RN naquele período e durante todo esse tempo foram realizadas muitas atividades pedagógicas, educacionais, políticas e culturais, em especial, os saraus, que se tornaram um instrumento agregador para além da comunidade acadêmica.

Não é mera coincidência o fato de usarmos o formato dos “novos” saraus (Tennina, 2017) para fins de luta política e reivindicatória, pois como afirma Tennina (2017, p. 116):

Esse deslocamento do termo “sarau”, que passa da cultura letrada para uma cultura periférica e, em grande medida, oral, começa a se observar no ano de 2001 quando um grupo de poetas liderados por Sérgio Vaz dá origem ao Sarau da Cooperifa. Essa experiência inspirou a abertura de muitos outros espaços dedicados a encontros similares [...].

Assim, em uma “*apropriação livre* que manteve apenas o rótulo “sarau”” (Tennina, 2017, p. 115), nos alinhávamos, no interior do Rio Grande do Norte, em uma cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, ao movimento de ressignificação dos saraus que Sérgio Vaz inaugura na periferia de São Paulo, ainda no início dos anos 2000. E aquele grupo de jovens, universitários e/ou artistas, liam, reliam e performavam textos de autores e autoras considerados periféricos, ainda com pouca influência das performances dos *slams*, que em 2016 já era um grande *boom* da internet, especificamente na plataforma do *YouTube*.

¹² O Sarau da Resistência foi uma iniciativa do Borná de Teatro que na época tinha como integrantes eu, José Elias, Yamara Santos, Thiago Bernardo e Shicó do Mamulengo, mas se expandiu e constituiu um núcleo mais operativo com outros integrantes, alguns da UERN e outros de nossas relações pessoais. Merecem destaque nesse processo, a presença de Camila Dantas, Walber Fersan, Moacir e Anderson e do apoio constante da professora Andreza Oliver. O Sarau da Resistência teve sua última edição em fevereiro de 2021, em uma versão *online* por conta da Covid-19. É possível encontrar materiais referentes a todas as edições do Sarau na página de Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100063681366468>. Acesso: 12 de jun. de 2023.

¹³ O Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão em Assú, foi ocupado no dia 10 de novembro de 2016 e a ocupação durou 23 dias. Nesse mesmo período, mais um Campus da UERN foi ocupado, o de Pau dos Ferros e a reitoria do Campus Central em Mossoró, ambas depois da ocupação do Campus de Assú. Nossa ocupação foi a mais longa. Há duas entrevistas disponíveis que explicam melhor nossas pautas e reivindicações. No primeiro link, estou dando entrevista para uma rádio local e está disponível em formato de vídeo no *YouTube* e a segunda é do aluno também do curso de História, Cleiton Bruno, para uma outra rádio local e que está na página do Sarau. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=13V272_X-zs e <https://fb.watch/mUSgTCUgsy/>. Acesso: 21 de jun. 2023.

Com a notoriedade que ganhou o Sarau da Resistência, ele foi “exportado” para cidades circunvizinhas como Macau, no Campus do IFRN; Mossoró, em um evento da UERN em praça pública, na famosa Praça da Resistência, e Angicos, no campus da UFERSA, com ou sem nossa ajuda para organização dessas edições que chamamos de “edições especiais do Sarau da Resistência”.

Figura 1 - Primeira edição do Sarau da Resistência em frente a UERN, Campus de Assu, realizada em 07 de outubro de 2016.



Fonte: Arquivo da página oficial do Sarau da Resistência.

A experiência do Sarau da Resistência, somada à bagagem de leituras e à quase “expulsão” do curso de História¹⁴, resulta em um projeto de mestrado para o Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Contudo, ao planejar o projeto, um novo estranhamento; todos aqueles livros adquiridos eram de autoria masculina. Conhecia apenas a Literatura Marginal pela perspectiva dos homens e a essa altura, já muito envolvida com o movimento feminista, surgiram alguns questionamentos:

¹⁴ Tanto minhas antigas professoras do curso de Letras, quanto as novas do curso de História, não concebiam a ideia de eu não seguir para o mestrado. Cursei ainda quatro períodos de História, mas a professora Andreza, que já era minha amiga, foi a principal incentivadora para que eu fosse fazer seleções para ingressar no mestrado. Além de me ajudar a construir o projeto, Andreza me possibilitou condições materiais e objetivas para que eu pudesse cursar o mestrado em outro estado, na Paraíba. Me tornou parte de sua família e de suas relações afetivas mais íntimas. Uma vez, uma pessoa branca me perguntou o que ela poderia fazer para contribuir com a luta antirracista (essa pessoa estava se referindo, especificamente, às manifestações que estavam acontecendo por conta do assassinato de João Alberto, no Carrefour de Porto Alegre, espancado até a morte por dois seguranças do estabelecimento, que o confundira com “bandido” por ele ser um homem negro) lembrei do que Andreza fez por mim, mas respondi: “quando for à manifestação, esteja na linha de frente, os policiais sempre hesitam bater em gente branca” e sei que essa resposta, não precisaria dar para Andreza.

quem são as mulheres que escrevem nas periferias? Onde estão essas mulheres? Quais são seus pontos de vista?

Foi mais difícil adquirir livros de autoras ligadas à literatura marginal ou autoras que produziam nas periferias, apesar do *boom* dos *slams* no Brasil e da disseminação de nomes como Mariana Felix, Luiza Romão, Luz Ribeiro, Mel Duarte (todas do eixo SP X RJ) pois em sua maioria, eram livros que precisavam ser comprados com as autoras, em sites pessoais delas, como é o caso da Mariana Felix¹⁵. Isso quando havia livros, pois o suporte para essa literatura, era sobretudo oral. O suporte externo, inicialmente, eram os *slams* de poesia. Aos poucos, fui adquirindo um acervo de produções de mulheres, entre elas: Dinha, Elizandra Souza, mais ligadas à cena dos saraus paulistanos e as já citadas Mel Duarte, Mariana Felix, Luiza Romão e entre outras mais envolvidas com os *slams* de poesia, também daquele eixo São Paulo X Rio de Janeiro.

Em agosto de 2020, pelo PPGLI/UEPB, defendi a dissertação intitulada “Literatura marginal/periférica: muitas Maris, tantas Anas em *Mania e Vício* de Mariana Felix” sob a orientação da querida e saudosa professora Rosilda Alves. E o presente trabalho é fruto desses encontros, desses “rios da memória” (Krenak, 2022), desses cruzamentos entre mares. É continuidade. Caminho. Caminhar caminhando. É “chover no molhado”. É gerúndio!

Este trabalho é continuidade. O percurso afetivo que me traz até aqui, também. Do ponto de vista da luta política, histórica, ancestral. E é novidade. É “outra coisa”, como evoca o poema de abertura desse capítulo, de autoria da pernambucana Bell Puã. Evidenciando que esses lugares (universidades, artes, literatura, política...) sempre nos foram negados, seja enquanto “criaturas” ou enquanto “criadores” e por isso, quando chegamos “lá” é “outra coisa”, coisa demais, histórias coadunadas que evocam resistência, resiliência e alteridade. Coletividade!

1.3. Corpo-negro/mulher/pesquisadora: *de perto e de dentro, um olhar etnográfico*

Há algumas razões pelas quais escrevi essas reminiscências, a primeira por entender que a literatura que investigo bebe exatamente nessa fonte; da vida cotidiana, de sujeitos marginalizados, em realidades desassistidas pelo Estado. Exatamente porque as/os escritoras/es, artistas e agentes culturais dos *slams* e dessa literatura contemporânea brasileira produzida pela periferia (ainda em disputa por nomenclaturas) são essas pessoas, vivenciam

¹⁵ Site de vendas da *slammer* Mariana Felix: <https://www.marianafelix.com.br/>.

essas experiências e elaboram suas *escrevivências* com as dicções, desafios, corpos e vozes das periferias em que vivem. E sim, também estamos nas universidades, nos Programas de Pós-graduação e em muitos outros lugares não outorgados e/ou legitimados como espaços de sentido ou de saberes em uma sociedade imbuída ainda em valores coloniais, que supervaloriza certos conhecimentos em detrimento de outros.

Uma segunda razão (em especial nesse contexto de fissuras democráticas diante da crise das democracias representativas, de golpes e instabilidades democráticas e políticas que acometeram o Brasil e outros países da América Latina e que ainda segue assombrando as democracias¹⁶), é a urgência de que as vozes e as produções das pessoas que mais sentem essas fissuras sejam elevadas ao nível de legitimidade e a academia tem buscado cumprir esse papel, não sem disputas, mas sobretudo pelo elevado número de pessoas consideradas “minorias” que ocuparam esse espaço como pesquisadoras/es, professoras/es nas últimas décadas, proporcionando uma virada epistemológica, como já mencionado acima.

Logo, esse capítulo foi pensado para trazer mesmo essas reminiscências de mais uma pesquisadora negra chegando ao seu doutoramento e que escolhe, arbitrariamente, um “objeto” de estudo e análise que seja coerente com sua vivência na sociedade. Assim como esse tópico foi pensado também para “expor os andaimes”, as “problemáticas do campo”, o método utilizado e com ele as inquietações de uma pesquisadora insegura, pois o método adotado foi uma novidade para mim – o método Etnográfico; a pesquisa de campo. Tive que ter bastante cuidado para não o instrumentalizar excessivamente, pois para Magnani (2023, p. 86) o método “não pode ser entendido “somente como um conjunto de técnicas, procedimentos e ferramentas para coleta e análise de dados, como observação, anotações, entrevistas, questionários, mapeamentos”. Mas também mediar para não incorrer na ideia de espontaneidade e “dom” como se fosse “fácil” ou sem rigor metodológico nenhum. De modo que é uma linha tênue o alinhamento do cultivo da espontaneidade e do rigor metodológico necessários para que a pesquisa de campo e a utilização do método *perto e de dentro*, funcione.

E eu, que não sou antropóloga, nem tampouco havia realizado pesquisas que necessitassem ir a campo, enfrentei alguns bons desafios e vivenciei experiências que, em todos os momentos, me fizeram duvidar se estava no “caminho certo”, ainda que meu coração estivesse aquecido e vibrante. Essas vivências e experiências em campo, estão melhor registradas Caderno de Campo, o próximo capítulo.

¹⁶ Enquanto reescrevo esse parágrafo, estão sendo julgados os envolvidos na tentativa de Golpe do dia 08 de janeiro de 2023. Preciso registrar: sem anistia para golpistas.

Definido desde o projeto submetido na seleção para este doutorado, a escolha metodológica para a realização dessa pesquisa é interdisciplinar e essa escolha de uma metodologia em que busquei apoio em outro campo das ciências humanas para um estudo em literatura se deu pelo entendimento de que a “[...] literatura é ao mesmo tempo um fato estético e social, razão pela qual deve ser estudada tanto na sua dimensão literária como na antropológica” (Tennina, 2017, p. 36) e em se falando dos *slams*, evoco Estrela D’Alva ao lembrar que o *slam* cruzou tantas fronteiras que ele não é apenas um acontecimento literário ou poético, mas também um movimento social, cultural e artístico (D’alva, 2014). Acrescento: um movimento político.

E por outras três razões imediatas. 1) os *slams*, se configuram através do seu hibridismo e são fundamentalmente baseados na sociabilidade urbana, na cidade que é “mais do que um mero cenário” (Magnani, 2002, p. 132); 2) por entender que o aporte teórico-crítico, passa por várias áreas do conhecimento, desde o urbanismo a análises literárias, logo, interdisciplinar, e, por fim, 3) por uma escolha ética, de aproximação (necessária), entre a universidade e os contextos, povos e/ou populações pesquisadas.

Desse modo, dediquei-me, especialmente, a entender melhor sobre o conceito de Etnografia Urbana. Em diversos textos de sua autoria, Magnani (2002; 2009; 2012;) traça um percurso bastante didático sobre a Etnografia Urbana. No texto de abertura do livro *Etnografias Urbanas: quando o campo é a cidade* (2023), Magnani dedica a segunda parte para elaborar uma linha do tempo sobre pesquisas e correntes que se dedicaram aos estudos urbanos na Antropologia. Desde antecessores como a Escola de Chicago, passando pelas contribuições de grandes nomes de sociólogos e antropólogos brasileiros como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Cândido e entre outros, vinculados a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), até a “descoberta da periferia” com trabalhos encabeçados pelas professoras Ruth Cardoso e Eunice Ribeiro Durham que “[...] abriram importante caminho para a antropologia urbana propriamente dita, não sem embates com a posição dominante entre seus colegas e a bibliografia convencional” (Magnani, et al, 2023, p. 48). Portanto, o conceito utilizado nesse trabalho parte dessas concepções antecessoras que, com seu desenvolvimento ao longo do tempo, possibilitam a inserção das periferias.

Contudo, dediquei-me mais precisamente ao método etnográfico *de perto e de dentro* desenvolvido Magnani que é o fundador do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da

USP (LabNAU)¹⁷, já que os *slams* de poesia, no Brasil, têm como uma de suas principais características a ocupação das urbes, dos espaços públicos como forma também de reivindicar o direito à cidade.

Magnani desenvolve o método *de perto* e *de dentro* como possibilidade para pesquisas de campo nas cidades sem perder de vista sistemas de signos comuns em um cenário contemporâneo (as cidades) considerado difuso, pois se a ideia clássica de pesquisa de campo remonta à experiência do antropólogo Bronislaw Malinowski quando aporta numa ilha desconhecida e passa tempo suficiente para aprender até mesmo a língua dos nativos, na contemporaneidade essa é uma realidade distante para quem se propõe a realizar pesquisa de campo nas cidades, visto que:

[...] numa cidade com 12 milhões de habitantes como é o caso de São Paulo, ou do Rio de Janeiro, Recife, Curitiba e outras metrópoles; quando abre a janela de seu apartamento ou percorre as ruas de seu bairro, certamente não se deparará com toda a diversidade urbana... (Magnani *et al*, 2023, p. 37).

Preocupado com as narrativas homogeneizantes sobre as cidades que, por vezes, negam a existência dos atores sociais que as compõem, ou se não negam, rebaixam essas pessoas a coadjuvantes apáticos, vivenciando o ritmo acelerado do capitalismo, da globalização que torna as cidades proliferações de desigualdades sociais, Magnani (2002) lança alguns questionamentos e apontamentos:

[...] isso é tudo? Este cenário degradado esgota o leque das experiências urbanas? Não seria possível chegar a outras conclusões, desvelar outros planos mudando este foco de análise, *de longe* e *de fora*, com base em outros métodos e instrumentos de pesquisa, como os da antropologia, por exemplo? (Magnani, 2002, p. 16).

E com esses questionamentos ele propõe uma abordagem etnográfica que seja capaz de empreender um olhar “[...] nem tão *de perto* que se restrinja à perspectiva de cada usuário ou um recorte e nem tão *de longe* a ponto de considerar uma visão abrangente, mas genérica e sem rendimento explicativo” uma vez que, “Entre o “de fora e de longe” e o “de dentro e de perto” certamente há nuances e graduação que permitem variar ângulos e escalas da observação” (Magnani *et al*, 2023, p. 67).

¹⁷ Para mais informações sobre o LabNAU há um site e o canal na plataforma do YouTube com diversos materiais disponíveis. <https://www.nau.fflch.usp.br/>; <https://www.youtube.com/channel/UCOW7GQI1hv26z6q3TlkZzwQ>. Acesso em 21 de jul. 2023

Pensando os *slams* como potência e como “potência solidária”, ressignificação e resistência das periferias e de tensionamento na literatura contemporânea brasileira bem como sua total filiação na busca pelo direito à cidade e compreendendo que as pesquisas de Magnani e demais pesquisas do LabNau dão suporte para essa empreitada, de forma muito atualizada, acrecido que foi o caminho “certo” a seguir (saber disso não garante que segui do “modo certo”), em especial, pelo enfoque de perceber as cidades não apenas como meros conglomerados globalizantes, mas cheios de nuances e problemáticas, em especial para as mulheres, já que “espaço público é cenário de guerra”, segundo a poeta Bell Puã¹⁸.

Assim, ao contrário de narrativas degradantes e homogêneas, são também as periferias cheias de nuances e gradações nada lineares e os *slams* configuram-se como mais uma de suas expressões, como mais uma dessas nuances que demarcam regularidades e sistemas de signos integrados, que demarcam que as cidades não são das mulheres, do povo negro, das populações empobrecidas e escamoteadas pelos projetos urbanistas e segregacionistas (Berth, 2023), pelas mãos do Estado brasileiro.

Para quem não teve muito contato com a área de Antropologia, geralmente o que está em nosso imaginário sobre pesquisas de campo, em especial, ligadas a metodologias e métodos dessa área, é a ideia clássica da Antropologia. Logo, quando imaginamos uma pesquisa deste tipo, pensamos em um “pesquisador” que investiga, geralmente de longe, o “objeto de pesquisa”, por exemplo, um grupo de indígenas de uma determinada etnia, situados em um determinado espaço e tempo. Mesmo o método *de perto* e *de dentro*, mencionado anteriormente e usado para essa pesquisa, pressupõe “a perspectiva de um olhar *distanciado*, indispensável para ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva *de perto* e *de dentro*” (Magnani, 2002, p. 11).

Os exemplos acima, bem estereotipados, são apenas para traçar determinados marcadores de mudanças ao longo do tempo¹⁹, no que diz respeito aos avanços de pesquisas situadas nesse campo, pois, se antes na “trajetória da Antropologia, o primeiro nome que o *Outro* recebeu, na literatura acadêmica, foi o *Selvagem*” (Magnani *et al*, 2023, p. 22), na contemporaneidade o *Outro* somos todos nós (Magnani *et al*, 2023). Há nessa lógica, uma mudança de paradigmas, pois:

¹⁸ "Da perda", apresentação de Bell Puã. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zkSaQyVHHAw>. Acesso em 20 de fev. 2025.

¹⁹ No livro *Etnografias Urbanas: quando o campo é a cidade* (2023), o professor José Guilherme Cantor Magnani faz uma explanação sobre as “linhagens” da Antropologia que vai da Antiguidade Clássica até a contemporaneidade. Nesse percurso o autor elenca, na trajetória da Antropologia, os nomes do *Outro*, ou seja, modos de nomear os povos e grupos estudados: O *Selvagem*; o *Primitivo*; o *Diferente*; o *Subdesenvolvido*; as *Minorias*.

A alteridade está ao lado, já não é mais imprescindível para o exercício da Antropologia tomar um navio, atravessar o oceano, permanecer três anos numa ilha longínqua: O *Outro* pode estar ali perto, é um de nós, compartilhando o assento no ônibus ou no metrô, numa manifestação de rua, num sarau da periferia, numa apresentação de *slam* (Magnani *et al*, 2023, p. 31).

Contudo, esses exemplos, como mencionei, estereotipados, também são para reafirmar que ainda é comum o entendimento (e a defesa) de distanciamento entre “pesquisador” e “objeto de pesquisa” (na pesquisa de campo pressupõe, inclusive, ser aceito ou não pelo grupo pesquisado), seja ele uma obra, grupos humanos ou qualquer outro “objeto”, de qualquer área. Visto que é corrente a ideia de que é necessário mesmo uma certa neutralidade para uma pesquisa mais isenta de sentimentalismos, de apegos e outros elementos capazes de turvar o rigor científico da pesquisa.

Não posso dizer que não estava inclinada a seguir um caminho que fosse capaz de estabelecer limites definidos e nítidos entre pesquisadora e “objetos” de pesquisa. No entanto, a ida a campo desmantelou esse ordenamento pré-estabelecido e desintegrou minhas expectativas de ser, enfim, uma Darcy Ribeiro com um caderninho na mão e uma “cara” de pesquisadora universitária, uma doutoranda. E foram essas inquietações que afligiram um tanto, ao mesmo tempo em que me desafiavam a “resolver-me” e resolver esse “problema” metodológico instaurado durante as idas à campo. Chamo de problemas metodológicos a falta desse distanciamento desde o início da ida ao campo e não por uma escolha, acredito, mas por diversos elementos simbólicos, semióticos que, ao se matizarem, fazem do *Outro*, eu, e de mim, o *Outro*.

E, apesar de julgar importante a proposição de DaMatta (1981) quanto ao ato de transformar o exótico em familiar e transformar o familiar em exótico, não estou convencida de que o fiz em campo e tudo bem. Em fase final desse trabalho, posso afirmar que essa falta de distanciamento teve relação direta com o acolhimento de Amanda Timóteo, Iara, Falconiere e as demais integrantes da Coletiva do *Slam* das Minas/PE. Tem relação com o envolvimento, afinidades e uma amizade bonita, construída durante o trabalho de campo com a *slammer* Jéssica Preta, com quem partilhei bons momentos no Rio de Janeiro, durante a FLUP 2023 e com as demais poetas das seletivas de 2023 em Recife que não me “*Outromizaram*” (Morrison, 2019), pelo contrário, tornaram-me *Family Slam*.

Certamente, a imersão no campo de pesquisa me fez formular mais dúvidas do que certezas, em especial sobre o método: *seguir o método, dialogar com o método, não “errar”*

no método, mas o trabalho de campo, esse imbricamento entre o *fazer pesquisa fazendo*, juntando relatos, construindo laços, conhecendo pessoas, firmando parcerias, fazendo entrevistas, elaborando coletivamente e percebendo que a aceitação no campo tem relação também com as políticas afirmativas, com as cotas, com a democratização e a interiorização das universidades que fazem dessas pessoas, produtoras de *slams* nas e das periferias, estudantes de graduação, de IFs, pós-graduandas etc.

Antes de mencionar alguns exemplos pernambucanos, vale destacar nomes como Roberta Estrela D’Alva, a precursora dos *slams* no Brasil; graduada em Artes Cênica pela Universidade de São Paulo – USP e mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. Luíza Romão, bacharelada em Artes Cênicas, mestra e doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada também USP. Mel Duarte, graduada em Comunicação Social. Luz Ribeiro, pedagoga, e muitas outras *slammers* que têm formação e ensino superior.

Na formação inicial do *Slam* das Minas/PE temos, Bell Puã, graduada e mestra em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Patrícia Naia, graduada em Letras e Especialista em Cultura, Arte e Linguagem pela UFPE, Olga Pinheiro doutora em Engenharia pela UFPE. Na formação mais recente da Coletiva vale destacar a mulher trans e *slammaster*, Elke Falconiere, graduada em teatro também pela UFPE.

Em minha concepção, essas informações sobre acesso à universidade dessas *slammers* e *slammasters*, dizem muito da aceitação em campo, mas, sobretudo, dizem da importância das políticas públicas de acesso à universidade, muitas delas, assim como eu, foram as primeiras da família a ingressarem no ensino superior.

Faço agora um “recorte” no tempo para pensar em um livro que li durante o percurso de doutoramento e das analogias possíveis de serem feitas em relação à essa aceitação ou não aceitação da pesquisadora em campo.

No livro *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza* (1994), da antropóloga Alba Maria Zaluar, que já no tópico introdutório, intitulado de “O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva”, descreve, de forma poética e minuciosa, como foi o contato com os “pobres” do conjunto habitacional Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, durante sua pesquisa de doutorado, no início da década de 1980.

As escolhas lexicais e de contraposições “antropóloga” X “pobres” que dão título à introdução, apesar de irônicas, reafirmam o que foi mencionado anteriormente: há uma evidente separação entre pesquisador, “a antropóloga” e o objeto de pesquisa, “os pobres”. E tais

características eram evidentes, para a comunidade e para a antropóloga que teve muitas dificuldades para *ser aceita* e realizar sua pesquisa.

Zaluar constrói uma narrativa instigante de sua chegada ao local do *Outro* e do estranhamento, ao perceber que o quadro pintado pela mídia sobre o conjunto habitacional, não correspondia em sua totalidade:

O cenário com o qual me deparei não era totalmente desprovido de tranquilidade. De certos ângulos, parecia mesmo um calmo bairro de subúrbio, de intensa vida social entre vizinhos. Meninos correndo ou soltando pipas no telhado, donas-de-casa conversando no portão, homens jogando carteados na birosca, trabalhadores passando a caminho do trabalho e brincando com os conhecidos, os grupinhos na esquina, e tudo mais que já foi eternizado para nós nos sambas compostos pelos artistas populares (Zaluar, 1994, p. 10).

Sem conhecer certos códigos, alheia à realidade local, reconhecendo-se privilegiada, mas disposta a “cultivar o envolvimento compreensivo, isto é, a participação afetuosa e emocionada” (Zaluar, 1994, p. 11), sem, contudo, negar a alteridade daquelas pessoas, a antropóloga começa a se dar conta das hierarquias e relações de classes na nossa sociedade, em seu nível microscópico, até então, despercebidas por ela.

Olhando para trás, percebo que junto com o medo explicável, havia certa ambiguidade na minha postura cujas raízes não consegui deslindar na época. O que me atraía e repelia ao mesmo tempo era a possibilidade de romper uma barreira. Cuja visibilidade não éposta ao alcance do olho nu, mas cuja força se faz sempre presente nos menores gestos, nos olhares, nos rituais da dominação, nos hábitos diários de comer, falar, andar e vestir, a barreira que separa a classe trabalhadora pobre das outras classes sociais que gozam de inúmeros privilégios, entre eles o de receber “educação”. Chegar perto, tão perto a ponto de me confundir com eles em sua casa, em seu bairro, deles que a sociedade construiu inúmeros modos de manter distante através de diferentes gostos, paladares, cheiros e hábitos, através da permanente carência, me parecia impossível. No entanto, não era um tabu com proibições especificadas nem a poluição decorrente do contato com o impuro que dificultavam esse contato. Nada ordena claramente, na nossa sociedade, o contato entre os pobres e os ricos. [...]. Mas vivemos em mundos separados, cada vez mais longe um do outro. Comecei a me dar conta, por esta forma violenta, da invisível e poderosa hierarquia (ou separação de classes) da nossa sociedade. Que não somos iguais nem perante a lei, nem perante a riqueza produzida já sabemos há muito tempo. O que eu não sabia era que havia tantos obstáculos microscópicos a entravar o contato social mais íntimo entre nós (Zaluar, 1994, p. 11).

Nessa introdução, Zaluar segue descrevendo os desafios que teve durante o tempo de pesquisa; num primeiro momento recebida com desconfiança, por ser confundida com jornalista e, nesse caso, interessada em difamar a comunidade, em outros momentos recebida com esperança por ser confundida com representante de governo “que antecederia os sacos de

feijão e arroz que o governo iria mandar para as famílias mais pobres” (Zaluar, 1994, p. 14). Depois, já em uma segunda fase de pesquisa, a antropóloga conta que foi consultada diversas vezes sobre inúmeras coisas pela deferência de sua “cultura”.

A pesquisadora precisou, por opção metodológica, e realizando diversos malabarismos, renunciar a tal poder e não externar seus gostos ou preferências pessoais quando consultada, especialmente, sobre assuntos referentes ao desfile da escola de samba da comunidade, lócus principal de sua investigação.

Mas as armadilhas clientelistas continuaram sendo armadas para mim, embora encontre alguma dificuldade de diferenciá-las das que são armadas em meu próprio meio social. Às vezes vinham tão disfarçadas que só me dava conta depois do acontecido. O antropólogo também tem seu dia de otário, concluía (Zaluar, 1994, p. 17).

Os evidentes marcadores de classe social, talvez de raça, fizeram com que Zaluar fosse, automaticamente, identificada como o *Outro*, destoante daquele cenário, em que era fácil distinguir a “antropóloga e os pobres”, “pesquisadora” e “objeto de pesquisa”.

Outra importante situação que rememoro e que merece ser mencionada, é o caso da antropóloga Érica Peçanha do Nascimento, pioneira nos estudos sobre a literatura marginal e sobre seus principais autores, dentre eles, Ferréz e Sérgio Vaz.

Já na introdução de sua dissertação de mestrado: ““Literatura Marginal”: os escritores da periferia entram em cena” (2006), Érica Nascimento relata a resistência dos escritores Ferréz e Sérgio Vaz em conceder entrevistas para o seu trabalho. Levou quinze meses para Ferréz aceitar participar da pesquisa:

A minha estratégia de inserção no campo foi, então, aproximar-me de Ferréz e Sérgio Vaz, até porque eram eles que estavam vinculados a dois projetos que divulgavam a “cultura da periferia” e formulavam novas identidades coletivas.

Mas já na primeira conversa com Ferréz, em abril de 2004, após um encontro literário na XVIII Bienal do Livro de São Paulo, anunciava-se o misto de desconfiança e resistência que eu encontrei em outras fases da pesquisa, afinal, questionou o escritor: “qual era o interesse de uma estudante da USP em investigar a produção literária da periferia?”, “no que o meu trabalho poderia beneficiar os escritores?”. Ferréz já havia despertado o interesse de outros pesquisadores de diferentes áreas, mas resistia em colaborar porque mantinha certa aversão pelo mundo acadêmico (Nascimento, 2006, p. 6-7).

Já o escritor Sérgio Vaz, por sua vez, negava-se a conceder entrevista por alegar que não tinha tempo e só após vinte e dois meses de insistência e participação ativa da antropóloga no Sarau da Cooperifa, Vaz declina e aceita colaborar com sua pesquisa.

Ambos tinham resistência ao fato de Érica Nascimento ser uma acadêmica e desconfiavam que a abordagem da pesquisa pudesse inferiorizar suas produções, assim como desconfiavam que poderia ser apropriada pela academia e “grupos privilegiados” (*ibidem*, 2006).

Ferréz decide colaborar com a pesquisa após saber que Érica Nascimento era moradora da periferia do Jaraguá, em São Paulo e Vaz, como dito, após a insistente participação no Sarau que ele organizava, pois como relata a pesquisadora, para Sérgio Vaz “é preciso que os intelectuais estabeleçam contato com sujeitos periféricos e frequentem seus espaços sociais para terem legitimidade de escreverem sobre eles” (Nascimento, 2006, p. 6).

Érica Peçanha do Nascimento é uma mulher negra, que mora até hoje na periferia do Jaraguá, mas a sua rotulação de acadêmica não apenas a transformou em uma intelectual como também em alguém sem legitimidade para escrever sobre esses escritores, sem legitimidade aqui significa ser alguém *de fora*.

Assim como Zaluar, a distinção estava instaurada e os marcadores sociais de classe, gênero e raça, mulher, negra e periférica, não se sobreponham ao fato de Nascimento ser “uma acadêmica”, logo, era o *Outro, de fora* com dificuldade também em *ser aceita* para a realização de sua pesquisa.

Esses dois exemplos, contrapostos, de pesquisas situadas em metodologias de trabalho de campo, servem para refletir um pouco de minha experiência utilizando-me de metodologia semelhante, visto que, na minha experiência de campo em todos os estados em que estive presente, sempre fui recebida como uma igual, como uma de “nós”, mesmo depois de relatar minhas pretensões de pesquisa. Recebi muita naturalidade e afeto e não senti distinção por saberem que sou “da academia”, não foi apenas uma vez que fui confundida, ou como organizadora, ou como *slammer* e fui desenvolvendo, de forma inconsciente talvez, uma aproximação orgânica nos espaços de *slam*.

Chamo de aproximação orgânica o modo como agi em campo. A primeira vez em que fui ao *Slam* das Minas/PE não entrei em contato com as organizadoras para me identificar, fui recebida por “mana” e integrada ao espaço de organização e cuidado logo ao chegar. Na segunda, as organizadoras já sabiam e me aguardavam até, mas como cheguei antes delas fui confundida como uma das organizadoras (“chegou a mina do *slam*” disse alguém em Pontezinha) e chamada para ir à frente do semicírculo dar os comandos do dia para a competição, e, dessas experiências, surgiram inseguranças se estava agindo bem em campo. Surgiram questionamentos do tipo: como devo agir para que isso não aconteça? Por que isso

acontece? Mas, depois do exame de qualificação em que participaram a professora Moama Marques e o professor André Magri, junto com minha orientadora, e das leituras sugeridas pela banca, o cuidado e o zelo de Ana Marinho, decidimos pela continuidade da proximidade, mesmo sem ir mais à campo e assim, as dúvidas se dissiparam quase por completamente.

Consegui coletar muitos dados, fiz entrevistas, relatos e anotações em meu caderno de campo, registros de áudios, registros fotográficos, registros de vídeos e, mesmo assim, não foi apenas uma vez em que me peguei pensando se essa proximidade não é problemática do ponto de vista científico. Mantenho essas inquietações não mais como justificativas, a fim de legitimar o meu percurso, a fim de não ser acusada pelos pares. Não mais. Mas mantenho minhas dúvidas sobre: qual o nosso medo em “ofender”, “desobedecer” aos rigores teóricos e metodológicos da academia? Ou qual o nosso medo em “desenvolver” nossas metodologias e teorias? Nossos percursos de pesquisas? Afetivos também, por que não? E tenho certeza, quase sempre o são e que bom que sejam. Sentar e ler uma tese como a da Marina Lima, sentindo-a em toda a escrita, dar as pausas nos atos e cenas que ela desenvolve, pausar o fluxo do tempo para ler as notas da dissertação de Luiza Romão, saber das motivações de Amanda Juliette e tantas outras pesquisas que se conectam pela forma e, no caso das citadas, pela escolha em objeto.

Contudo, como afirmei acima, gostaria de ter estabelecido essa dicotomia entre pesquisadora e “objeto” de pesquisa. Não nego as referências em que fui formada, separando capítulos de trabalhos em “partes” teóricas, metodológicas, de análises e sei de minha inclinação em obedecer às regras hierárquicas. Mas é que não tenho essa “cara de acadêmica”, não porque não a tenha exatamente, o que seria isso, afinal? Por uma razão bem óbvia dita mais acima sobre acesso à universidade, e os marcadores sociais de classe e raça que antes delineavam melhor quem era ou não da academia mudaram, de modo que o acesso mais democratizado à universidade, desde o início dos governos petistas, possibilitou que a “cara” de acadêmicos também mudasse.

Tais ordenamentos, recentes e novos na história do Brasil, no que se refere ao acesso à universidade, mudam não apenas as “caras”, os corpos, dicções que ocupam esse lugar, historicamente negado para pessoas de cara, corpos e dicções como a minha, mas mudam também perspectivas, enfoques, epistemes, de modo que “Estas novas presenças nas universidades voltam-se para a promoção de novas abordagens na compreensão da sociedade, quer com a pragmática de suas ações, quer como fenomenologia de suas analíticas”. (Tavares, 2020, p. 24), tornando a distinção entre “pesquisador” e “objeto de pesquisa” mais complexa, pois revela o nível de racismo e exclusão que os povos das consideradas minorias sofreram ao

longo do tempo (povos e suas práticas), ao serem categorizados de forma planificada, rasa e de fácil resolução: “os pobres”, “os índios”, “as mulheres”, “os negros”, “os nordestinos” e entre outros, como passíveis de serem objetos, mas com muitas dificuldades em se tornarem pesquisadores.

Não que tenhamos sido apenas isso ao longo da história, contudo, hoje e de forma mais sistematizada, disseminada e legitimada, podemos nos contrapor em ser somente o que a mentalidade colonial nos reduziu, somos agentes de nossas próprias formulações de forma plural, “como fenômeno que transcende dualidades, por isso mesmo plástico, dinâmico, autopoético, resiliente, adaptável e atravessado pelas mais distintas formas de ‘dobras’ e ‘quebras’ localizadas na pós-travessia atlântica” (Tavares, 2020, p. 20).

De modo que, sendo uma jovem mulher negra, pertencente ao recorte recente de acesso à universidade, vinda de lugares sociais e geográficos parecidos com os das pessoas que estão diretamente envolvidas na produção do “meu objeto de pesquisa” e com práticas culturais semelhantes, como o envolvimento na produção de saraus e na cena cultural de nossos lugares, era quase inevitável (e gostaria de ter entendido desde o início) a ligação afetiva com o “objeto”, os *slams*, que, vale repetir, são majoritariamente produzidos e consumidos por jovens, negros e negras de periferias brasileiras, juventudes essas que também pertencem (não em sua totalidade) ao recorte recente de acesso à universidade, não existindo deferência significativa entre o *Outro* e eu, como no caso da pesquisadora Alba Zaluar.

Já quanto a Érica Nascimento, minha aposta é a de que tenha relação com o fato de que no período da sua pesquisa, início dos anos 2000, ainda era inexpressiva a existência de gente como nós, pesquisando “objetos” como os nossos, nas universidades desse país, naturalmente, a aversão e desconfiança vinham também da exclusão e do receio, como mesmo afirma Ferréz, de que essa produção, também recente, fosse desmerecida, reduzida ao olhar da pesquisadora, ao olhar do *Outro*, ou fosse apropriada pela academia sem nenhum retorno efetivo aos seus produtores.

O retorno efetivo agora, somos também nós. Esse “nós” em “Potências Solidárias”, formulando, pesquisando sobre nós. Nossos saberes, fazeres... Nossa gente! Já que *tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós*²⁰ e apesar de talvez *não existir amor em SP*, foi a partir também de lá que se constituíram afetos aqui e lá, e mesmo com as tentativas diárias de apagamento, silenciamento, afirmamos e reafirmamos a máxima que dá título ao livro da artista, performance

²⁰ Principia, composição de Emicida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28. Acesso: 22 de ago. 2023.

e intelectual Jota Mombança: “Não vão nos matar agora²¹” e vão ter que engolir nossas caras (pretas, indígenas, LGBTQIA+, femininas) de acadêmicas/os *chegar num lugar que sempre/te foi negado/através da história,/na tv, nos livros/em olhares agressivos* (Puã, 2019, p. 15), pois é tudo nosso!

²¹ Mombaça, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

CAPÍTULO II

“RESPEITE A RIMA DAS POETAS NORDESTINAS”: UMA ETNOGRAFIA DO SLAM DAS MINAS/PE

Há cinco anos atrás, eu não sabia que ser poeta era uma responsabilidade tão grande e nem que a Rua da Aurora ficaria tão pequena com um movimento que acabava de nascer. Tão grande que a gente dividia o mesmo coração. A gente contava as passagens, gritava na rua, arrumava amplificador pra colocar o microfone que não pegava. Improvisava ou dividia a caneta. Saía da faculdade direto pra batalha, fugia de casa, errava a parada de ônibus, o evento atrasava, pulava a catraca, mas a gente tava lá, cada uma carregando um pouco de si, das dores e delícias. Algumas muito jovens e outras, pouco maduras, mas todas da mesma correria.

(Amanda Timóteo, 2023)

Que ou quem gosta dos bens e dos prazeres do mundo” e quem não? As feminilidades precisam celebrar o ser mundano que habita em cada uma. Já basta sermos fortes, resistentes, paciente... que sejamos agressivas, profanas, temporais, mas também, sejamos calmaria ao nos encontrar e nos acolher.

(Iara Castro, 2023)

[...] isso é tudo? Este cenário degradado esgota o leque das experiências urbanas? Não seria possível chegar a outras conclusões, desvelar outros planos mudando este foco de análise, de longe e de fora, com base em outros métodos e instrumentos de pesquisa, como os da antropologia, por exemplo?

(José Roberto Magnani, 2002).

**CADERNO DE CAMPO – 2023:
UMA ETNOGRAFIA DO SLAM DAS MINAS/PE**

[...] Não conheço Recife, mas acabo de conhecer Rafaela. 9 anos. Vem para a comunidade do Coque para ficar com sua mãe durante os fins de semana, mora com sua vó, no bairro vizinho. Rafaela brinca de bicicleta na praça, e, recorrentemente, para na minha frente e puxa algum assunto aleatório. Muito madura para sua idade. E com conversas que não posso registrar [...].

(Caderno de Campo, 2023)

PREFÁCIO

Desconfio que um pesquisador é forjado mais pelos seus fracassos e hesitações do que pelos seus acertos e certezas.

(André Magri, 2022)

Este Caderno de Campo é resultado de pesquisa realizadas no ano de 2023, ano em que consegui acompanhar as seletivas do *Slam* das Minas/PE. Elas iniciaram-se em abril e terminaram apenas no final de setembro do ano citado. Das quatro seletivas de 2023, participei de três e da grande final desse *Slam*. Não estive presente na segunda, que aconteceu na Rua da Aurora, nela a ganhadora foi a poeta Elke Falconiere, mulher trans e uma das integrantes da Coletiva *Slam* das Minas/PE. Logo, dos relatos de campo apresentados aqui, há essa lacuna da segunda seletiva.

A quarta seletiva, que estava prevista para o dia 26 de julho, dentro da programação em celebração ao Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha, junto com o Grupo Bongar¹, teve a programação alterada repentinamente, pois os trabalhadores de aplicativos estavam fazendo uma manifestação e, em respeito ao ato e também pela instabilidade no trânsito de Recife, a programação foi adiada para o dia seguinte, isso me impossibilitou de estar presente fisicamente, dada a imprevisibilidade, no entanto, essa foi a única seletiva transmitida ao vivo pelo Instagram² e pude acompanhá-la, fazer algumas anotações e observações do momento, no momento.

A proposta inicial de acompanhar esse *Slam*, especificamente, surgiu após decidirmos fazer o recorte de gênero na pesquisa e por duas razões imediatas: a proximidade geográfica e por ser um *slam* em atividade, ou seja, sabíamos que durante o ano de 2023 ele cumpriria com a programação prevista: seletivas para a escolha das representantes que iriam para a competição final desse *Slam*, resultando em uma vencedora que participaria do *Slam* Pernambuco³, concorrendo a uma vaga para o SLAM BR 2023.

Importante destacar que nesse mesmo ano a representante do *Slam* das Minas/PE, Jéssica Preta, vence o *Slam* Pernambuco e fica em segundo lugar no SLAM BR 2023, realizado no período de 30 de novembro a 3 de dezembro na Fundação Carlos Drummond de Andrade

¹ O Bongar é um grupo de cultura popular que tem sede na comunidade do Xambá, no Recife. A quarta seletiva do *Slam* aconteceu no espaço do grupo, dentro da programação em comemoração ao Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha que o grupo organizou.

² A transmissão do *Slam* foi feita pela página oficial do Grupo Bongar. Disponível: <https://www.instagram.com/tv/CvOIM8KszFv/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 28 de out. 2023.

³ Em 2023 havia apenas dois *slams* em atividade no estado de Pernambuco: o *Slam* das Minas e o *Slam* Caruaru.

(FCCDA), em Itabira, Minas Gerais. Nesse mesmo evento comemorava-se 15 anos de *slam* no Brasil. Jéssica também ocupou o segundo lugar no primeiro *Slam* das Minas BR, realizado pela FLUP 2023, no Morro da Providência, Rio de Janeiro.

Há *slams* de mulheres na Paraíba, no Rio Grande do Norte e no Ceará⁴, como vimos no capítulo anterior, no entanto, depois da pandemia de Covid 19, em 2023 muitos *slams* ainda não haviam voltado para o presencial e muitos foram desfeitos, por isso consideramos o *Slam* das Minas/PE para realização do trabalho de campo. Outro aspecto foi o fato de esse ser o único *slam* do Nordeste a ter uma vencedora do SLAM BR, no ano de 2017, a Bell Puã.

Como mencionado no primeiro capítulo, essa pesquisa buscou um olhar etnográfico desde o início, propondo uma metodologia de observação, participação e análise. Apesar das limitações, no ano de 2023 consegui acompanhar alguns outros *slams* em territórios nordestinos. Além de Pernambuco, estive em seletivas nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, alguns com maior grau de inserção ou proximidade como as Subversivas⁵, em João Pessoa e Batalha das Minas⁶, em Natal.

Ainda em 2023, estive no Rio de Janeiro para participar da FLUP 2023⁷ que, neste ano, apostou muito nos *slams* como o carro chefe do evento. Tornando-se um evento emblemático e importante para pesquisadoras como eu, tendo em vista a dimensão e difusão das várias modalidades de *slams*, promovendo o primeiro *Slam* das Minas BR⁸, o primeiro Tran*Slam* Internacional⁹, foi sede da segunda edição do Campeonato Mundial de Poetry *Slam*¹⁰, com a

⁴ Sabíamos da existência de *slams* auto-organizado por mulheres em outros estados do Nordeste. A Bahia, por exemplo, tem o terceiro *Slam* das Minas em ordem de criação em território nacional. A questão da proximidade tem relação com o fato de morar e trabalhar no Rio Grande do Norte, mais perto de algumas cidades do interior do Ceará do que de minha capital, estudar em João Pessoa e já ter definido Recife como espaço de trabalho de campo. Logo, esses três estados eram mais fáceis de transitar.

⁵ Eu já sabia da existência do *Slam* Subversivas, entretanto, em sua página de Instagram, não havia informações da funcionalidade do ano de 2023, o que não me fez considerá-lo como possibilidade para o trabalho de campo.

⁶ Passei a ter conhecimento da existência desse *Slam* no percurso da pesquisa, em contato com pessoas, na conversa informal e nas articulações no campo de pesquisa. Não consegui ir à única seletiva que elas fizeram esse ano (mas estive em outras seletivas do estado) por coincidir com uma data de seletiva em Recife. No RN, as seletivas de *slam* aconteceram de forma diferente; em 2023 foram realizadas por núcleos já existentes, vinculados ao movimento *hip-hop* do RN, de Batalha de Rimas e cada um desses núcleos organizaram apenas uma seletiva, da qual retirava-se o vencedor ou vencedora para a final estadual.

⁷ Em 2023 a FLUP comemorava a sua 13ª edição. No ano citado, contou com nove dias de programação, divididos da seguinte forma; dos dias 12 a 15 e de 18 a 22 de outubro. Na página oficial, pode ser encontrada a programação de 2023. Disponível: <https://instagram.com/fluprj?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==>. Acesso em: 30 de out. 2023.

⁸ O *Slam* das Minas BR, promovido pela FLUP 23, foi o primeiro *Slam* das Minas à nível nacional, contou com *slammers* de 14 estados brasileiros, destes 14, apenas a representante do DF não vinha do *Slam* das Minas do seu estado, mas a justificativa para a participação do DF com uma *slammer*, a Kaju, era pelo fato de ter sido o lugar de criação do primeiro *Slam* das Minas do Brasil. A vencedora dessa primeira edição do *Slam* das Minas BR foi a poeta Medusa, do estado do Acre.

⁹ A FLUP 23 sediou o primeiro Trans *Slam* Internacional, um *slam* de e para pessoas trans.

¹⁰ A FLUP 23 sediou, pela primeira vez, um campeonato mundial de *slam* em território nacional, foram cerca de 40 *slammerc* e *slammasters* vindos de todos os continentes.

participação de *slammers* e *slammasters* de todos os continentes, além do emblemático *Slam* Coalkan (um *slam* indígena) e da realização de um *slam* específico com jovens selecionados de todo o Brasil, o *Slam* de Cria¹¹, além de ser berço da grande final do *Slam/RJ*. De modo que 2023 foi um ano intenso de trabalho de campo e de mudanças de perspectivas e caminhos da pesquisa, mas chegamos ao consenso, junto com o olhar da banca de qualificação, que trataríamos de forma mais dedicada o *Slam* das Minas/PE.

Os relatos de campo presentes aqui, frutos do meu caderno de campo, assumiram um formato de Diário de Bordo, contudo, transcritos, seguem uma linha mais cronológica dos acontecimentos, livre de certas marcas, rasuras, desenhos, cheiros, manchas que as folhas do caderno adquirem no seu manuseio em campo.

Apesar de os relatos aqui apresentados não se encontrarem mais dispersos, fragmentados, como no caderno, seguem mantendo um estilo que estabeleci ainda no roteiro, quando defino que um dos meus objetivos é seguir uma escrita com um “estilo mais próximo do literário”, correndo o risco do que isso pode significar. Mantenho o primeiro roteiro que sistematizei antes da primeira ida à campo em abril de 2023, pois há descrições mais específicas dos objetivos (coerentes com o momento) e alguns passos que deveria seguir em campo.

Tabela 1 – Roteiro de observação – Slam das Minas/PE, 2023

Objetivo	Roteiro
Constituir uma etnografia do <i>Slam</i> das Minas/PE, considerando a questão da ocupação da cidade, do direito à cidade, os temas que as <i>slammers</i> abordam sobre questões relacionadas às mulheres. Observar as performances, a questão da oralidade, e os desafios que as organizadoras enfrentam para fazer esse <i>Slam</i> acontecer.	<p>1º Deixar me afetar pelo ambiente, pessoas, cheiros e outros elementos que julgar pertinente.</p> <p>2º Tentar não parecer a pesquisadora nesse primeiro momento.</p> <p>3º Observar o local: Quem está no ambiente? Como o local se encontra naquele dia? Quem organiza? Como as pessoas chegam ao local?</p> <p>4º Pedir permissão para registrar com fotos e vídeos.</p> <p>5º Anotar o máximo de coisas que julgue pertinentes sobre o <i>cenário, atores e regras</i> como propõe Magnani (2009).</p> <p>6º Anotar se sentir algum estranhamento e como me sinto em relação à situação de estar em campo.</p>

¹¹ O *Slam* de Cria se deu por meio de um edital que selecionou jovens de até 29 anos de todo o país. Há mais informações na página da FLUP. <https://www.instagram.com/p/CtJ7IG6Lh94/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng==>. Acesso em: 30 de out. 2023.

	<p>7º Buscar usar uma linguagem mais próxima possível do literário e só depois adequar às referências teóricas.</p> <p>8º Tentar sistematizar os relatos logo que chegar em casa.</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria.

A elaboração desse roteiro foi motivada pelas leituras que realizei sobre etnografias urbanas e pelo fato de nunca ter feito pesquisa dessa natureza. Por esse motivo, é possível ver no roteiro tanto descrições direcionadas ao método etnográfico, como anotações sobre *cenário, atores e regras*, proposta de Magnani (2002;2009), até descrições estritamente pessoais como que tipo de linguagem devo utilizar, não parecer uma pesquisadora, mesmo sabendo que: “Em campo não é possível manter a ficção do *self* sem gênero, não é possível ser “antropólogo” sem marcações. Em campo as pessoas são marcadas” (Moreno, 2017, p. 262). Logo, um roteiro amador, para uma pesquisadora amadora. Porém, hoje, ao olhar para esse roteiro, e só por isso o mantendo aqui, posso afirmar que me foi bastante útil seguir um caminho tanto intuitivo, como da utilização do método etnográfico adotado.

De maneira que os quatro relatos de campo apresentados nesse capítulo mantêm muitas digressões, marcações pessoais de dúvidas ou desabafos, interações com o ambiente, desvios de foco, mas ao mesmo tempo descrevem ambientes, pessoas, cenários, apresentam imagens, transcrições de áudios e entrevistas, sentimentos e *insights* que não estão em roteiro nenhum, se fazem fazendo.

1^a CLASSIFICATÓRIA

Figura 2 - Logo da primeira seletiva de 2023¹²



Fonte: Arte de Iara Castro, disponibilizada por Amanda Timóteo para compor esse trabalho.

Recife, 15 de abril de 2023

Chego, aproximadamente, às 15h no local indicado, a Praça do Coque. Às vezes esqueço que temos uma “cultura do atraso” e estava apenas ansiosa demais para chegar “na hora”, numa terra “desconhecida”. O cartaz do Instagram marcava às 15h e eu, ilusoriamente, acreditei.

¹² Na foto, algumas das poetas homenageadas e que fizeram parte da primeira formação da Coletiva Slam das Minas/PE.

Nosso Nordeste, conhecido pelas altas temperaturas, hoje, faz jus à fama. Sol a pino. Muito barulho de carros no trânsito e um vento escasso. Lembro da ponte que acabara de atravessar, a motorista mencionou, com um certo orgulho, que era o Rio Capibaribe o que via abaixo da ponte. O Rio das Capivaras, no centro de Recife. No que hoje é o centro. Não pude deixar de formar uma imagem na cabeça sobre um rio que ganhara nome de bicho e idealizar um tempo em que bichos ali viviam, onde hoje carros e mais carros passam sobre ele. Por cima.

Não conheço Recife, conheço apenas o Recife cinematográfico do Kleber Mendonça Filho. O Recife da especulação imobiliária de *Aquarius*, o “novo” Recife, moderno, desenvolvido, de classe média, mas profundamente atravessado por relações coloniais que insistem em se perpetuar em *O Som ao Redor*. O *Recife Frio*, inóspito, paisagem fictícia, relações sociais de injustiças e desigualdades, reais. Impossível não lembrar das aulas do professor Mousinho e de todas essas discussões sobre lugares e filmes. Impossível não lembrar de Chico Science e dessa cidade em que *os de cima sobem e os debaixo, descem*¹³ canção entoada pela mistura de ritmos da *Nação Zumbi*.

Ainda de dentro do carro, especulo com a motorista se é mesmo aquele local. Vejo uma tenda sendo armada, três mulheres lindas organizando o espaço, uma com um cabelo black, que reconheço por ter visto nas fotos do Instagram da página oficial do *Slam* das Minas/PE, sei seu nome: Amanda Timóteo.

Desço do Uber. Atravesso a rua e ao chegar na praça, sou recebida com abraços e comprimentos de “tudo bem, mana?”, afirmo que sim, nos apresentamos e a Amanda pergunta se vim para competir. Estou envergonhada. Respondo que não, que vim prestigar o *Slam*, mas não digo que sou pesquisadora, que sou da universidade. Combinei com minha orientadora, Ana Marinho, que hoje viria apenas conhecer, prestigar e entender a dinâmica e me situar melhor, mas por via das dúvidas, estou com alguns termos de consentimento de entrevistas, timbrados com a logo da UFPB. Deixo-os guardados. Elas pedem para procurar um lugar para me sentar, dizem para me sentir à vontade e continuam a tarefa de organização do espaço, dependurando filtros dos sonhos, desenhos e montado uma estrutura pequena com uma caixa de som.

Não conheço Recife, conheço apenas as *moças lindas*¹⁴ de Olinda cantadas por Reginaldo Rossi no toca fitas de meu tio Chico, aos domingos, durante suas bebedeiras.

¹³ Trecho da canção, *A cidade*, do compositor Chico Science para o disco *Da lama ao caos*, de 1994.

¹⁴ Referência a canção, *Recife*, composição de Reginaldo Rossi, do disco, *A volta*, de 1984.

E, desde criança, sonho em obedecer aos conselhos de cantor: *Se você for até Recife/ Não esqueça da esteira do chapéu/ Pois as praias e o Sol de Recife/ Mais parecem coisas lá do céu*¹⁵! Ainda não conheço as praias do Recife, sei que meu tio também nunca as conheceu. Sei que não será hoje que conhecerei as praias, mas estou mais perto delas.

Não demorou para me integrar na dinâmica emergente de organização do espaço, ao terminar, tímida, procuro um banco da praça para me sentar e continuo a escrita no meu caderno de campo. Caderno aberto, vejo algumas anotações que fiz em casa: “numa primeira ida a campo, a recomendação é deixar-se afetar [...] pelos sons, cheiros, cores, perceber o entorno, as edificações, objetos”¹⁶. Será que não é estranho escrever agora? Mesmo assim, estou orgulhosa. Não sei o motivo, mas estou orgulhosa e confiante. Sento-me. Quero tirar uma foto, mas fico sempre em dúvidas se devo fotografar os outros, julgo invasivo e inconveniente.

Mudo de lugar pensando na foto. Estou sentada na “beirada” da academia do Coque, uma academia mesmo, toda equipada com instrumentos de musculação que, durante a semana, soube, tem um educador que está disponível para as pessoas da comunidade. O lugar em que estou fica ao lado da estrutura montada para o evento. Resolvo mesmo fazer algumas fotos.

Não gostei das fotos, penso em usá-las para demonstrar que, apesar do acolhimento, do envolvimento e reciprocidade cultivadas no ambiente, ainda me sinto distante, *de fora*, duvido que tenha a ver com a pesquisa somente. É quase que um boicote do imenso orgulho que senti a pouco, em ser uma pesquisadora, de estar aqui, de saber que podemos ser pesquisadoras. O que fizeram de nós para que duvidemos assim de nossas capacidades? Escrevo como quem sabe que não pode grafar isso na tese, mas grafo.

¹⁵ Trecho da canção, *Recife*, composição de Reginaldo Rossi, do disco, *A volta*, de 1984.

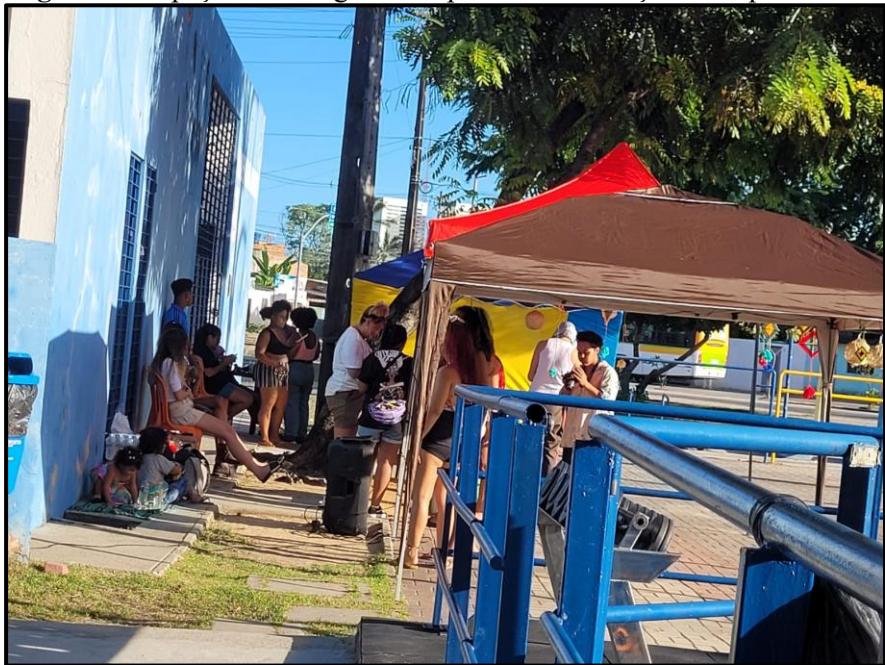
¹⁶ (Magnani et al, 2023, p. 67).

Figura 3 - Academia do Coque, situada na Praça do Coque. Recife/PE



Fonte: Acervo Pessoal (15.04.2023)

Figura 4 - Espaço sendo organizado para o slam. Praça do Coque. Recife/PE



Fonte: Acervo Pessoal (15.04.2023).

Não conheço Recife, mas acabo de conhecer Rafaela. 9 anos. Vem para a comunidade do Coque para ficar com sua mãe durante os fins de semana, mora com sua vó, no bairro vizinho. Rafaela brinca de bicicleta na praça, e, recorrentemente, para na

minha frente e puxa algum assunto aleatório. Muito madura para sua idade. E com conversas que não posso registrar.

Rafaela traja uma blusa e um short cor de rosa, brinca também em uma bicicleta cor de rosa, visivelmente inapropriada para seu tamanho. Usa dois pares de chineloas Havaianas, um de cor branca, enfeitando o guidom da sua bicicleta e outro, verde claro, em seus pés. Rafaela diz que sou feia, confirmando minha recente paranoíia com esse cabelo que inventei de descolorir. Estou tão insegura quanto na quinta (13), quando apresentei o andamento da pesquisa no Seminário de Dissertações e Teses (PPGL/UFPB). Por hoje, concordo com Rafaela. Rimos alto e ela me pede para fotografá-la¹⁷.

...

Já são quase 17h, começa a chegar algumas pessoas. O tempo parece se arrastar agora. Estou com fome e não vejo nenhum local para comer. A praça está localizada na entrada da Comunidade do Coque, não em seu interior, mas às margens da comunidade. Há uma grande movimentação de carros na pista que fica à frente, não sei nem dizer para quais lugares dá essa avenida, não conheço Recife e quase não sei o que é esquerda e direita sem olhar para as minhas próprias mãos, mas, certamente, é um caminho bem centralizado. A praça em que estou fica bem no meio, com duas pistas que a afunilam, como se ela fosse uma ilha envolta em um mar de carros. Vejo alguns ônibus passarem. Há também uma parada de ônibus ao lado da praça. Deve significar que é um lugar central.

As pessoas da comunidade começam a chegar. Estou impressionada com a quantidade de crianças presentes. Agora tem uma grande movimentação de jovens que atravessam a pista que dá acesso à comunidade do Coque e voltam com coisas nas mãos. Uma das organizadoras me chama para participar de espaços de autocuidado; maquiagem e penteados. Sorrio assentindo. Permaneço.

As crianças dançam funk, comem pipoca e tomam refrigerante de laranja. O evento já começou, na verdade já começou desde cedo com a organização do espaço, a socialização das pessoas, o espaço de autocuidado, as fotografias, mas eu, que espero a competição de *slam* com hora marcada de voltar para João Pessoa, estou preocupada. Já é noite e há uma programação com desfile de moda antes da seletiva do *Slam*¹⁸.

¹⁷ Infelizmente, não foi possível manter anexa a fotografia da Rafaela, com a descontinuidade do trabalho de campo, não consegui autorização de algum familiar e não julgo ético manter a foto de uma criança sem a permissão de algum responsável.

¹⁸ Até aqui segui basicamente o texto corrido que escrevi em meu diário de bordo da hora que cheguei até aproximadamente umas 18:30h, quando as organizadoras chamaram as pessoas para formar uma meia lua em torno

O *Slam* começa, como previsto, após o Desfile Estética Favelística¹⁹, organizado por uma moradora da Comunidade do Coque, Nilza Lima, que criou em 2019 uma marca independente e autoral chamada Verdin Brechó²⁰ e desenvolve peças com técnica *Tie Dye* e uma estética que valoriza a cultura negra. De *looks* coloridos, embaladas/os pelo som da *Dj* o desfile acalorou a participação do público que vibrava a cada *look* novo que saía da barraca montada ao lado da tenda do evento.

Quase 19h, as *slammaster* da noite, Amanda Timóteo e Iara Castro, começam explicando a escolha pela denominação *mundanas* para a primeira seletiva deste ano.

Na primeira batalha do ano, para comemorar e ouvir muita poesia, decidimos nomear essa batalha de *mundanas*, porque segundo o dicionário, munda é “prostituta, do mundo, imoral, profana, temporal. Que ou quem gosta dos bens e dos prazeres do mundo” e quem não? As feminilidades precisam celebrar o ser mundano que habita em cada uma. Já basta sermos fortes, resistentes, paciente... que sejamos agressivas, profanas, temporais, mas também, sejamos calmaria ao nos encontrar e nos acolher. E estamos aqui nos celebrando, ocupando e resistindo. Com apoio de Vozes Periféricas e Pretas Juntas²¹: Bem vindes a Mundanas, cinco anos de corre (Iara Castro, 2023)²².

Primeira seletiva de 2023 e o segundo ano presencial, após a pandemia. É notória a alegria das participantes em seguir com esse *Slam* que já tem cinco anos de trajetória²³ em Pernambuco e aglutina mulheres diversas, auto-organizadas no Coletivo *Slam* das Minas/PE.

O dia é de celebração. Estavam presentes muitas participantes das primeiras edições desse *Slam* e algumas das homenageadas da noite, entre elas Bell Puã, a mais conhecida nacionalmente por ter sido a primeira ganhadora nordestina do SLAM BR, em

da tenda armada. Depois desse ponto, fiz as anotações ao chegar em casa, o que altera os modos verbais da escrita consequentemente.

¹⁹ Na descrição do post do Instagram do *Slam* das Minas/PE, encontramos o seguinte: “E esse desfile resgata referências da moda nos anos 2000, com uma estética de cria voltada para a periferia que vem mostrar suas características e estilos de formas diversas, trazendo a diversidade e a potencialidade de nossa favela e periferia. Com looks que foram sucesso e viraram tendências como peças colorida, estampas camufladas, cropped que era a queridinha da década, acessórios ousados como os famosos body chain que está aparecendo de novo com tudo e até hoje são muito usados por aí. Com isso, propomos esse resgate de estilo transmitindo uma postura jovial e criativa na cultura urbana”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cq8wUfZrmEA/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>. Acessado em 13 de mai. 2023.

²⁰ A página de Instagram @verdin_brecho, pode ser encontrada pelo link: https://instagram.com/verdin_brecho?igshid=MzRIODBiNWFIZA==.

²¹ Pretas Juntas é uma Mandata Coletiva da Câmara Municipal de Vereadores do Recife composta por duas mulheres negras, a Elaine Cristina da Silva e a Débora Aguiar. Mais informações disponíveis em: https://publico.recife.pe.leg.br/consultas/parlamentar/parlamentar_mostrar_proc?cod_parlamentar=424. Acesso: 13 de jul. 2023.

²² Gravação feita em campo no dia 15 de abril de 2023.

²³ O *Slam* das Minas/PE foi criado em 2017, logo é correto afirmar que ele tem, na verdade, 6 anos de trajetória, mas, em conversa com Amanda Timóteo, ela falou que em 2022 elas não conseguiram realizar a final do *Slam* e por isso elas consideram apenas cinco anos.

2017, tornando-se a representante do Brasil na Copa do Mundo de *Slam*, em 2018. Além de ter sido finalista do Prêmio Jabuti com seu livro *Lutar é Crime*, lançado pelo Grupo Editorial Letramento, no ano de 2019.

Muitas crianças correm pela praça, alguns jovens de bicicleta transitavam próximo à meia-lua formada por uma diversidade de jovens, especialmente mulheres e em sua maioria negras. O ambiente é mal iluminado, com luz explodindo e desfocando as fotos, já a caixa de som, pequena, não dá conta de competir com tantos barulhos externos, buzinas de carros, barulho de motor, gritos das crianças, forró no bar do outro lado da pista. Mas um barulho, especificamente, nos chama a atenção; um culto evangélico de som estrondoso próximo à praça. Difícil mesmo competir com tamanho barulho, mas o júri já havia sido escolhido, aprovado pelo público e era hora de começar a competição.

Figura 5 - Abertura do Slam, no centro da roda, ao microfone, Iara Castro, uma das slammaster da noite. Praça do Coque. Recife/PE



Fonte: Acervo Pessoal (15.04.2023).

Antes, porém, a poeta da casa e *slammaster* da noite, Amanda Timóteo, fez uma fala-recitação de um texto que trata da experiência no *slam*, das dificuldades e do companheirismo que se construiu nesses “cinco anos de corre”. Além de reverenciar as “manas” que construíram e que fortalecem o *Slam* das Minas/PE.

Há cinco anos atrás, eu não sabia que ser poeta era uma responsabilidade tão grande e nem que a Rua da Aurora ficaria tão pequena com um movimento que acabava de nascer. Tão grande que a gente dividia o mesmo coração. A gente contava as passagens, gritava na rua, arrumava amplificador pra colocar o microfone que não pegava. Improvisava ou dividia a caneta. Saía da faculdade direto pra batalha, fugia de casa, errava a parada de ônibus, o evento atrasava, pulava a catraca, mas a gente tava lá, cada uma carregando um pouco de si, das dores e delícias. Algumas muito jovens e outras, pouco maduras, mas todas da mesma correria.

Experimenta nascer em Pernambuco, ser preta da periferia, poeta marginal, desafiar a literatura colonial. Palavras de ordem, armadas de palavras, aliás, de vivências, escrevivências. As nossas linguagens ancestrais. Ser fora da Academia de Letras, mas fazer revolução com papel e caneta? Lanças um livro no meio da praça. Dizer basta! Nunca mais ter medo de agir, escrever, falar, existir. Ser donas das nossas próprias origens e histórias. E nunca repetir o passado.

Esse espaço me possibilitou enxergar por tantos olhares, da gente que é correia. Saber que somos diversas e me ensinaram a ser uma mulher mais forte, a me ensinar a parar de gaguejar, a não ter mais medo nem vergonha de me impor. Ainda sigo aqui aprendendo a me reencontrar em cada poesia. Hoje, homenageamos algumas minas que fazem parte dessa construção e fazem parte dessa história linda da poesia feminina: Patrícia Naia, Lilian Araújo, Mariana Ramos, Olga Pinheiro, Bell Puã. Queridas, que foram integrantes do *Slam* das Minas/PE e que para mim, representam todas nós aqui. Como tantas artistas essa homenagem também vai para Odailta Alves, Frenezi, A Bruxa, Elke Falconieri, Talia Maria, Cris Andrade Alquimia, Bione, Vanessa Aparecida, Nayara Nefertiti, Treice Barbosa, Fet Princes, Priscila Ferraz, Joy Tamires, Pane e muitas outras deusas em terra e todas nossas ancestrais da escrita periférica que vieram antes de nós. Obrigado por fazerem esse movimento o mais brabo em linha reta (Amanda Timóteo, 2023).²⁴

A *slammaster* grita: “Respeite a rima das poetas nordestinas. Eu digo *Slam*, vocês dizem: das minas”, e ao seu comando, como em um jogral, ao ouvirmos “*slam!*” entoamos juntas “Das minas!” e assim, deu-se o início da competição com a *calibragem*²⁵ realizada por uma poeta já conhecida da casa, Lilian Araújo, que recebeu nota 10 de todas as juradas e foi ovacionada pelo público presente.

Já era aproximadamente 20h, quando começou a primeira fase da competição, não recordo o nome de todas que estavam competindo, estava atenta ao momento. Depois da primeira fase, no intervalo de contagem dos pontos, a Bell Puã se apresenta no meio do semicírculo. Fala da importância do *Slam* das Minas/PE na sua trajetória e é muito

²⁴ Gravação realizada em campo no dia 15 de abril de 2023.

²⁵ A *Calibragem* funciona como abertura das competições, serve para o público e o júri se animarem, entender a dinâmica e as regras de ali por diante. Quem faz a calibragem é um/a poeta que não vai competir naquela noite. É uma forma de “esquenta”.

cuidadosa com as palavras, tentando lembrar de agradecer, referenciar a maior quantidade possível de pessoas. Vendo-a pessoalmente, “em casa”, quebramos aquela imagem de braba vista nas performances da internet. Gentil, delicada e muito carinhosa com esse espaço e as pessoas presentes.

Como a estrutura do evento é mínima, a Bell Puã toca seu violão e canta sua música com a ajuda de mais duas pessoas. Sentada em uma cadeira de plástico, a poeta conta com o auxílio da *slammaster* da noite, Iara, segurando um microfone perto de sua boca, e uma pessoa do público segurando outro microfone próximo ao seu violão. A imagem é poética, pois evoca o sentido de solidariedade, de união e companheirismo que os *slams* também propõem, mesmo sendo uma competição.

Figura 6 - Sentada na cadeira, segurando o violão, Bell Puã. Praça do Coque. Recife/PE



Fonte: Acervo Pessoal (15.04.2023).

Bell Puã é, sem dúvida, o ponto alto dessa edição do *Slam* das Minas/PE, por tudo que ela representa na cena de *slams* do seu estado e do Brasil e pela potência que é performando poemas ou cantando.

Quase 20:30h e havia marcado a volta às 21h. Precisava me organizar para chegar à Praça Derby, foi quando descobri que, naquele horário, mesmo ali na praça que julgava ser bem movimentada, bem localizada, não entrava mais nenhum carro de aplicativos como a *Uber* ou a *99*. Não era como se não entendesse, mas me senti igualmente indignada, como quando não conseguia pegar um mototáxi que me levasse da UERN para minha casa depois do término das aulas noturnas, ou quando não podia ir à cidade

prestigar algum evento durante a noite pela mesma alegação que disseram sobre como é vista a Comunidade do Coque: “um lugar perigoso”.

Eu, que não conheço recife, mas acabara de ouvir que *Recife é minha, Recife é nossa!* Percebi que *hoje estou Recife*²⁶, e que faz parte ter medo e encantamento ao mesmo tempo, afinal, agora reafirmo que *Recife é poema solto*²⁷ e amanhã seria outro dia.

*Relato de campo da primeira seletiva do Slam das Minas/PE.
Comunidade do Coque, Recife.
Abril de 2023*

²⁶ Para fechar sua apresentação, Bell Puã recitou o poema, *Recife*, de Patrícia Naia e os versos em destaque é desse poema que está no livro *O punho fechado no fio da navalha* (2019), lançado pela editora Castanha Mecânica.

²⁷ Trecho do texto introdutório do livro *O punho fechado no fio da navalha* (2019), escrito por Tácito Russo.

3^a CLASSIFICATÓRIA

Figura 7 – Logo da terceira seletiva



Fonte: Feita por Iara Castro e disponibilizada por Amanda Timóteo para utilização nesse trabalho.

Pontezinha, 01 de junho de 2023

Saí de casa por volta de 01:15h da madrugada. A noite não foi tão longa assim. Agora são quase 6h e pelo que vejo, estou perto de chegar à rodoviária de Recife. Pela janela vejo as pessoas se deslocando, indo para o trabalho, pegando ônibus, mas eu não sei definir exatamente onde estamos, que cidade é essa em que estamos passando. Sei que estamos perto pelo horário de chegada previsto, um pouco depois das 07h da manhã.

Hoje acontecerá a terceira seletiva do *Slam*, a segunda, em maio, eu não consegui vir, fiquei doente. Acho que gosto de vir para Recife. Não gosto da viagem. Atravessar

cidades cortando os estados e chegar com hora marcada de partir. Isso não. Mas não tenho do que reclamar, posso ir e vir entre as cidades, estados... Posso ir e vir.

Figura 8 – Cidade desconhecida para mim, mas próximo de Recife.



Fonte: Arquivo pessoal (01.07.2023).

Recife está com a temperatura amena hoje, um tanto abafada, com cara de que vai chover. Estou na rodoviária, só posso ir para o quarto do *Airbnb* ao meio-dia, em Boa Vigem. Minha primeira vez usando-o, não estou com medo, mas deveria.

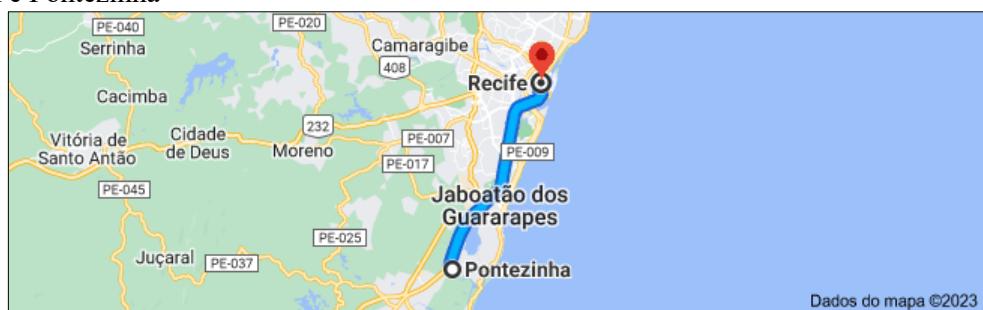
Hoje o *Slam* será em Pontezinha, pelo que soube é bem mais longe que o Coque e bem mais perigoso: “fique ligada, nêga” me disse uma amiga que conheci no mestrado, em Campina Grande, mas é daqui de Recife. Com essa informação estou um pouco preocupada e se em algum momento pensei em utilizar o transporte público, já desisti.

Chamo o Uber pontualmente às 15h, o *Slam* está marcado para esse horário, mas decido que devo me atrasar. No Uber, converso um pouco com o motorista, descubro que Pontezinha é, na verdade, situada em outro município de Pernambuco, Cabo de Santo Agostinho, mas ele diz para não me preocupar, que é pertinho de Recife e que pertence à região metropolitana da capital. Reforça, como minha amiga, que devo tomar cuidado redobrado, pois é uma área perigosa. Como já não aguentava mais escutar essa

expressão, tomei a liberdade de perguntar: “como assim perigosa?”. Para minha surpresa, escutei uma resposta cuidadosa, cautelosa e empática.

O motorista me falou que há perigo em todos os lugares hoje em dia, que devemos estar atentos em qualquer parte, que para as mulheres é ainda mais complicado e que, infelizmente, o trânsito tem tomado conta das nossas cidades. Terminamos a corrida com sua recomendação de que eu voltasse “cedo da noite”, pois era difícil os carros de aplicativos entrarem Pontezinha.

Figura 9 - Imagem do mapa que busquei na internet para saber o percurso entre Boa Viagem e Ponteziinha



Fonte: Google Maps

Cheguei, de Boa Viagem, em menos de 40 minutos ao local indicado, Clube do América. Um local fechado e totalmente preparado para receber o evento. Tudo ornamentado, microfones prontos, cadeiras espalhadas formando uma meia lua, deixando apenas um espaço pequeno de abertura onde se concentrarão as pessoas que farão uso do microfone. É um espaço amplo. Ao lado, vejo uma estante com subdivisões que expõe algumas taças e medalhas. Esse ambiente esportivo mistura-se às gravuras e livros que foram colocados como parte da ornamentação para a atividade de hoje.

Ao que percebo, a juventude da comunidade local utiliza esse espaço com frequência para atividades culturais como as batalhas de rima e esse evento que recebe, no dia de hoje, o *Slam* das Minas/PE, chamado Baile da Cultura, por essa razão tudo já está pronto e após a seletiva, haverá outras programações culturais como a batalha de rimas.

Figura 10 - Área interna do Clube.



Fonte: Arquivo pessoal (01.07.2023)

“- Chegou a mina do *Slam*”, diz uma das organizadoras do evento na comunidade quando da minha entrada no salão. Olho para os lados e para trás como que buscando encontrar algumas das meninas da Coletiva. Me surpreendo ao perceber que estavam se referindo a mim. Falo baixinho que não sou eu e que vim apenas prestigiar. Sento-me em uma cadeira perto da parede como quem busca se esconder de ter tido todos os olhares em minha direção agora a pouco.

Pego o celular e envio mensagem para Amanda, avisando que acabara de chegar e perguntando se ela já estava perto. Poucos minutos depois, chegam Amanda Timóteo e Cris Andrade. Muito rápido, quase que inacreditavelmente, começa a terceira seletiva do *Slam* das Minas/PE.

Um público muito jovem e majoritariamente masculino dessa vez, o contrário da primeira seletiva, na comunidade do Coque. O público também é bastante atento à fala da *slammaster* da noite, Amanda Timóteo, que explica sobre o *slam*, algumas regras, agradece o espaço e faz a abertura das inscrições da noite. Há, entre o público, alguns questionamentos ao que diz respeito à regra de só poder se inscrever mulheres para disputar, mas isso não se torna uma questão, pelo contrário, há muito incentivo para as mulheres presentes participarem.

Sou convocada para compor o júri dessa seletiva. Aceito. Guardo meu caderno um pouco contrariada pensando o quanto de coisa externa ao *Slam* eu vou “perder” nesse dia. Impossibilitada de continuar com meu caderninho de campo aberto por mais tempo, gravo alguns momentos e transcrevo abaixo a segunda das três rodadas desse *Slam* em Pontezinha e do qual saiu vitoriosa a poeta Clarinha²⁸.

Segunda rodada

Me dirijo para o local em que estão as demais juradas. Nos *slams* em que tenho ido noto que, cada vez mais, o júri já é pré-estabelecido, não segue aquela regra de selecionar do público presente e de preferência que nunca tenham participado de um *slam*.

Ficamos em um local mais à frente, no qual seja possível a *slammaster* visualizar as nossas notas de uma única vez. Antes, porém, conversamos algo que julgo muito importante desse *slam*, o fato de darmos notas quebradas a partir de 9.0 (nove), a *slammaster* nos lembra o quanto difícil é para as mulheres se colocarem nesse lugar de protagonismo e que devemos valorizar isso.

Para essa transcrição, em especial no que se refere aos poemas, busquei compreender a estrutura do poema a partir da forma como ele foi performado, falado, por isso, há poemas com estruturas de textos corridos e outros com estruturas mais convencionais de versos curtos, contudo, isso não significa que as poetas assim os escreveram. Como não há um suporte escrito no auxílio das transcrições, usei algumas convenções de acordo com a escuta, por exemplo, a cadência do verso, quebras bruscas, rimas regulares ou irregulares (já previstos na metodologia deste trabalho mencionada ainda no capítulo introdutório).

(O início dessa rodada se dá com a slammaster nos chamando para ocuparmos os nossos lugares novamente, havíamos nos levantado para ir ao banheiro, esticar as pernas ou conversar com alguém no fim da primeira rodada e enquanto a Matemática²⁹, Cris Andrade, computava as notas.)

²⁸ A escolha pela segunda rodada é que, por conta da interferência externa, é o áudio de maior compreensão. Como as seletivas costumam demorar muito, com intervenções artísticas, microfone aberto, pausas... gravei algumas seletivas em partes. Outro fator é que essa rodada trouxe temas bem específicos sobre relacionamento, fugindo bastante de temas políticos e isso só demonstra o quanto diverso podem ser os espaços de *slams*.

²⁹ O Matemático, a Matemática é o termo utilizado para se referir a pessoa que fica responsável por somar as notas de cada rodada, retirando a menor e a maior nota de cada poeta e somando as demais.

Amanda (slammaster): Juradas, acho que a gente já começava, vamos começar ligeiro, porque senão a gente vai perder muito tempo. Dessa vez vai ser bem rápido, todo mundo presta atenção aí, essa batalha é muito importante, então, as juradas também precisam ser muito criteriosas porque senão a gente não vai embora daqui até... até... decidir uma. Então, se ficar empatando, empatando, empatando, empatando, empatando... quando chega na final não dá. Então tem que ser bastante criteriosa e preste atenção. A plateia também, a plateia³⁰ é muito importante. E é isso. Podem começar a segunda bateria. Deixa eu ver aqui, alguém para escolher aqui... (*palavra não compreendida*). Lucinha.

(Escolha de alguém da plateia que retire um papelzinho de dentro do balde do slam com o nome da primeira poeta dessa segunda rodada).

Amanda (slammaster): Primeira poeta, Mari!

(Barulhos externos enquanto a poeta chega até o microfone).

Amanda (slammaster): Respeite a rima das poetas nordestinas, eu digo *slam*, vocês dizem das minas. *Slam!*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): *Slam!*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Mari.

Mari (slammer): Novamente eu não sabia que eu ia estar aqui, então finalizei um agora, nessa pressa.

Alguém da plateia: De improviso, porra!

Mari (slammer):

Minha gente eu achei o mapa perfeito
Aquele corpo que eu chamo de meu preto
Foda que pediu segredo
Então, vou nem falar da mão dele
Descendo, descendo até chegar lá
E vai devagar pros vizinhos não escutar.
Eu olhei pra minha bunda e tinha marca da tua mão
Olhei pra tu e tinha marca do meu coração

³⁰ Como a *slammaster*, Amanda Timóteo, se refere aos presentes como plateia, na transcrição adotei esse termo para me referir as interferências/interações das pessoas presentes.

E nós tá ligado, nós deixa no modo avião
Mas é zoada
Mas aqui pra gente
A gente transa e rima
E por isso o clima fica quente
E falar em rima
A gente parece imã
Eu sei que tu gama quando estou por cima

(Plateia grita “ouuuuuuuuu”)

Eu pego o mike e mando mais um show
Pega meu corpo e usa um instrumental
[???] (*verso incompreendido*)

(Barulho da plateia)

Me chama de Medusa
e vem passear nas minhas curvas
A vida é turva e eu vou ser tua
Eu sei que tu pensa em mim, nua
Com a tua língua que me leva até a lua
Preto, nós dois juntos é um perigo
Era pra ser uma ficada,
mas como se eu te fiz de amigo?
Eu amo tua voz rouca
Principalmente quando me chama de “minha garota”
Nós dois juntos é confusão
Dentro do quarto é só emoção
Vou nem falar quando ele vem por cima e segura minha mão.
Foda é que ele bagunçou com a cama e com meu coração.

(“caralho” grita alguém da plateia)

Pique de Djonga
Que sensação sensacional
Vou nem falar quando ele abaixa e começa a fazer um oral.

(plateia grita “ouuuuuuuuu”)

Nosso destino é ser um casalzão da porra
Mas vem, manda suas rimas que eu fico louca
Imagina aí um casal rimano?
Que coisa louca.
Mas se for culpa do destino,
- Destino obrigada por ter esse preto do meu lado.
Nós dois juntos, vai além
Eu fechei contigo
Só quero saber se você vai fechar também.
E isso era pra ser uma ficada

Mas como se são noites pensando:
Seu eu morrer sua namorada?

(Aplausos e vibração da plateia)

Amanda (slammaster): Barulho pra poeta!!!

(Muito barulho e aplausos)

Amanda (slammaster): E aí juradas?
9.9, 9.9, 9.9, 9.7, 9.8. Credoooo.

(plateia grita “credo” junto com a slammaster)

Amanda (slammaster): Agora, Zaion. Escolhe aí um nome, Zaion, o papel.
Zaion tirou... Nagô Mc, a mãe dele! É sobre isso.

(Risos coletivos)

Amanda (slammaster): Foi, chamou a mãe. Chega mama. (*riso*).
Agora eu vou economizar porque minha voz já está ficando... daquele jeito: *Slam!*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): *Slam!*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Nagô!

Nagô Mc (slammer):

iiiii, *Slam* né meu lugar de fala não, ó! (*risos*) mas...

Psicologicamente incapaz de controlar

Qualquer situação

Achando que por ser curta

a vida é fácil, é só ilusão

Entrou no jogo sujo

Sem se ligar no seu proceder

Agora senta, chora

Se perguntando o que vai fazer

São olhos por toda parte

Acompanhando a sua caminhada

Assistindo de camarote

E aplaudindo as escolhas erradas

Acorda, abre o olho e ver se presta atenção

Não é qualquer pessoa que você abraça e chama de irmão

Caiu nessa cilada de sorriso e falsas palavras

viveu sem perceber a quantidade de almas roubadas

alimentou o ódio, a dor e o rancor

Se deixou levar e seu sobrenome hoje é sofredor

Não aceita as migalhas que recebeu ao longo da vida

Escolheu o caminho errado

Achou mais fácil a vida bandida

Seu psicológico já está restrito

passando a nova vida com o dedo no gatilho

Seu psicológico já está restrito
Passando a nova vida com o dedo no gatilho
Psicologicamente incapaz de controlar
Qualquer situação.
Achando que por ser curta
a vida é fácil, é só ilusão.

(A poeta para)

- Pera aí minha gente que eu esqueci... posso escolher outra? Vamos nessa!

Gostosa, posturada,
no estilo slip mami
Só de dançar tweek
ele já ficou em transe
Transa comigo
Chamando meu vulgo
Minha xota apertada
Nagô fode muito

Plot twist é sair comigo
Se apaixonou fácil
Não esperava aviso
Vivo no luxo
Pagando minhas contas
Mas já vim do pouco
Fugindo da tranca

Lanço as tranças
Famosa potranca
Desde criança
É almejando grana
Nessa cena
Covarde, machista e boçal
Eu chego de salto
Pisando em pau
Pisando em pau

Treze anos
Trabalhava de domingo a domingo
Já é meio dia e esses cara tá dormino?
Acelerada na pista, desde menor
Fruto do trabalho é cheirar a Dior
Me chama Belchior
Eu busco o meu legado
Casa foda pra minha mãe
Com vários metro quadrado

Lama no copo
Brisa na mente

Ele se apaixonou
Porque eu sou inteligente!?
Cheirosa e o Extreme
Grana de Streaming
Paga meu cachê
Que a gente fica quite
Foca nos corre, nêga
Os boy é bônus
Se tu se distrai
Vai esquecer teus planos
Pior são os danos
Se pá, os abusos
Só cola comigo quem me der impulso!

É isso!

(Plateia grita “ouuuuuuuuuuu”)

Amanda (slammaster): Barulho pra poeta!

(Muito barulho e aplausos)

Amanda (slammaster): E aí juradas? As notas... 10, 9.8, 10, 9.9, 9.8.

(Interação da plateia com “credoooo” e “ouuuuuuuuu”).

Amanda (slammaster): Deixa eu ver aqui... Escolha aqui mana.

(Barulhos externos enquanto a slammaster abre o papel com o nome da próxima poeta)

Amanda (slammaster): Clarinha! Próxima poeta, Clarinha, cadê ela? Maravilhosa!

Amanda (slammaster): Slam!

Plateia: Das Minas!

Amanda (slammaster): Slam!

Plateia: Das Minas!

Amanda (slammaster): Pera aí, nam, tá muito fraco. (Grita mais forte) Slam!

Plateia: Das Minas!

Amanda (slammaster): Slam!

Plateia: Das Minas!

Amanda (slammaster): Clarinha.

Clarinha (slammer): (cantando)

Mas quando a saudade apertar
Lembrar, que a gente já foi amor
Exagerado...

Espero que a gente não se esbarre em qualquer esquina do Recife.

Espero que aqueles lugares que a gente tanto ia, não gritem seu nome todas as vezes que eu passe por lá.

Espero que a tua falta um dia sai do meu peito que grita e bate por ti.

Que a chuva não traga o frio e que na minha mente não venha os vazios: por que me deixou?

É que eu lembro do vinho e das taças que nunca quebramos juntos e do beck que está guardado no mesmo lugar.

Do preto celular que não vai mais tocar aquele som.

Falando em música, eu espero poder escutar a minha favorita novamente. Sabe por quê? Por que dessa vez eu espero não lembrar de você. Porque você não lembra de mim e me faz como algo não faz diferença.

Mas eu queria que você lembrasse de mim e que tudo não fosse apenas memórias que aconteceu e simplesmente se perdeu por ter...

É realmente engraçado também. Quem diria, eu hoje tão emocionada daria mais valor a rapidez da vida. Mas me perguntaram se eu faria tudo de novo. E é claro, respondi que sim. A gente só tem essa vida, e se eu tivesse mais de uma, eu ainda escolheria ser taxada como emocionada. Porque no fim isso não me enfraquece, só me dar força pra apoiar minhas próprias paradas.

Espero que o tempo passe de pressa e que os astros não briguem quando em seu nome eu tocar. Eu te juro, ainda dói e eu nem sei ser forte. Só... nem me ensinaram, só me taxaram de algo que eu nem pude ser. E eu sei que dói e a seca avisa que ocê partiu, nem se despediu e aqui (*incomprendido*) e comigo naquele bonde, se foi um monte de pedacinho que era meu, mas já foi seu e isso eu não posso negar.

E se não for pedir muito, eu te imploro: deixa no saco que um dia eu passo para ir buscar. Quem sabe assim, um dia eu serei inteira de uma maneira meio normal. Mas deixa lá, em qualquer esquina, num saco preto... os meus restinhos que eu prometo que um dia eu volto pra ir buscar.

(Plateia grita “ouuuuuuuuuuu”)

Amanda (slammaster): Barulho pra poeta!

(Muito barulho e aplausos)

Amanda (slammaster): E aí, juradas, as notas! 9.9

Plateia: Credoaaa

Amanda (slammaster): 10

Plateia: Ouuuuuuuuu

Amanda (slammaster): 9.9

Plateia: Credoaaa

Amanda (slammaster): 9.9

Plateia: Credoaaa

Amanda (slammaster): e 10

Plateia: Ouuuuuuuuu

(Barulhos externos enquanto o nome da próxima poeta é chamado)

Amanda (slammaster): Agô Mc

(Aplausos)

Amanda (slammaster): Slam

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Slam

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Agô Mc

Agô Mc (slammer): Essa aí é pás... colega comédias de vocês.

Diz que tem gloc

Que tem malote

Fala que é a fodona dos corre

Na favela ninguém sabe seu nome

Se ouve tiro se abaixa ou se esconde?

Acho essa galera uma braba

Falam, falam, no fim não fazem nada.

Acha que crime é rimar com a piada

Não me assusta com essa cara de brava

Dizem que pente não aguenta porrada

Cadelinha inteligente

Sabe quem é a de raça

Sinto vergonha por essa garotada

E esses mano que não ajuda em casa

Mas na rua é taxado o cara e vocês abraça

Não paga pensão, mas se enche de droga

Quem usa com ele, fala “tu é foda”

Quem não tem a manha no jogo se embola

Se deu meia hora, bebeu, caiu fora

Mainha me ensinou a pensar n’agora

(an)siedade vai embora com a marola

Meu futuro brilhante como aurora

Mas uma vida preu cuidar e agora?

Protas maloto trabalho na entoca

Rata véa que vocês adora

ÔÔÔ...

Amanda (slammaster): Barulho pra poeta!

(Muito barulho e aplausos)

Amanda (slammaster): Juradas... Juradas pensa rápido hoje. 10, 9.8, 10, 9.7, 9.8.

(Como a slammaster falou rápido, a intervenção da plateia se deu de forma concomitante com a fala da slammaster).

Amanda (slammaster): Credooo, credooo!

(Uma intervenção inaudível de uma pessoa da plateia, algo como reclamando das juradas. A slammaster reclina para o local da fala, mas rapidamente retorna a dinâmica do momento)

Amanda (slammaster): É isso aí! Diga um nome, amiga.

(Barulhos externos enquanto aguarda sair o nome da próxima poeta)

Amanda (slammaster): Betinha!

(Recebida pela plateia com grito de “Uooooooooooooouuuuu”)

Amanda (slammaster): *Slam*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): *Slam*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Betinha!

Betinha (slammaster):

Coloca a mão na porta e fala que quer conversar

Me coloca contra a parede e me pergunta o que eu quero

Chegue perto o suficiente pra sentir tua respiração

Olha no fundo dos meus olhos e descreve que tu é minha

Fala que sente falta do meu toque, pô.

E que não imagina que nenhuma outra mulher o sinta.

Fala que é egoísta.

Fala que não me quer com mais ninguém.

Fala que me ama, mas que me ama diferente, sabe!?

Não como todas as outras que já passaram pela minha vida.

Mas como a única!

A única que será capaz de bagunça toda a minha cabeça e arrumá-la na mesma intensidade.

Me coloca contra a parede, pô.

E me pergunta o que eu espero.

Me pressiona, néga!

Me pergunta o que se passa na minha mente.

Que eu tô doida pra falar que eu sou louco.

Louco pela vida.

Louco pelos banhos de chuva.

Louco pelo mar.

Louco pelo pôr do sol.

Sou ainda mais louco pra chegar em casa e ver...

nosso vinil tocando na vitrola que você deseja.

Sou ainda mais louco pra dançar na chuva com você.

Enlouqueço mais só por querer ver

o quanto o pôr do sol é lindo ao seu lado.

(gritos da plateia)

E de como você faz o mar ficar mais calmo.

O meu mar.

Do meu mundo.

Sou louco pela vida que imagino com você.

E quem é o mais louco entre nós?

Você que quer que eu faça uma escolha para agora?

E eu para você perceber que sou louco

e tô a um surto de loucura para largar tudo e comprar nossa vitória.

- eita, porra! (*A poeta fala como uma quebra*)

Enfim, eu sou louco por você.

(Gritos e aplausos da plateia)

Amanda (slammaster): Eita....porraaa! Poxa que love (*risos*).

E aí juradas? Um 10. Um 9.8. 9.8, 9.9, 9.9. Credo!

(Interação da plateia com “creooooo” e “ouuuuuuuuu”, ora concumitante, ora nas brechas da fala da slammaster).

Amanda (slammaster): Vamos lá. Escolhe aqui mais uma, amiga. Por favor!

(Barulhos externos enquanto aguarda sair o nome da próxima poeta)

Amanda (slammaster): Érica!

(Recebida pela plateia com grito de “Uooooooooooooooooooooouuuuu”)

Voz feminina da plateia: Me faz chorar mais não, por favor!

(A slammer responde, mas não é possível compreender a frase)

Amanda (slammaster): *Slam*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): *Slam*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Érica.

Érica (slammaster):

Tu têm os olhos dele

O jeito dele

Ferrou minha vida

Queria estar com ele

Não tinha por que (*inaudível*)

Eu ouvia todas às vezes que ela dizia

Tu parece com ele

Esperando que eu esquecesse

Que foi ele o culpado de estragar a sua vida

Em seus olhos sem brilho, eu me via revirar

Não via meu reflexo

Não me enxergava em seu olhar

Eu via na dor.

Eu via a raiva de quem não podia se vingar

Ela me trouxe mais dores do que ela me trouxera

Ele, sumiu, deixo claro

Não fez seu papel, ela disse

Deserdada, abandonada e culpada.

Dentre todos, o último mais doía

Ver que tudo que eu fazia

Em seu peito refletia dor

Lembrança de um passado esquecido por opção

Marcado pela mão dele

Em sua face e em mim

Quando ouvia que era ele

Não queria me esquivar

Já havia tanta raiva

Que me pus em seu lugar

Tomava para minha a mágoa que por ela, ele sentia
E deixava que vasasse tudo
Pra me sentir vazia
Tu é igual ao teu pai!
Tantas vezes essa frase me fudeu
Me odi.. me odiava igual a ele
Eu refletia ele
Eu te sangrava como ele
E a culpa nem era minha
Eu era só uma criança
Eu te chamava de mainha
Eu te fazia sorrir, te sumir
Te procurada em todos os lugares
Com medo de deixar ir
Tu sempre voltava pra mim
Nunca da mesma maneira
Me odiava um pouco menos
Mas me dizia muita besteira
Eu me criei sozinha
Porque nunca usou teu amor
Pra curar uma ferida minha.

(Gritos e aplausos da plateia)

Amanda (slammaster): Barulho pra poeta!

(Gritos e aplausos da plateia)

Amanda (slammaster): Pera aí, minha gente... que a produção tem déficit de atenção, seríssima (*inaudível*). (*risos*). Jurada as notas! 10, 9.8, 9.8, 9.7, e 10.

(*Interação da plateia com “credoooo” e “ouuuuuuuuu”, ora concorrente, ora nas brechas da fala da slammaster*).

Amanda (slammaster): E agora, quero chamar Gabs Mc

(*Recebida com gritos e aplausos*)

Amanda (slammaster): última poeta da nos... da nossa segunda bateria.

Amanda (slammaster): *Slam*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): *Slam*

Plateia: Das minas!

Amanda (slammaster): Gabs.

Gabs Mc (slammer): Essa é bem curtinha, mas (*não é possível entender a pronúncia*)... assim, ó.

Me lembra Las Vegas

Overdrives, overdoses

Placas e caça-níqueis

Bar 7.

Toca Raul. Metamorfose.

Aquela que faz a gente gritar na praça

E todo mundo conhece.
Kikil da esquina
E abre uma 51,
mete pra dentro e...desce.
É!
As penas tremem.
O corpo pede
E a alma grita
E você tem
Mas você vem também
Vem devagarinho
Me pedindo carinho
Me ganha fácil
De mansinho, mas...
“eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante” (*cantando*)
Ah, ambulante eu fui um tempo
A gente faz o que pode
O corre não para, continua
Meus heróis morreram alvejados
Alguns enforcados
E todos: chicoteados
Mas pra sanar a loucura
Dá uma dose da tua pele
Que me rodeia e me golpeia
Mesmo as mãos calejadas
Mas acaricia
com o mesmo amor que as beija
vem ver o que eu escrevi agora
talvez tu goste
e me nomeia
as feridas da alma nunca foram curadas à base de gritos
mas à base de milhos
flores pra armas apontadas
e músicas no lugar de tiros
terminar dessa forma
Seria delírio
Mas quem?
Me diz quem?
Depois do sexo pensa em escrever?

(gritos de “Uooooooooooooouuuuu”)

Amanda (slammaster): Barulho pra poeta!

(gritos e aplausos da plateia)

Amanda (slammaster): E aí, juradas? 9.8, 10, 10, 9.8 e 9.9.

(Interação da plateia com “credoooo” e “ouuuuuuuu” concomitantes, a fala slammaster).

Amanda (slammaster): Agora... só um momento!

Fim da rodada e fim da gravação.

(Gravação realizada no dia 01 de setembro de 2023, em Pontezinha, situada no município de Cabo de Santo Agostinho/PE).

A segunda rodada, quase que exclusivamente, trouxe poemas de amor, de relações afetivas ou problemáticas com familiares, amigos e amigas, companheiros e companheiras, as vozes líricas carregadas de sentimentalismos, quando não passionais, como o caso do poema performado pela Betinha que, com uma voz lírica no masculino, descreve uma relação amorosa bem passional.

O interessante de perceber nessa segunda rodada, é que há uma desconstrução da ideia que temos sobre os *slams* serem sempre com temas políticos e sociais. De fato, a maioria das performances (e as que mais viralizam na internet) são sobre temas políticos, sociais, questões como o racismo, as desigualdades, o machismo, no entanto, isso não é um limitador para as performances e demonstra o quanto diversos podem ser em tema, forma e conteúdo.

Para a terceira e última rodada, passaram as poetas Clarinha, Gabs Mc e Mari e exatamente nessa ordem foram premiadas, primeiro, segundo e terceiro lugar, de modo que Clarinha se torna uma das finalistas do *Slam* das Minas/PE desse ano.

Figura 11 - No centro, a poeta Clarinha, primeiro lugar. De blusa colorida, a poeta Gabs Mc, segundo lugar e do outro lado, a poeta Mari, terceiro lugar.



Fonte: Arquivo pessoal (01.07.2023).

O *Slam* termina por volta das 19h, mesmo começando cedo. Foram muitas poetas para essa seletiva. Uma comunidade bastante receptiva e com um nível de organização da juventude que facilitou a participação de várias.

Terminamos a seletiva sob ameaça de chuva. Bem fininha, desce uma garoa que não nos impede de nos sentarmos na praça em frente ao Clube do América. *Slammasters*, juradas e algumas outras pessoas que prestigiaram a seletiva, formamos uma roda. Conversamos sobre a seletiva, sobre o desafio de escolher entre Clarinha e Gabs e tantos assuntos comuns a nós.

Não demorou para alguém acender um beck e lembrei da primeira vez em que estive em Brasília, em uma atividade do Movimento de Mulheres Camponesas, do qual sou militante, e recusei um chimarrão das gaúchas, foi quase uma ofensa o ato. Lembrei de outra vez em que recusei um tererê em Buenos Aires, na Argentina, e fui recomendada

a não fazer mais essa desfeita. Em uma roda, um chimarrão, um tererê e um beck não se recusam. Aprendi muito cedo³¹.

A chuva fina havia cessado. Apenas o friozinho que começara a incomodar e naquela roda, em que apenas Amanda e Cris sabiam que eu era pesquisadora, se dissipavam as dúvidas sobre o caminho da pesquisa: era esse, junto aos meus, às minhas. Sendo pesquisadora, sendo jovem, mulher, partilhando juventudes... Sendo e fazendo um caminho ao pesquisar, um caminho da pesquisa e meu.

Aos poucos vamos nos despedindo, a chuva volta com mais força e dentro do Clube continua o Baile da Cultura com duelos de Mcs. Volto ao clube para escapar da chuva, chamo um Uber e consigo chegar à Boa Viagem em segurança. No dia seguinte, me despeço de uma Recife acinzentada. A chuva não cessa e é hora de atravessar as cidades...

Relato de campo da terceira seletiva do Slam das Minas/PE.

Pontezinha, Cabo de Santo Agostinho/PE .

Julho de 2023

³¹ No meu grupo de WhatsApp com apenas eu de integrante escrevi: Chimarrão X Tererê X Beck = maneiras de sociabilidades. Sabia o *insight* que tinha tido no momento, mas não tinha tempo de escrever no local e no caderno.

4^a CLASSIFICATÓRIA
Figura 12 – Logo da quarta seletiva



Fonte: Arte feita por Iara Castro e disponibilizada por Amanda Timóteo para esse trabalho.

Assu/RN, 27 de julho de 2023

Hoje não é possível descrever os *cenários*, os *atores* e as *regras* da mesma forma. Também não consigo descrever cheiros, sensações... o vento que tenho ao meu dispor é quente e artificial. Não passa pela minha cabeça a hora de pegar Uber, se haverá Uber. Se serei assaltada ao voltar para o hotel ou coisa pior e vários outros pensamentos de mulher sozinha. De mulher fazendo pesquisa sozinha... na cidade. Andando sozinha. De mulher negra, andando ou pesquisando passeando ou trabalhando na rua sozinha.

E se a cidade fosse nossa? Se a cidade fosse negra? E se a cidade fosse das mulheres? Indagações que dão corpo ao mais recente livro da arquiteta, urbanista, escritora e psicanalista, Joice Berth (2023). Talvez, nós mulheres, não tivéssemos pensamentos só de mulheres ao ocupar os espaços públicos, as ruas, as cidades.

Hoje não sinto Recife, apesar de que “Podemos sentir a cidade com os ouvidos, com os sons, com os cheiros, com as mãos, com os pés, com os desejos” (Nascimento, 2016, p. 8). Estou em casa. “Segura”. Esperando uma transmissão “ao vivo” aos vivos.

A transmissão começa pelo canal do Grupo Bongar. O ângulo permite que eu visualize pouco do todo. Entre árvores, Amanda Timóteo aparece apresentando as juradas escolhidas da noite e logo passa o microfone para Iara Castro, *slammaster* de hoje.

A disposição do espaço está diferente. Há uma plateia bem à frente e a *slammaster* encontra-se no centro. Não existe circularidade na formatação do espaço. Iara fala de frente para uma plateia formada, em sua maioria, por crianças. As crianças circulam pelo chão calçado, parece um espaço bem amplo e ventilado. Algo como o pátio da sede do grupo? Um grande corredor? O que sei é que é um espaço murado.

Não consigo ver mais que o ângulo me permite. Vejo através dos olhos e dos movimentos de outro. Um outro de mãos bem trêmulas e de movimentos nada sutis quando resolve virar a câmera.

Para mim, reforça a minha opinião já formatada: *slams* são feitos para serem vivenciados, exigem ocupação dos corpos sobre o espaço, tangibilidade. Um “estado de presença” (Gumbrechet, 2010) que a tela não me permite alcançar. Corro o risco do conservadorismo, mas quero correr esse risco.

Sinto como se perdêssemos as palavras-balas: tão rápidas, como firmes, prontas para o ataque. Lembro-me da sensação ao ouvir a poeta Gabs na edição passada, estava bem à sua frente ao recitar os versos:

[...]

A gente faz o que pode
O corre não para, continua
Meus heróis morreram alvejados
Alguns enforcados
E todos: chicoteados
Mas pra sanar a loucura
Dá uma dose da tua pele
Que me rodeia e me golpeia
Mesmo as mãos calejadas

Mas acaricia
com o mesmo amor que as beija
vem ver o que eu escrevi agora
talvez tu goste
e me nomeia
as feridas da alma nunca foram curadas à base de gritos
mas à base de milhos
flores pra armas apontadas
e músicas no lugar de tiros
terminar dessa forma
Seria delírio
Mas quem?
Me diz quem?
Depois do sexo pensa em escrever?
(Gabs)³²

As palavras de Gabs MC vinham seguidas por uma ginga de corpo, por uma violência vocal, ao mesmo tempo em que malemolente, uma mudança brusca de entonação, um mastigar de palavras. Seguidos da imagem de um corpo posicionado para guerra, ereto, que se desconstrói e desconstrói a plateia, quando olha para alguém, especificamente, quebra o tom de voz, faz movimento de se agachar, sorri e pisca.

Eu vejo/sinto/presencio/experiencio/vivencio mais do que piscadela nesse momento, eu vejo/sinto/presencio/experiencio/vivencio a energia que a plateia devolve, escuto cadeiras serem arrastada pela emoção dos presentes. Nada é estático, tudo é eminentemente estado de presença.

Vestida com roupas cotidianas a poeta parece “roubar” o cotidiano para si e por um instante nos vomitar de súbito, não é que não vejamos denúncias sociais no dia a dia, não é que não saibamos sobre o amor, as carícias das quais fala a Gabs, mas, nesse momento elas não são apenas denúncias, nem digressões amorosas: suas palavras entram em nossos corpos como a grande batida que é o *slam*, em intensidade, e em instantes sumirá.

Contudo, o amargo na boca provocado pelas várias emoções fica até que um outro corpo assuma a palavra (e o espaço) e nos fisgue ou não a atenção, mas mesmo que não fisgue nossa atenção, eu não posso desligar simplesmente, rolar a tela e sumir em milésimos de segundos.

Assistir a uma performance de *slam* na internet é uma coisa, assistir a um *slam*, com todas as digressões, descontinuidades, imprevistos que eles têm, é outra. E a minha dificuldade hoje é me conectar ao instante e me fazer presença-presente.

³² Poema performado na seletiva anterior por Gabs MC, no dia 01 de março de 2023.

Noto que todas as poetas que competirão hoje são ligadas ao núcleo da Coletiva. Não houve inscrição de ninguém da comunidade do Xambá, como nas seletivas anteriores. Há apenas três participantes, das quais duas são anunciadas pela *Slammaster* Iara como integrantes da Coletiva *Slam* das Minas/PE: Cris Andrade e Táligeira Mc. A terceira participante é a Agô Mc que competiu também em Pontezinha e que mesmo não sendo da coletiva é presença constante nesse *Slam*.

Não é incomum nos *slams* que componentes das coletivas, dos coletivos, também participem das seletivas, desde que não estejam como *slammasters* naquele dia. Logo, acredito que as organizadoras já imaginavam essa configuração. Tendo em vista que elas foram a convite do Grupo Bongar, dentro da programação que eles organizaram na sua própria sede.

A transmissão dura até o momento em que saem as notas das juradas. Sei quem foi a vencedora da noite pela chuva de 10 das juradas, mas não ouvi a *slammaster* anunciar o nome da Cris Andrade como vencedora da noite.

*Relato de campo da quarta seletiva do Slam das Minas/PE.
Realizado de forma virtual
Julho de 2023.*

Figura 13 – Final do slam das Minas/PE



Fonte: Arte feita por Iara Castro e disponibilizada por Amanda Timóteo para esse trabalho.

Recife, 10 de setembro de 2023

Prelúdio 1: A senhora racista³³

Cheguei ontem ao Recife. Foram quase 10 horas de viagem. Sem dúvidas, a viagem mais longa que já fiz até aqui. Não é comum essa demora toda, mas o moço do BlaBlaCá era um atravessador de aves e outros animais pequenos de raça, como coelhos e galos.

³³ Escrevi esse texto no quarto da pousada, direto no notebook, no dia seguinte de minha chegada ao Recife.

Uma viagem diferente, diria. Não entendi muito bem se ele mora em Fortaleza ou apenas faz essa linha de Fortaleza à Recife. Sei que a cada 15 dias ele faz essa viagem e em dias como o de ontem o destino final era Maceió, sua terra de nascença.

Atravessamos as capitais, Natal e João Pessoa fazendo entregas e recebendo entregas de bichos que valem muito mais do que um mês de trabalho meu. Aves que chegavam a custar 20 mil reais, nos disse o motorista. Quis interagir com essa informação, não para criminalizar o rapaz, eu queria saber como entrar no ramo, fazer algum comentário engraçado, mas no banco da frente tinha uma mulher de seus 50 anos que, logo no início da viagem, me fez desistir de qualquer interação.

Soube depois de algum tempo de viagem que essa mulher enxergava pouco. Ela veio no carro desde Fortaleza e ao me apanharem em Assu a conversa era absurda. A mulher falava que os negros da macumba agora eram privilegiados porque esse presidente já estava fazendo até leis para “dar dinheiro para esse povo” e que era um absurdo, que ia destruir o país e que esse povo da macumba, esses negros, se achavam melhores que todo mundo.

De Assu até Ipanguaçu eu ouvi estarrecida e calada as palavras daquela mulher e me perguntado o que fazer. Era uma viagem muito longa e o destino final dela era o mesmo que o meu e qualquer aborrecimento tornaria a viagem mais tensa.

Ao mesmo tempo, ficava a pensar que não podia escutar tantas atrocidades calada. Lembro de ter ficado tão irritada a ponto de doer a cabeça, arrochar os dentes até mexer as mandíbulas, mexer as mãos e revirar os olhos. Nem mesmo o cheiro de aves molhadas, de comidas de aves, me deixaram tão enjoadas quanto as palavras que saiam da boca daquela mulher. Estava com ódio profundo, beirando a insanidade, mas as entidades, os orixás, as deusas, o mistério, pois há de haver o mistério das coisas e dos seres (quero acreditar dessa forma) me fizeram lembrar que tinha trazido meus fones de ouvido. Procurei eles em minha bolsa desesperadamente, aproveitei para pegar os óculos escuros também. Entre os arquivos salvos do Spotify, escolhi ouvir o álbum “Eu não sou boa influência pra você” de *Seu Pereira e coletivo 401*.

Quase em Angicos, paramos para o motorista tomar café em um local em que ele já realiza essa parada convencionalmente. Eu, que conheço bem essa estrada, não entendi o motivo da parada do motorista ser exatamente aquela. Há muitas queijeiras na beira da estrada nesse caminho. Queijeiras muito boas e com alimentação barata e o local em que paramos parecia um lugar cinematográfico de tão assustador. Me senti como em um filme de terror em que as personagens fazem as piores escolhas e, só por isso, morrem.

Em um alpendre, sentamo-nos em uma mesa empoeirada com uma caixinha de papel contendo pimentas e molhos que de tão sujos e cheios de areia parecia que estavam ali para serem jogados no lixo. Ao lado, um caminhão. Dentro do estabelecimento, apenas um senhor de boné que veio nos atender. Eu não pedi nada. Fiquei sentada contemplando um momento peculiar de uma viagem.

Na hora do retorno ao carro, o motorista me pediu para segurar a mão da senhora e guiá-la até o veículo. Eu não entendi muito bem o pedido, o motorista notando minha cara de confusa me diz, em um tom mais baixo, que ela quase não enxergava nada. Olhei para o motorista fixamente e falei em alto e bom som: “Eu sou negra!” me dirigindo sozinha para carro.

Não sei se ela entendeu, mas o motorista certamente, sim.

Prelúdio 2: Os Sudestinos³⁴

[...]
*Lugar hostil de gente tão pacífica
Nordeste, ficção científica
É pobre, é seca, é criança raquítica
Nordeste, invenção política
Nordeste, emoção artística
Nordeste, ficção científica
Nordeste, invenção política
Nordeste, ficção científica³⁵.*

(Juliana Linhares)

Dessa vez, fiquei hospedada em uma “pousada para gringo ver”. A escolha por essa pousada, de nome Casuarinas, situada em Boa Viagem, foi motivada pelo preço do aplicativo *Booking*, estava com uma promoção e era um local bem avaliado e bem localizado.

Toda a ornamentação da pousada tinha um apelo muito nordestino, do ponto de vista de uma certa ideia de Nordeste que se vende para fora; artesanatos de barro e palha, redes espalhadas pelos lugares, simulação de construção em taipa etc.

Ao chegar na pousada, conheci dois homens: Ricardo e Rafael que estavam também na recepção pedindo informações. Algo sobre Uber, pelo que entendi. Pelo sotaque, sabia que eram “sudestinos”. Nesse momento, eu estava pedindo informação a recepcionista sobre

³⁴ Escrevi esse segundo texto um dia depois que cheguei de Recife, dia 12 de setembro, motivada pela imagem exógena e estereotipada que se tem do Nordeste e por ter me divertido muito com essa situação durante essa atividade de campo. Logo, apesar de ser uma data posterior ao *Slam*, na ordem cronológica dos acontecimentos, ele se deu antes.

³⁵ Trecho da canção, *Nordeste Ficção*, da compositora Juliana Linhares para o disco *Nordeste Ficção*, de 2021.

algum local para jantar perto dali mesmo, pois desde as 9h da manhã estava em viagem e precisava comer direito antes de dormir. Rafael, que não esperou a recepcionista falar, me indicou alguns lugares em que ele já tinha ido, pois estavam hospedados ali havia quase uma semana.

Escutei o Rafael atenta, agradeci as dicas, subi para meu quarto e só os encontrei no dia seguinte, durante o café da manhã. Eles, que estavam em um grupo razoável de pessoas, me cumprimentaram, nos apresentamos e conversamos por alguns minutos em uma conversa da qual eu não conseguia conter os risos e um certo sarcasmo, confesso.

Estavam aborrecidos pelo fato de Recife estar frio, chuvoso e inapropriado para mergulhos. Me relatavam, em um tom acusatório, que foram enganados pela empresa de mergulho (e pelo Nordeste) que não havia previsto essa frente fria que impossibilitava o pacote de mergulhos caríssimos que eles, vindos todos de São Paulo, tinham pagado.

Estavam incrédulos com aquele clima. Era como se fosse impossível tal fato. Como assim, o Nordeste frio? Quase o fim do mundo. Eu, que estava com muita preguiça naquele dia friozinho e me divertindo horrores com aquelas reclamações, não fiz quase nenhuma inferência e ouvia os lamentos de um grupo de homens brancos, classe média e “sudestinos” sobre a “Invenção do Nordeste”, para usar o termo que dá título ao livro do professor e historiador, Durval Muniz.

Recife, 10 de setembro de 2023

A Rua da Aurora

Acabei de chegar à Rua da Aurora, uma longa rua que fica no centro de Recife e, mais uma vez, sou alertada pelo motorista do Uber para ter cuidado, pois hoje é domingo e a cidade fecha. Ele me deixa em um local em que tem alguns homens, especialmente idosos, jogando dama.

A Rua da Aurora é uma longa rua em que, de um lado, tem asfalto e prédios, estabelecimentos, bares, e do outro lado, um grande calçadão com monumentos, árvores, quadras esportivas, muitos bancos de praça e os rios Capibaribe e Beberibe.

Estou sentada em um banco depois de caminhar por longos minutos em linha reta, contemplando os espaços do que vou chamar de uma longa praça. Na caminhada, encontrei um local de denúncia dos crimes da Ditadura Militar chamado de “Tortura nunca mais”. Muito impactante.

Figura 14 - Monumento intitulado "Tortura nunca mais".



Fonte: Arquivo pessoal (10.09.2023).

Figura 15 - Monumento intitulado "Tortura nunca mais".



Fonte: Arquivo pessoal (10.09.2023).

Ao lado de um monumento de um homem torturado em um pau-de-arara, também há diversos “túmulos”, simulação de túmulos com pessoas que foram mortas ou que desapareceram durante o Regime. Eu me concentrei mais no homem pendurado, pois ele me fez lembrar do documentário “Territórios de Resistência: florestanias, sertanias, ribeirias”³⁶ que assisti na disciplina da professora Ana Marinho e de uma discussão que tivemos sobre monumentos. *Para que servem os monumentos?* E apesar de meu corpo sentir muita angústia ao olhar a imagem tão brutal do homem sendo torturado, ao olhar os rostos de Dom Helder Câmara, da Anatália Alves e tantos outros que pereceram durante a Ditadura, me arrepiei

³⁶ Gastei muito tempo sentada no banco da praça na Rua da Aurora tentando lembrar alguma referência que me levasse ao nome do documentário, foi em vão. Em campo, não me lembrei. Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/territorios-de-resistencia/>. Acesso em: 05 de nov. de 2023.

com a mudança de paradigmas. E não desviei o olhar. É um espaço de denúncia, de memória, de luta, de resistência.

Em minha frente, vejo um parquinho em que crianças brincam e mais à frente tem uma quadra esportiva em que jovens jogam basquete. Casais transitam pela praça, pessoas andam de bicicletas... há um cheiro forte na cidade, o cheio de Recife, o cheiro do mangue ao lado. Cheiro que hoje não me incomoda. Estou plena. Sentada e plena. Vim cedo para isso: conhecer a famosa Rua da Aurora, local em que nasceu o *Slam* das Minas/PE.

Figura 16 - Rua da Aurora/PE



Fonte: Arquivo pessoal (10.09.2023).

Figura 17 - Rua da Aurora/PE



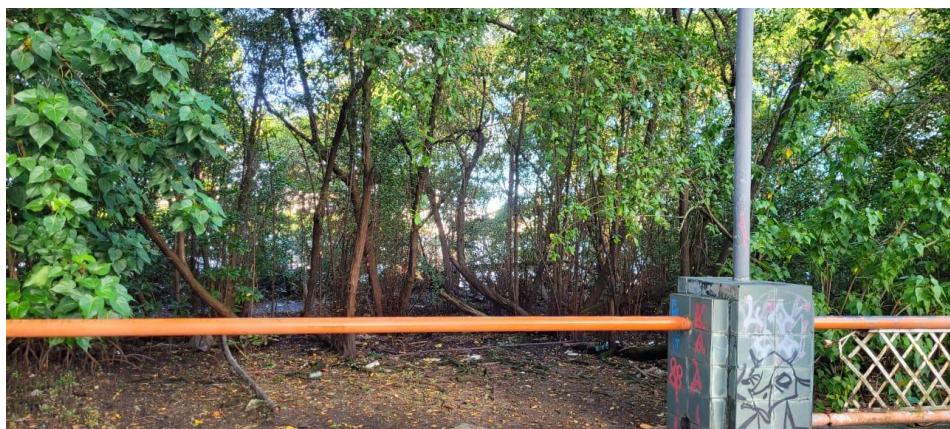
Fonte: Arquivo pessoal (10.09.2023).

Figura 18 - Rua da Aurora/PE



Arquivo pessoal (10.09.2023).

Figura 19 - Rua da Aurora/PE



Fonte: Arquivo pessoal (10.09.2023).

A Rua da Aurora é mais bonita do que imaginava....

A final do *Slam* das Minas/PE e o quiosque do Jesus

Estou sentada próximo ao quiosque do Jesus, mas ainda não vejo nenhuma das componentes do *Slam*. Até onde meus olhos enxergam e pelo que andei, esse é o único quiosque por aqui. Por isso, deve ser esse mesmo. Outro fator que me leva a acreditar que seja esse é a estética: o quiosque que vejo é cheio de pixo e grafites. Há uma imagem do Chico Science e a seguinte frase em outro lateralidade “Mangue Beats”. Um Jesus fã do Chico Science, que clichê, não? Achei previsível!

Figura 20 - Imagem do quiosque do Jesus, local em que aconteceu a final.



Fonte: Arquivo Pessoal (10.09.2023).

Quase 18h. Iara chega com outra moça que não conheço trazendo caixa de som, outra caixa térmica e algumas coisas, as ajudo a levar à lateral do quiosque, mas me afasto um pouco enquanto elas montam a estrutura de som. Estou sentada ao lado. Não demora para chegar Amanda e Agô Mc, juntas. Conversamos um pouco e Amanda se dirige ao local do som. Converso por longos minutos com Agô Mc. Muitos assuntos aleatórios, ela me conta da dificuldade do transporte público em Recife, da demora em chegar aos locais, das distâncias, da insegurança... Segurando sempre uma garrafinha de água de cor rosa seca e exibindo uma linda barriga de quase 7 meses. Agô é uma das poetas de seletivas passadas, muito próxima da Coletiva, veio prestigiar a final de hoje.

Oscilo entre ficar sozinha por alguns instantes e interagir com outras pessoas que vão chegando. Clarinha, vencedora de Pontezinha, é a primeira finalista a chegar, não sozinha, trouxe um grupo de torcedores, amigos seus.

Já está ficando tarde, frio, ameaça chover, as pessoas começam a chegar para prestigiarem o *Slam* que está bastante atrasado. Na verdade, chego à conclusão que não está tão atrasado assim, tenho a impressão de que o antes e o depois dos *slams* os constituem. São espaços de sociabilidades, afetividades, encontros, conversas... Importantes como a competição.

Saio com Clarinha para entrevistá-la, pensei em entrevistar todas as finalistas, contudo, ao voltarmos, cerca de 20 minutos depois, descubro que a final será apenas entre Clatinha e Jéssica Preta que não foi uma das competidoras desse ano, mas sim do ano passado

e, como a final do ano passado não aconteceu, a Jéssica já era uma das finalistas desse ano, automaticamente. Justo!

Há uma pequena plateia aguardando o início do evento. As meninas me chamam para compor o júri que, dessa vez, conta com Olga Pinheiro, uma das fundadoras desse *Slam* e ex-integrante da Coletiva, Elke Falconiere, da formação atual da Coletiva. Ela seria uma das finalistas, mas decidiu não competir. Nani Mc, que veio também para fazer uma participação especial (cantando), e Agô Mc.

Não conhecia a Jéssica Preta³⁷, mas ao presenciar sua primeira performance, em meu coração, já tinha uma favorita. Fiquei em crise, querendo abstrair o que sentia e ser “imparcial”, era apenas a primeira de três rodadas, faltavam ainda mais duas performances de cada uma. Eu era jurada, tinha a responsabilidade da imparcialidade. Precisava me recompor!

Jéssica performava de forma cadenciada, sua voz alternava entre esticar as palavras até seu limite ou soltá-las como uma chuva de fogos de artifícios, sem tempo de respiração. Sem moderação. Sem pausa. De pés no chão, pisava firme o ladrilho da calçada, movimentava os braços, encarava o público e, vez por outra, acompanhando sua voz, inclinava o corpo ou erguia completamente, inteiro. Nenhuma dúvida exalava em sua voz e em seus movimentos.

Na segunda performance, já não havia mais dúvidas, apesar da potência e carisma da poeta Clarinha, Jéssica seria a grande vencedora do *Slam* das Minas/PE do ano de 2023. Lembro-me que nessa segunda performance, ela conseguiu chamar a atenção de um senhor que estava sentado próximo ao quiosque do Jesus. Ele, que não parecia estar ali para prestigiar *slam*, foi fisgado pela potência da performance e pelo tema.

O segundo poema falava sobre cannabis e o senhor não se continha em querer interagir com o tema, em se remexer na cadeira. Inquieto, ele esperou a performance terminar para ir até a roda de *slam* dizer sua opinião. E o poema dizia assim:

Eles querem que paremos de falar sobre raça
Que agora tudo tem recorte racial
E que já perdeu a graça
O debate foi esgotado
Já temos tudo pontuado
pornografia da desgraça

Então vamos falar de outro tema
Tema comum

³⁷ A partir daqui a escrita se deu ao chegar na pousada.

Um tema social
Como descriminalização do porte de drogas para consumo pessoal
O uso e o tráfego é de ordem da saúde pública ou individual?
Para deixar especificado
quero falar de cannabis
Qual é o cliente ideal, como se dão os seus álibis?

Por que focar na venda de pequenos portes e não dos pontos chaves?
Talvez para não tocar no superego social
e estremecer a instância reguladora da moral?
A Doutora Vera Lúcia vai te responder
que a aplicação da lei é seletiva
e de recorte racial

São legislações que do mesmo ponto de concepção
carregam tratativa diferentes na hora da ação
o uso de cannabis criminaliza jovens negros
enquanto em brancos, é aceito
como conduta regular e sem maior efeito

Todo mundo sabe que em bairros nobres,
brancos fumam maconha sem nenhum tipo de constrangimento
melindre
Sem causar incomodo algum
sem apontamento de calibre
Se esse mesmo comportamento se repete na perifa
A PM proíbe
incomoda, prende, tortura, constrange tanto até que atire
mais um corpo no valão
maconheiro negro de periferia não tem direitos na Constituição

Rodei, rodei e acabei voltando pra raça
Daqueles que encarcera em massa
os presídios
e não as praças

cerceamento de direitos
estatísticas gritantes
de quem grita a esmo
mas o debate é cansativo
e não resolve mesmo
e se lermos
nossos livros na história
e se escrevermos
esses livros até a glória
e se contarmos cada Sílvio Almeida
como uma vitória?

Será que rola?
Rodas como essa de poesia marginal
Respeita a escola literária de cadência informal
Na faculdade, o professor disse não ser real
“Slam não é poesia”
eu quero que foda-se

tua nomenclatura
e toda essa hipocrisia
Enfia teu terceto no cu
recheado de muita lírica

Eles querem que paremos de falar sobre raça
Que *slam* virou coisa de preto
Logo não enche a taça

Eles querem o cálice
de vinho tinto de negro

Para que sempre tenham apólices
precisam que fiquemos em hélice
Assim seremos sempre simples
e estaremos sempre em súplices
Enquanto eles continuam díplices
Vivendo de gabarolice
Não cairemos na tolice
Seremos nossos próprios cúmplices

Gostou?
Agora que usei teu dicionário conceitual?
Esse caralho te rasgou? mesmo lubrificando o canal?
Falo palavrão mesmo
Palavrinhas deixo
para os amadores da moral

Ninguém vai dizer que isso aqui não tem razão
Ninguém vai dizer como falar pros meus irmãos
Ninguém mais vai calar a juventude negra-ação

Slam, no Brasil é braço do movimento negro
Deixa os poetas falar de raça, dor, amor e vivência
Se tiver incomodado, não sentiremos tua ausência
Movimento ressignificado
Com suor, palavra, poesia e potência

Deixa os poeta falar
que o sistema mata negro mermo
mata indígena
mata pobre
deixa os poeta gritar
pela liberação da maconha
e pedir lili dos que sofrem
deixa o diálogo rolar
que a gente aprende
enquanto engole

Slam é braço do Movimento Negro
Em breve seremos pernas
e corpo inteiro.
Achou ruim que tomamos tudo?
Agora é você que vai gritar a esmo.

(Jéssica Preta)³⁸

Depois da performance, o senhor se aproxima, fez questão de dizer, primeiramente, que não usava drogas, mas que era verdade o que acabara de ouvir, que “era assim mesmo”, que não havia pensado daquela forma e deu os parabéns. Depois desse momento, ele voltou e permaneceu assistindo o *slam* até o final.

Já debaixo de chuva, se confirma a vitória de Jéssica. Esperamos, espremidas no quiosque do Jesus a chuva passar e fomos ao after...

Figura 21 - Foto coletiva após a final. No centro da foto, vestida de preto, a campeã, Jessica Preta.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CxFqWT-rZ6V/?igshid=MzRIODBiNWFjZA==>. Acesso. 03 de nov. 2023.

Posfácio

Jesus³⁹

Clichê. Bem Clichê.

Convencional.

Homem branco, gente boa!

³⁸ Apesar de ter gravado essa performance no dia 10 de setembro de 2023 e ter feito uma transcrição livre do poema, a Jéssica me enviou ele escrito e o coloquei da forma que ela me enviou.

³⁹ Após o *slam*, nos sentamos no banco e no chão da praça e Jesus nos trouxe diversas cervejas. De graça! Achei espantoso e clichê. Abri o caderno, algo que não faria em um *after* e escrevi esses versos.

Repartindo o álcool
Com os pobres da terra e coisa e tal?!.

“Só se vê o santo
Depois do milagre”.

MENTIRA!
Renego sua santidade
[Banal]

Os santos bebem conosco

Iansã

Oxum

Oxalá

Oxalá

Oxalá

“Por mais Jesus como o da Rua da Aurora”

Bênça aos meus orixás!

*Relato de campo da Final do Slam das Minas/PE.
Rua da Aurora, Recife/PE .
Setembro de 2023.*

CAPÍTULO III

VOZES DAS MINAS NA OCUPAÇÃO DAS CIDADES: “O SLAM TIRA A GENTE DE ZONAS DE RISCO, NÉ?”

*Essa cidade me comendo de trás pra frente.
Eu que já não luto
alimento minha nostalgia com versos,
ouvindo canções que ecoam dos morros,
Recife é altamente transante!
Quero dizer, quero viver
essa disputa acirrada entre o medo e a ponte.
E essas vias
como se fossem minhas veias o tempo inteiro
essas ruas nas minhas veias!*

(Patrícia Naia, 2017)

O direito à cidade é muito mais que o direito ao acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade segundo o nosso coração.

(David Harvey, 2014)

“[...] Tinha muita gente da comunidade, como Santo Amaro também, como... Aqui tá sendo bem importante, ter feito essa batalha aqui em Pontezinha porque assim têm muitas, muitas meninas... assim talentosas aqui que, infelizmente, às vezes, não dá pra chegar no Centro, né? Porque chegar no Centro da cidade é muito... Chegar no Centro da cidade é muito, muito é... Perigoso. E também é muita logística pra uma pessoa que tá na periferia [...]” (Amanda Timóteo, entrevista concedida em 01 de setembro de 2023).

“Meu pé na rua e começa a caçada, homem nunca vai entender o que é andar atordoada. Meu pé na rua e começa a caçada, já diziam os mais velhos; homem é o caçador e mulher a caça” (Jéssica Preta na final do *Slam* das Minas/PE, em 10 de abril 2023)

“[...] Nossa corpo, as regras deles, violadas dentro de casa, na mais movimentada das avenidas. Espaço público é cenário de guerra, com um macho que te seca, num ônibus abre as pernas, se esfrega sem a nossa permissão e até ejacula sem receber punição[...]” (Bell Puã na abertura da FLIP de 2017¹).

“[...] Quase 20:30h e havia marcado a volta às 21h. Precisava me organizar para chegar a Praça Derby, foi quando descobri que, naquele horário, mesmo ali, na praça que julgava ser bem movimentada, bem localizada, não entrava mais nenhum carro de aplicativos como a *Uber* ou a 99. Não era como se não entendesse, mas me senti igualmente indignada, como quando não conseguia pegar um mototáxi que me levasse da UERN para minha casa depois do término das aulas noturnas, ou quando não podia ir à cidade prestigiar algum evento durante a noite pela mesma alegação que disseram sobre como é visto a Comunidade do Coque: “um lugar perigoso” [...]” (Passagem do meu caderno de campo de 2023 na primeira ida a campo).

“[...] Recife é altamente transante!/ Quero dizer, quero viver/ essa disputa acirrada/ entre o medo e a ponte/ E essas vias/ Como se fossem minhas veias o tempo inteiro/ Essas ruas nas minhas veias [...]” (poema de Patrícia Naia do livro “O punho fechado no fio da navalha”, lançado em 2017, mas o ouvi na voz de Bell Puã na primeira seletiva do *Slam* das Minas/PE, em 2023).

“[...]É bem difícil, né? Como a gente tava falando, que só o fato de você, tá, assim: saindo de casa pra ir ocupar... Querendo ou não, resistência, sabe? Tá ali reunindo com outras mulheres se sentir acolhida, ainda esse caminho até lá, até esses espaços é muito perigoso, sabe? [...]” (Cris Andrade em entrevista concedida no dia 01 de setembro de 2023).

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zkSaQyVHHAw>. Acesso em: 02 de fev. 2023.

“[...] Terminamos a corrida com sua recomendação de que eu voltasse “cedo da noite”, pois era difícil os carros de aplicativos entrarem em Pontezinha [...] (Passagem do meu caderno de campo de 2023 na terceira ida a campo).

Começo este capítulo com esses fragmentos que são frutos dos atravessamentos desse trabalho: poemas que ouvi em campo, entrevistas que realizei, formulações que fiz em meu caderno durante a pesquisa e um trecho da abertura da FLIP 2017 que acabei logo no início dessa pesquisa. Notamos, nesses recortes ínfimos, diante da sociedade, que são inúmeras as violações do direito à cidade para nós mulheres e, consequentemente, para as populações pauperizadas deste país. Inúmeras são as dificuldades em ocupar as cidades, disputar as cidades... até mesmo em caminhar por elas, em especial quando esses corpos em trânsito são de mulheres negras.

Assim, o direito à cidade, conceito inicialmente proposto pelo filósofo marxista francês Henri Lefebvre em seu livro *Le Droit à la Ville* (1968) e posteriormente retomado por outro marxista, o britânico David Harvey, no livro *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana* (2014), parte da premissa de que todas as pessoas devem ter acesso igualitário e livre aos recursos e espaços urbanos, de modo que ambos pensam a cidade como espaço de luta simbólica e cotidiana, bem como um espaço de conflitos econômicos e de interesses de classes, por isso a necessidade de que haja incidência popular pela garantia desse direito. Harvey (2014) explicita sua preocupação ao defender a importância de mais um direito coletivo e de grande interesse popular, ou que pelo menos deve ser:

Aqui, pretendo explorar outro tipo de direito coletivo – o direito à cidade no contexto da retomada do interesse pelas ideias de Henri Lefebvre sobre o tema, e a emergência de todos os tipos de movimentos sociais no mundo inteiro, que agora começam a reivindicar esse direito. Como podemos, portanto, definir esse direito? [...] O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização (Harvey, 2014, p. 27-28).

Tanto Harvey quanto Lefebvre criticam o processo de urbanização controlado por interesses exclusivos do sistema capitalista, por isso mesmo, interesses particulares de grupos dominantes. Harvey (2014), especialmente, vai dar ênfase à essa questão após a crise financeira de 2008, censurando de forma ferrenha o neoliberalismo em escala global que coloca em alerta a questão da moradia e da economia em praticamente todo o mundo.

Há muitas formulações sobre os desdobramentos em torno do conceito do direito à cidade. Aqui, busco pensar o direito à cidade à luz das formulações feitas por intelectuais contemporâneas como Joice Berth (2023) que, enquanto urbanista, alerta para fato de que a urbanização brasileira já nasce com problemas estruturais provenientes do racismo e do colonialismo, visto que os próprios programas de integração pós-abolição e ainda nos dias de hoje, jogam às margens os povos negros e pobres, pois apesar das grandiosas contribuições dessas duas referência (Harvey e Lefebvre) sobre o tema, elementos mais precisos sobre às mulheres, pouco foram explorados por esses pensadores. Berth, aproveita todas essas formulações, mas incorpora elementos como o termo racismo urbano, que já vem sendo discutido por outros segmentos do urbanismo e da arquitetura. Vejamos:

Falar em racismo urbano como uma modalidade subjacente da opressão racial brasileira é nomear um problema histórico, permeado de características tão violentas quanto naturalizadas, mas que não se trata com justiça pois ainda não damos esse nome ao problema. Infelizmente, na sociedade falocêntrica, não dar nome as distorções sociais é corroborar o apagamento conveniente de outros desdobramentos da estrutura que atuam de maneira mascarada e silenciosa (Berth, 2023, p. 45-46).

Berth (2023) tece formulações pertinentes sobre a intersecção entre gênero e raça no que tange às discussões em torno do direito à cidade, dedica um capítulo inteiro de seu livro *Se a cidade fosse nossa: racismo, falocentrismo e opressão nas cidades* à pergunta: *e se a cidade fosse das mulheres*. Neste capítulo, a autora trata das assimetrias vivenciadas pelas mulheres negras na vivência com a cidade considerando o fator de raça, dado o contexto histórico de desigualdade, racismo e colonialismo que essas mulheres historicamente vivenciam.

De modo que as mulheres negras, especialmente em contextos urbanos, têm enfrentado uma intersecção de opressões que as impede de usufruir plenamente dos espaços públicos e urbanos. Uma vez que o racismo estrutural, aliado ao patriarcado, coloca obstáculos ainda maiores para essas mulheres no que se refere ao acesso à serviços de saúde, educação, transporte, segurança pública, habitação e à própria participação política. Além disso, evidentemente, são marginalizadas em processos de planejamento urbano e decisão (BERTH, 2023) (como a própria Berth é), o que implica em um distanciamento das políticas públicas que atendam às suas necessidades específicas. Sem deixar de mencionar o fator da violência contra as mulheres que atravessa os corpos das mulheres negras de modo distinto em nosso país, seja pelo fato da hiperssexualização de nossos corpos, seja por fatores que trazem consigo marcas da colonialidade e pressupõem disponibilidade e permissividade aos nossos corpos ainda.

Outra obra para se destacar quando falamos sobre novas formulações e perspectivas femininas do direito a cidade é o livro *Cidade feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens* (2021) da geógrafa canadense Leslie Kern que imprime no referido livro a relação entre natureza e geografia para que historicamente se justifiquem as assimetrias de gênero no acesso ao direito à cidade. Kern (2021, p. 28) afirma “[...] a geografia trata da relação humana com nosso meio ambiente, tanto o construído pelo homem quanto o natural. Uma perspectiva de gênero oferece uma maneira de entender como o sexismo funciona na prática”, pois as “cidade dos homens”, descritas por Kern, foram historicamente planejadas a partir da experiência masculina, branca e heterossexual, deixando de fora as necessidades das mulheres, pessoas LGBTQIA+ e outros grupos marginalizados. A autora reconhece seu lugar de privilégio em ser uma mulher branca e de classe média, contudo, denuncia como a estrutura urbana, desde a questão do transporte público aos banheiros, até a iluminação pública e moradia, reproduz desigualdades de gênero, classe e raça (Kern, 2021).

Outra ponte evidente nessa pesquisa é a noção de *cidade no corpo*, desenvolvida por Silvana Nascimento (2019) em diálogo com o conceito de *corpografia*², elaborado pelas pesquisadoras e professoras Paola Jacques e Fabiana Britto, por meio de referências da Dança e da Arquitetura (Nascimento, 2019).

No artigo “A cidade no corpo: diálogos entre o corpo e a etnografia”, Silvana Nascimento (2019,) que faz parte do Núcleo de Antropologia Urbana da USP - NAU, do qual falamos anteriormente, desenvolve a seguinte definição: “a corpografia se traduz num modo diferenciado de sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles contemporâneas” (Nascimento, 2019, p. 02). Parece-me ser essa a aproximação necessária com os *slams* de poesia brasileiros (e com a pesquisadora). Sobre os *slams* destaco que:

No Brasil, a apropriação da cidade via realização de SLAMs difere do que ocorre em diversos outros países, como nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde grande parte dos eventos ocorre em locais fechados, como bares e estádios. No cenário brasileiro, a cidade aparece não só como cenário, mas muitas vezes também como protagonista das ações narradas nas poesias (Gomes, Silva, 2021, s/p).

E por ocupar as cidades, “lugar de perigo”, como as passagens iniciais deste capítulo constataram, os *slams* brasileiros, ou melhor os poetas e principalmente as poetas se apropriam

² Para mais informações sobre o conceito acessar a plataforma disponível em: <http://corpocidade.dan.ufba.br/>. Acesso em 04 de abr. 2025.

destes elementos como temas de suas produções, especialmente para transgredir à lógica de exclusão, mas sobretudo para rechaçar, denunciar e reivindicar uma cidade para as diversidades, sem violência para os jovens negros, para as mulheres, para a população LGBTQIA+ e as demais “minorias” sociais que ousam ocupar e reivindicar seus direitos à cidade.

Ao mesmo tempo em que esta pesquisadora também não está isenta da aproximação no método etnográfico, não somente pela aproximação com o “objeto de pesquisa”, como desenvolvi no capítulo introdutório, mas pelo próprio método em si, pois:

A etnografia urbana, embrenhada nas ruas, parques, festas, casas, lojas, calçadas, barracos, cortiços, bancos, galerias, bairros, ônibus, trens, se faz com o corpo do(a) antropólogo(a) em campo que se apresenta como interlocutor(a) em cidades em que é, ao mesmo tempo, citadino(a) e pesquisador(a) com uma história própria. A corporeidade está lá desde o primeiro momento em que se decide sair do seu lugar de conforto e percorrer a cidade para produzir um modo de conhecimento situado e depois tecer uma teoria vivida (Peirano, 2008). Isto significa pensar o corpo como sujeito da cultura e não como objeto e, nesse sentido, produzir uma forma de conhecimento incorporada que só faz sentido no e pelo corpo (Csordas, 2008). Mesmo nas selvas de pedra, o corpo não desaparece, ele sempre está lá (Nascimento, 2019, p. 03).

Elementos que me fazem referenciar o conceito de *Corpo Vibrátil* da filósofa e psicanalista Suely Rolnik (1989) esse corpo que é afetado, que está em um permanente processo de troca com o ambiente, com os outros corpos, com os fluxos culturais e históricos, formando uma simbiose em que, ao ser afetada, afeto, pois o corpo vibrátil, de acordo com Rolnik, tem a capilaridade em captar as forças do mundo antes que elas se traduzam em forma, linguagem ou consciência (Rolnik, 1989). Sendo assim, um corpo que sente, vibra e responde a essas forças, mesmo que sem nomeá-las de imediato, esse é o trabalho que a/o etnógrafa(o)/pesquisador(a) deixará para depois. E foi quase que exclusivamente assim, ou seja, sentindo, afetando, sendo afetada, sensibilizando, sendo sensibilizada. Depois refletindo, escrevendo, recortando. Em gerúndio! Assim, esse trabalho foi tomando forma e corpo.

Os conceitos de *Corpo Vibrátil* e o de *Coorpografia*, aliados ao entendimento de uma escrita encarnada na perspectiva decolonial proposta por Messeder, a proposta de cidades feministas, que rompam com o modelo patriarcal mundialmente disseminado, discutido por Karn, me ajudaram na compreensão das partituras deste trabalho ou andaimes (mesmo quando não estão evidentes). Todos esses conceitos, formulados por mulheres, alinharam os caminhos e me tranquilizaram sobre o percurso metodológico e sobre método, não como algo novo ou como algo “meu”, mas talvez como algo mais feminino, e não por essência, talvez por necessidade de que nós mulheres, ao pesquisarmos em metodologias de campo, com métodos

que nos atravessam, além dos elementos captáveis, tenhamos que gerenciar as sutilezas do campo, como todos (pesquisadoras e pesquisadores), mas também das violências de gênero, daquilo que só a uma mulher pode afetar.

Diante disso, compartilho uma entrevista realizada no município de Cabo de Santo Agostinho/PE, em um bairro chamada Pontezinha, durante uma das seletivas do *Slam* das minas/PE, pois muitos elementos dos quais essas autoras e autores formulam, sobre o direito à cidade, sobre as violências urbanas, violências contra as mulheres na ocupação de espaços públicos, estão presentes nas falas de Amanda Timóteo e Cris Andrade, bem como elas também compartilham um pouco do histórico da formação do *Slam* das Minas em Recife, dos desafios nessa caminhada, dos atravessamentos que as configuraram como uma coletiva de feminilidades e de representatividade negras, LGBTQIA+, periféricas, nordestinas e que enxergam o *slam* como ponte para, coletivamente, se libertarem de opressões, violências e descriminações, bem como para potencializar e amplificar suas vozes e corpos, suas escritas na defesa de uma literatura mais democratizada, mais plural e com responsabilidade social.

3.1. “O *slam* tira a gente da zona de risco, né?!” Entrevistando Amanda Timóteo e Cris Andrade

Itamara: Eu vou começar a gravar. Eu quero que vocês, é... fiquem bem à vontade se precisar parar, se vocês quiserem que não continue, tá certo? É... Eu sou Itamara e eu sou do Rio Grande do Norte. Eu estudo os *slams* porque, na verdade, é uma identificação pessoal com esse movimento literário que pra mim é uma potência da, da... literatura contemporânea brasileira, assim. Eu queria saber primeiro o nome de vocês, a idade e qual a declaração étnico racial de vocês.

Amanda: É então, eu sou Amanda Timóteo tenho 26 anos. Eu sou negra.

Cris: Eu sou Cris Andrade, tenho 25 anos e me considero negra.

Itamara: É, vocês são organizadoras desse *slam*, num é? Eu gostaria que vocês me contassem um pouquinho como é que foi realizar, articular pra realizar o *Slam* das Minas/PE. Quando vocês começaram, os desafios que tiveram, na verdade, eu queria saber um pouco da história, né? do *slam*.

Amanda: E então, o *Slam* das Minas, ele nasceu de uma necessidade, né? E de uma vontade de ter um espaço que fosse é... representado por mulheres, né? Que tivessem feminilidades nesses espaços, porque a gente sentia muita necessidade de ter mais poetas mulheres, né? nos espaços de poesia e de literatura, e no caso da poesia falada, né? Poesia de rua que é o caso do *Slam* das Minas. O *slam* acontece nacionalmente e aí a gente fazia um... organizava um movimento de rua que era uma, uma, um saraú de poesia e a gente percebeu que dentro desses saraus de poesia a gente via mais homens que tinham coragem, né? de tá ali naqueles espaços, tal. E também permissão, né? De poder tá ali, juventudes masculinas que podiam estar naqueles espaços ali, tinha permissão e tinha segurança de tá nesses espaços. A gente via poucas mulheres e além disso mulheres também não tinham coragem de se de... e recitar, né? De falar. E aí, e tava acontecendo movimentos de *slam* nas outras cidades do Brasil. Patrícia Naia que foi uma também, uma das fundadoras do *Slam*, ela... através disso a gente começou a pensar, a articular, e fazer o *Slam* das Minas. A gente fez o primeiro *Slam* das Minas na rua da Aurora. Deu muito certo, foi muita mulher e a gente não imaginava que era, que seria uma potência tão grande, né? É... tinha muitas mulheres ali naquela primeira batalha ali que aconteceu. E foi em que? Em 2017. E a partir desse ano a gente nunca parou, desde então, né? Teve a Pandemia obviamente e tal, mas assim...

Itamara: E vocês funcionaram virtualmente na pandemia

Amanda: A gente funcionou virtualmente durante a pandemia, exatamente. Mas, enfim... esqueci agora.

Itamara: Não, tranquilo.

Amanda: É que eu me perdi um pouquinho na tua pergunta.

Itamara: Era sobre a história do *slam*.

Cris: A história

Amanda: É isso, né? Quer falar alguma coisa amiga? Falei tudo, né? É isso. É um movimento que já tem 5 anos. Hoje nós somos um coletivo e um movimento de feminilidades de fato, né? Não são só mulheres cis, nós temos travestis também dentro do nosso coletivo, nosso movimento. Somos 7 e... é isso.

Itamara: Massa! Então, eu percebi que há uma rotatividade, pelos menos nesse, nesse, nesse ano, não sei como é que funcionou os outros anos. Então, eu percebi que há uma rotatividade nas batalhas de vocês, né? Primeiro foi na Praça do Coque, depois foi em Santo Amaro, num é? E agora aqui em Pontezinha. Vocês podem falar um pouco dessa dinâmica, da rotatividade, da batalha dos *Slams* das Minas daqui de Pernambuco. É... e como ele é recebido nas comunidades.

Amanda: Então, a gente começou a fazer os *slams* primeiro no centro, né? Então, era tipo, na Rua da Aurora ficou muito marcado porque também pela facilidade da galera, tipo, porque é bem localizado, né?

Itamara: Sim, sim.

Amanda: Então pessoas de várias regiões metropolitanas podiam chegar ali, mas a gente tinha a ideia de descentralizar porque muitas pessoas da comunidade não têm acesso a esse tipo de movimento de mulheres, né? Que tá ali falando sobre violência, racismo, violência doméstica, empoderamento feminino, empoderamento racial também e aí a gente... Já vinha... Já era um plano, né? Da gente, que era justamente trazer o... descentralizar o movimento e levar pra várias outras regiões, tipo, é... como o Coque, que foi muito foda,

Itamara: Sim, foi mesmo.

Amanda: Tinha muita gente da comunidade, como Santo Amaro também, como... Aqui tá sendo bem importante, ter feito essa batalha aqui em Pontezinha porque assim têm muitas, muitas meninas assim talentosas aqui que infelizmente, às vezes, não dá pra chegar no Centro, né? Porque chegar no Centro da cidade é muito... Chegar no

Centro da cidade é muito, muito é... Perigoso. E também é muita logística pra uma pessoa que tá na periferia

Itamara: Pras mulheres

Amanda: Que tá no Cabo de Santo Agostinho, tá em Jaboatão.

Itamara: Sim

Amanda: Então pra gente sair daqui pra ir pro centro da cidade pra poder ter acesso a um lugar de cultura, ainda mais um espaço que abraça mulheres é muito difícil, né? A gente vê que o Movimento *Hip Hop*... O Movimento *slams* ele tem um pouco da vertente do *Hip Hop*, a gente vê que o Movimento *Hip Hop* ele é feito majoritariamente por homens assim como a literatura também, né?

Itamara: Hunrum

Amanda: Então, tipo, ter um espaço desse numa comunidade onde tem muito mais mulheres do que homens é super importante. Assim, a gente sabe desde que a gente faz *slam* quanto foi importante nesse decorrer quantas as pessoas a gente tocou, quantas juventudes e também quantas mulheres mais adultas também a gente tocou e eu acho isso muito importante. E uma coisa que eu não falei na primeira pergunta é que tipo, as dificuldades que a gente sempre enfrentou no *Slam*, uma das dificuldades que a gente ainda enfrenta é a logística, né? Porque infelizmente nosso movimento é um movimento independente, então a gente conta com ajudas e com venda de zines pra gente poder fortalecer o movimento pra poder conseguir chegar em outros espaços também, né? Que a gente também vem de longe pra poder fazer isso e pra gente poder levar o nosso equipamento também que era um dos problemas da gente. Hoje em dia a gente conquistou, durante esses anos, que era justamente ter equipamento de som e microfone, que é pra gente poder ter isso, é o nosso... Agora é o nosso, como é que diz? É o nosso... esqueci a palavra agora... nosso material. A gente tem o nosso material de ir pra batalha, então a gente pode ocupar qualquer espaço, né?

Itamara: Hunrum. Sim.

Amanda: Tendo ali um lugar, uma energia pra gente colocar. E é isso!

Itamara: É... tem uma coisa que você mencionou que eu vou pegar ela um pouquinho mais pra frente, mas eu queria que vocês falassem também sobre essas parcerias que vocês constroem sempre com a comunidade, por exemplo, aqui com um coletivo que é daqui, no Coque com um coletivo que é do Coque, como que é essa construção de vocês?

Amanda: Então, a gente tenta, tipo, se coligar com movimentos de juventude na periferia, né? Tipo como esse aqui da galera do, é... Baile da Cultura³, né? Que é uma galera do movimento do Cabo. Do Cabo inteiro que se movimenta e constrói atividades não só no território de Pontezinha, mas lá no Cabo de Santo Agostinho, Ponte Tavares, enfim

Itamara: Hunrum

Amanda: E... no Coque já foi com a galera do Potências Periféricas⁴, também já faz um trabalho lá com a periferia. A gente tenta coligar com as galeras que a gente sabe que tá no mesmo corre que a gente, que a gente pode fortalecer um ao outro, né? De alguma forma. Então, tipo: a gente chegou aqui já fortalecendo com a ideia sobre feminilidades, racismo e enfim, “mulheridades” e enfim. Várias, várias ideias né? sobre isso. É uma troca. Então, tipo, aqui a gente chegou aqui hoje a gente não trouxe nosso som, mas tinha o som do movimento daqui do rolê. A gente chegou no Potências Periféricas e a Potências Periféricas já fortaleceu já com a iluminação, com ponto de energia, enfim... A gente vai se ajudando da maneira que a gente pode, sabe? E tanto como a gente hoje participa também de evento... Hoje a gente tá participando do evento

³ Perfil da página Baile da Cultura. Atividade cultural e regular que acontece na comunidade de Pontezinha. Disponível: https://instagram.com/baile_da_cultura?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==. Acesso: 03 de set. 2023.

⁴ No Instagram consta Potências Periféricas, acredito ser ao que a *slammaster* se refere ao usar o Vozes Periféricas. Há a seguinte explicação na página: “Potências periféricas é um dos coletivos da Rede Coque Vive que visa a agitação cultural no território das comunidades periféricas com foco na comunidade do Coque, há mais de dois anos vem movimentando e fomentando arte e cultura de forma independente, ocupando a praça, promovendo eventos, tentando trazer informação e cultura preta pro povo periférico”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqgAt7Br0LO/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>. Acesso em 13 de jun. de 2023.

do Baile de Cultura ... E a gente já participou também dum evento do Potências Periféricas assim como o Potências Periféricas participou do nosso evento. E a gente faz isso, né?

Itamara: Fortalece, né?

Amanda: É

Itamara: Tem uma... Acho que é uma fala muito comum que eu percebo, não só nas poesias, mas em vocês também que é essa lógica de ocupar a cidade, né? A gente sabe que os *slams* é um movimento que majoritariamente acontece em espaços abertos. Aqui é uma... Eu tenho certeza que aqui é uma exceção, né? Geralmente acontece em espaços abertos, em praças e eu queria saber como é pra vocês ocuparem esses espaços públicos, já que eles não são feitos pra mulheres, né? Nós mulheres estamos muito mais nos espaços privados. Como é ocupar esses espaços assim como uma mulher? Eu acho que, no sentido de dizer assim: “como é ocupar a cidade com poesia, com literatura, com música, com os nossos corpos, as nossas orientações, né? Que são diversas e múltiplas. Como é ocupar essa cidade?

Cris: É bem difícil, né? Como a gente tava falando, que só o fato de você, tá, assim: saindo de casa pra ir ocupar... Querendo ou não, resistência, sabe? Tá ali reunindo com outras mulheres se sentir acolhida, ainda esse caminho até lá, até esses espaços é muito perigoso, sabe? E a dificuldade que a gente tinha em ocupar espaços públicos era assim, é justamente não ter um ofício, sabe? Um ofício que seja aprovado pela prefeitura ou por alguém que permita que a gente faça eventos em qualquer, tipo... praça, em qualquer, em qualquer local, sabe? A gente enfrenta muita dificuldade, então por isso que a gente teve agora aqui esse ano principalmente foi bem difícil assim pra gente, tipo: questão de... Querer? A gente... é não... A última batalha na Rua da Aurora teve polícia, bateu polícia lá. E a gente sempre fazia batalha lá, nunca tinha tido isso, ainda falaram que a gente tinha que ter um ofício e... Isso ainda é um transtorno pra gente, questão de...

Amanda: Não se sentir seguro, não saber, né?

Cris: É

Amanda: O quê que pode rolar, né?

Itamara: O quê que pode acontecer

Amanda: O quê que esta fazendo ali num espaço público, na rua

Cris: Público. Isso.

Itamara: E pras mulheres é mais difícil isso, num é?

Cris: E como a gente tem na mulher o público alvo, né? Ele vem com fragilidade, aí

Amanda: Ainda mais sendo negras

Cris: Negras. E também não temos o direito de falar porque, realmente, a gente não tem aquele ofício. Então, o que eles puderem fazer pra prejudicar

Itamara: Sim

Cris: Daí a gente tem que procurar associações, coletivos que tenham já esse conhecimento, porém a gente queria também ter essa independência, né? Claro, ia facilitar muita coisa pra gente. Chegar, ter uma opção da gente fazer um evento, por mais que tivesse que seguir normas, regras, regulamentação, mas que tivesse um suporte também, né?

Itamara: Hunrum. Certo. Eu vou adiantar um pouquinho pra gente num demorar tanto. Tem uma coisa que foi você que falou lá sobre essa questão do Nordeste, né? Inclusive aqui é a primeira capital que “exporta” uma poeta que foi a Bell Puã pra concorrer ao *Slam* BR, ganha, e vai concorrer ao *Slam* internacional. Então, como é produzir,

construir *slam*, em especial o *Slam* das Minas, aqui, né? Nesse território chamado Recife e chamado Nordeste, na verdade.

Amanda: Eu acho desafiador, assim. Primeiro porque os últimos movimentos a serem criados de *slam* no Brasil foram os movimentos do Nordeste.

Itamara: Sim

Amanda: Então você já vê isso aí o reflexo de distribuição de cultura para as regiões do Brasil, né? Então, Nordeste ele tem esse déficit assim, em relação a gente... É... Receber investimentos pra cultura de incentivo, né? Então, tipo: quando eu estudava no ensino médio eu não tinha... eu não aprendia a conhecer escritoras negras, por exemplo. Eu tive acesso a escritoras, aquelas escritoras padrão assim, da literatura brasileira que a gente tinha acesso. Então, eu nunca tive uma referência para que eu pudesse me entender enquanto escritora e poeta, mesmo que Pernambuco, Bahia, sejam locais de várias potências da literatura brasileira. Mas, assim, a nossa cultura é tão, a nossa história... no decorrer do tempo é tão apagada, né? Para além também do racismo também, e do racismo regional também. É, a gente ser excluída, né? Disso assim, né? Além da literatura ser um lugar que por muito tempo a literatura... como é que diz? A Academia de Letras ser um lugar branco, né? Ele também foi um lugar ali ocupado também por muita gente do sudeste e tal, então você chega lá no *Slam* BR tem poucas pessoas do Nordeste. Ainda assim, ainda. Aumentou, óbvio, porque a gente tá se movimentando, mas assim, você chega lá tem muito mais movimentos de poesias em incentivo de cultura pra essas pessoas também se tornarem artistas, né? Não ser só um hobby. Mas ser um trabalho também, porque para além disso, acho que o *slam* tira a gente de zonas de risco, né? A pode tá fazendo um trabalho ali, ao invés da gente tá tipo, sei lá, fazendo um trabalho que pode prejudicar a gente, ou num tráfico de drogas ou à mercê de violências, e de várias coisas que o sistema mostra que uma mulher negra, uma mulher periférica tem de oportunidade, né? Tem o espaço do *slam* é... aqui em Pernambuco acho que ele tem muito significado em relação a isso. Por tentar, justamente, resgatar também essa juventude ele tem esse local assim, além da gente poder também trazer um pouco da nossa vivência enquanto mulheres nordestinas, né? Somos todas mulheres. Muitas mulheres negras, temos muitas vivências iguais, mas a

nossa vivência enquanto pessoas, mulheres do nordeste, feminilidades do nordeste é completamente diferente assim. Eu acho que é isso!

Itamara: Inclusive, a Bell Puã ganha com poemas que falam sobre

Amanda: Com poemas que falam, que fazem crítica justamente a isso, né? A nossa desigualdade regional.

Itamara: Eu acho que só uma pergunta sobre a questão dos temas, você já tocou um pouquinho sobre isso, mas é muito recorrente, né? Os temas sobre violência, sobre assédio, nos *slams* de forma geral, mas nos *slams* das mulheres muito mais especificamente. Me parece que é um espaço de escuta também, né? Um espaço de acolhimento. Então, eu queria que vocês falassem um pouquinho da importância, né? Pras mulheres falarem sobre essas questões e terem essa abertura pra tratarem dessas questões nos *slams*.

Amanda: Repita aí de novo a pergunta

Itamara: Eu acho que a pergunta é: porque é importante pras mulheres falarem sobre essas questões, né?

Amanda: Ah, então.

Itamara: Nos poemas, nos *Slams*, sobre as vivências...

Amanda: Fala amiga.

Cris: Sobre violência, né? É importante porque a gente sabe que muitas mulheres passam por violências, são silenciadas e isso começa muitas vezes dentro de casa, sabe? Na nossa própria família, então é um espaço que você tá todo dia, que você não se sente acolhida, sabe? Então, por a gente... se a gente não tivesse nesse coletivo, num sabe? Unida com essas mulheres, a gente nunca ia ter o poder de falar isso, porque as vezes nem dentro de casa mesmo a gente pode se expressar, então, ter um espaço que mostre

que você pode sim se expressar, que você pode se sentir acolhida, que você pode falar que você não vai ser julgada, que aquilo que você tá passando, é uma identificação porque acontece não só com você, acontece com muitas. E o *slam* é justamente essa possibilidade, né? Da gente ver que as mulheres podem se unir e reverter essa situação. Quanto mais de mulheres a gente alcançar, mais essas mulheres vão se sentir mais acolhidas e vão se sentir mais seguras em falar o que sentem, o que estão passando e muitas vezes, casos de violência mesmo, Então, a mulher não consegue deixar o marido, apanha, não fala, às vezes morre, mata, sabe? Então, quando conhece o *slam* a gente tem outra visão, sabe? Muitas mulheres mais velhas, assim, já chegaram pra gente pra falar da poesia, sabe? A gente sabe que aquela pessoa passa por coisas pesadas em casa e com o *slam* a pessoa vai se soltando naturalmente. Você vai falando. Muitas meninas hoje aqui recitaram também que não tinham costume de recitar, sabe? E guardavam aquelas palavras, aqueles sentimentos. Porque poesia é um sentimento. Então, é justamente isso. Acho que a importância é justamente essa, não tirar o silêncio da mulher, sabe? A solidão que todas as mulheres, não só a solidão da mulher preta, claro que isso aí é um fato, a solidão da mulher negra, mas também de todas as mulheres no geral, sabe? A gente acolhe todas as mulheres!

Itamara: Porque no fundo é muito mais difícil pras mulheres falarem, num é?

Amanda: Com certeza. Porque muito a cultura do silenciamento, né? Do homem que fala ali, da mulher que tá ali calada aguentando muita coisa, ah enfim...

Itamara: São os espaços...

Amanda: Vários silenciamentos durante muitos anos, além do silenciamento da escravidão, né?

Itamara: Verdade!

Amanda: Porque muitas mulheres brancas têm os seus espaços ali, de fala. Né? Que não são negados, mas pra gente não.

Pessoa aleatória: Com licença!

Itamara: Pronto. Acho que é um pouco sobre isso. Depois a gente continua conversando mais.

Amanda: Beleza!

Itamara: E eu agradeço, demais, demais, demais.

Amanda: Eu agradeço a você!

Itamara: Num vou dizer “gratidão”⁵ porque ela disse que é coisa de branco. E é mesmo!

(risos)

Itamara: Viu, brigadão!

Entrevista realizada no dia 01 de julho de 2023 na Praça do América, em Pontezinha, município de Cabo de Santo Agostinho/PE.

Quase todas as vezes em que estive no Recife, ou nos arredores, à propósito da pesquisa, o tempo estava fechado ou chuvoso, como foi o caso do dia da realização dessa entrevista em Pontezinha, contrariando as expectativas dos paulistas sobre um ideário de Nordeste, como mencionei no Caderno de Campo que compõe o segundo capítulo deste trabalho e, nos confirmando o quanto desafiador pode ser a ocupação dos espaços públicos em que os *slams* são realizados, como praças, por exemplo, os quais, muitas vezes, não contam com estruturas cobertas, o que significa a imprevisibilidade na realização deles. Parafraseando Berth (2023), lugares públicos nas cidades se configuraram como espaço de passagem, oferecendo poucas possibilidades de ocupação, lazer, fruição e permanência. Isso sem contar na falta de iluminação

⁵ Nani Nagô MC falou, depois de seu show, que não iria dizer “gratidão” porque é coisa de branco. Nós todos sorrimos nesse momento e a fala final na entrevista é referência a esse momento.

pública (Kern, 2021) que fazem de nossas cidades, lugares que oferecem perigo, em especial, às mulheres.

No dia da entrevista acima, o tempo estava fechado, neblinava, parava, retornava a neblinar, e, apesar dessa edição ter acontecido dentro de um clube esportivo, o que não é comum desse *Slam*, logo em seguida, as integrantes e participantes estavam na praça em frente ao clube, era o momento do *after*, e em meio ao tempo ameaçando chuva, sentamo-nos Amanda, Cris e eu em um banco de cimento queimado, um pouco afastadas das demais para realização dessa entrevista.

Busquei conservar ao máximo, as marcas do campo, da oralidade das entrevistadas e da entrevistadora, há muitos elementos já mencionados também, mas sem perder de vista o que de mais precioso pude captar das entrevistas, a voz, mesmo que escrita, das minas e suas próprias perspectivas de perguntas em que eu esperava outro tipo de resposta, por exemplo: o risco e as incertezas das respostas, pois a pesquisa e depois o trabalho, são o que são. Acredito que quase nunca são o que imaginamos de início. Assim, quis manter exposto os andaimes como metodologia e dessas vozes que se misturaram à minha.

Entre alguns elementos possíveis de destaque na entrevista estão, a formação e um pouco do histórico desse *Slam*; os desafios na realização e permanência dessa Coletiva; alguns elementos sobre territorialidade; temas mais abordados como a questão da violência contra as mulheres; a violência urbana, mas também a resiliência e a consciência de que o *slam* é importante para as fundadoras e para quem participa, seja como *slammer* ou apenas compõe o público.

Como destaca Amanda Timóteo, logo no início dessa entrevista, o *Slam* das Minas/PE nasceu da necessidade e da vontade de uma maior representação das mulheres na literatura, que ela denomina como “Poesia de rua” e, mais adiante, o associando ao movimento *hip-hop* lembrando, assim como discute Fabiana Souza (2023) que, historicamente, esses espaços do movimento *hip-hop*, em que muitos *slams* se ancoraram e/ou ainda se ancoram, são de maior participação dos homens. E seguindo um curso de crescente dos *slams* no país, elas que já eram organizadas na realização de um sarau de rua, ao modelo Cooperifa, de Sérgio Vaz, transforma esse espaço de participação mista em um *slam* auto-organizado *para e pelas* mulheres, a fim de que mais delas pudessem ter espaços de fala, com encorajamento já que, como diz Amanda: “[...] A gente via poucas mulheres e além disso mulheres também não tinham coragem de se de... e recitar, né? De falar”. Alinhadas a conjuntura nacional de *slams* auto-organizados, um

grupo de mulheres na capital pernambucana, criam o primeiro *Slam* das Minas em Recife e o segundo da região Nordeste, ainda em 2017 e que segue ativo até os dias de hoje.

É importante destacar que esse *Slam* nasce dentro de outra atividade de ocupação dos espaços públicos e misto de Recife; o Sarau Controverso Urbano⁶ realizado pelo coletivo de mesmo nome, como bem explicita Patrícia Naia em uma entrevista concedida ao projeto experimental em webjornalismo sobre o rap feito por mulheres na Região Metropolitana do Recife⁷, o projeto *Salve Todas*. Nessa entrevista, Naia, explica que conheceu os *slams* pelos vídeos na internet e que entrou em contato com as organizadoras do *Slam* das Minas/SP, depois desse contato passaram a realizar, inicialmente dentro do Coletivo Controverso Urbano, o Sarau com intuito competitivo e misto e depois surge a iniciativa do *Slam* das Minas/PE, auto-organizado só por mulheres em suas diversas “feminilidades”, para usar um termo que Amanda Timóteo utiliza com intuito de demarcar a diversidade dessas mulheres. Assim, esse *Slam* buscou/busca incentivar a escrita das mulheres do Recife e das mulheres que estavam envolvidas na cena de *hip-hop* da cidade. Nessa mesma entrevista para o *Salve Todas*, Amanda Timóteo ressalta que o *Slam* das Minas simboliza a resistência das mulheres nos espaços públicos. Fala que se repete, como vimos, na entrevista que realizei com ela e Cris Andrade.

Novamente retomo Tennina (2017) quando afirma que esse movimento dos “novos” saraus estão, de certa forma, conectados e que buscaram “dessacralizar” a poesia, a partir de uma possibilidade democrática e cidadã pelas pessoas “simples” (Tennina, 2017). Pensado na conjuntura política de nosso país nos anos pré-golpe, pós-golpe e no quase insustentável Governo Bolsonaro, notadamente, as ruas ficaram mais disputadas, momento de ascensão da luta de classes e as ruas foram ocupadas, ora por ideologias mais à esquerda, ora, mais à direita “e mostraram, por meio dos corpos dos(as) manifestantes, quais eram as suas reivindicações” (Nascimento, 2016, p. 01).

Saraus, *slams*, batalhas de rimas, passinho, passeatas, protestos, manifestações e diversas expressões artísticas/políticas tiveram muita expressividade nos centros urbanos dos

⁶ Esse Sarau é mencionado de forma indireta por Amanda Timóteo na entrevista que realizei com ela e Cris Andrade. Não há muitos registros sobre ele, mas Patrícia Naia fala de sua existência na entrevista para o projeto *Salve Todas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q553QQFe0rk>. Acesso: 28 de mai. 2025. Há também uma matéria no blog Diário de Pernambuco, data de 18 de maio de 2016, em que há uma explanação mais geral sobre os saraus e novamente há menção ao Coletivo Controverso Urbano, responsável por realizar o Sarau Controverso Urbano. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/04/saraus estimulam-apresentacoes-e-leitura-coletiva-movimentando-cena-c.html>. Acesso: 28 de mai. 2025.

⁷ O projeto *Salve Todas - Mulheres e Rimas do Grande Recife*, foi realizado como conclusão do curso de Jornalismo de duas estudantes da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Ingrid Cavalcante e Nathália Pereira, as reportagens multimídia, conta histórias sobre o rap feito por mulheres na capital pernambucana através dos relatos das artistas. Disponível em: <https://www.youtube.com/@salvetodas7483>. Acesso: 28 de mai. 2025.

últimos anos do nosso país, expressões essas que colocam o corpo em evidência. Silvana Nascimento (2016, p. 01) nos lembra que “A evidência corpórea manifesta nas reivindicações não é novidade e está no centro das contestações políticas dos movimentos feministas já desde o início do século 20 [...]” e essa evidência corpórea é também uma das centralidades dos *slams*:

Nos dias de hoje, o corpo se tornou símbolo de lutas políticas, sociais e simbólicas [...]Corpos estão em evidência nos espaços públicos e estão marcados por posições políticas que devem ser visíveis na paisagem urbana e serem reconhecidas socialmente por meio de práticas corporais, além de diferenças de cor, geração, classe, gênero e orientação sexual. Esta visibilidade espalha-se pelas redes sociais, cujos *selfies* propagam-se compulsivamente nas passeatas e nos passeios (Nascimento, 2016, p. 01).

Os *slams* se configuraram como uma expressividade artística, política e reivindicatória marcada pela evidência dos corpos na ocupação das cidades, pelas questões de gênero e sexualidade, permeados por questões referentes à raça, classe e se propagaram, bem como ainda se propagam, pela internet (as redes sociais), meios pelos quais Naia, eu e tantas outras pessoas passaram a conhecê-los. Assim, pode ser justo afirmar que, embora não tenha bandeiras políticas partidárias, os *slams* atuam em contextos mais à esquerda, do ponto de vista ideológico, na defesa dos direitos humanos e muitas vezes, vinculados à movimentos sociais, como o movimento *hip-hop*, movimentos negros, movimentos feministas, movimentos LGBTQIA+.

A questão do direito à cidade, dito de outra forma, de ocupação dos espaços públicos é recorrente na entrevista acima. Cris Andrade lembra que uma das principais dificuldades que elas enfrentam na realização do *Slam* esbarra justamente em uma questão de ordem burocrática; ter um ofício da prefeitura que as assegurem, não da realização em si do *Slam*, mas de a polícia não o inviabilizar como quase ocorreu na terceira seletiva de 2023, na Rua da Aurora em que “bateu polícia lá”, nas palavras de Cris.

“O quê que está fazendo ali num espaço público, na rua?”, intervém Amanda em um dado momento da entrevista quando estamos falando sobre a questão do perigo para as mulheres e ressalta: “ainda mais sendo negras”. Essas indagações de Amanda e Cris, sobre a burocratização, a violência, o assédio em que os corpos de mulheres e negras são submetidos, até mesmo pelo braço do Estado, só evidencia o racismo e a violência de gênero que elas enfrentam na realização do *Slam* e tal constatação não se dá de forma isolada, ou seja, não se trata apenas dos *slams*, mas sistematicamente da construção do modelo de sociedade brasileira:

[...] as marcas do modelo predatório e discriminatório de cidade continuam em plena vigência, construindo o que podemos denominar hoje de crise urbana. Essa crise tem origem nas permanências e persistências de um modelo excludente, predatório e patrimonialista [...] (Rolnik, 2019, p. 266).

Um modelo de permanência e persistência do racismo, de exclusão e coisificação das pessoas negras a tal ponto que “[...] não é difícil entender como as suposições estereotipadas de que pessoas negras são criminosas persistem até os dias de hoje” (Davis, 2018, p. 44, 45). Considerando que o *Slam* das Minas/PE é majoritariamente composto por mulheres negras e que seu público é composto por juventudes negras e periféricas, fica fácil compreender como é a sensação de falta de segurança, pois o Estado que cobra um ofício para que mulheres negras, poetas, escritoras possam realizar um evento de poesia em praça pública, é o mesmo que nega, qualquer tipo de suporte: “por mais que tivesse que seguir normas, regras, regulamentação, mas que tivesse um suporte também, né?”, ressalta Cris Andrade. O Estado que prende MC’s por apologia ao crime nas letras de suas músicas, em evidente ato racista, é o mesmo Estado que permite, sob alegação de liberdade de expressão, um ex-presidente da república que faz pronunciamentos racista, homofóbico, machista estar ainda solto. O Estado que criminaliza o uso de canabis por jovens negros é o mesmo Estado que faz vista grossa para o consumo dela em bairros nobres. Isso significa que o Estado brasileiro segue criminalizando os fazeres, saberes artísticos e culturais das periferias, das pessoas submetidas à margem, que cantam, dançam, atuam, performam suas realidades, pois no fundo, parafraseando os versos de Jéssica Preta, o que o Estado não quer é falar sobre raça.

Outro ponto para destacar da entrevista. é o fato de que em 2023, as seletivas do *Slam* das Minas/PE foram descentralizadas, ou seja, deixaram de ocorrer apenas na Rua da Aurora e foram para outras localidades, Comunidade do Coque, Pontezinha, Santo Amaro. Essa movimentação implicou, como bem discorreu Amanda, em parcerias com os movimentos de cada localidade, fortalecendo mutuamente tanto o *Slam* das Minas/PE, como também os movimentos com os quais ocorreu as parcerias. Uma reflexão importante que as organizadoras ressaltam sobre essa opção pela descentralização é o fato de que apesar de a Rua da Aurora ser um ponto central, ao mesmo tempo em que fica longe para muitas, a logística para poetas, como as de Pontezinha participarem, se fosse na Rua da Aurora, seria muito dispendioso. Então, construir competições do *Slam* nas próprias periferias, resulta em parcerias, fortalecimento, participação ativa da comunidade, trocas, redes de apoio e descentralização do *Slam*. Redes de sociabilidades.

As entrevistadas tocam em um assunto bem pertinente sobre a desigualdades de distribuição e oferta de políticas públicas e culturais para regiões como o Nordeste. Na fala de Amanda dois pontos desse tema são bem pertinentes: o da questão dos investimentos em si, que ela afirma como um déficit na distribuição de cultura (recursos para a cultura) e uma questão simbólica de apagamento das potências literárias da nossa região, ao afirmar que lembra de ter estudado autoras brasileiras, mas que nunca teve acesso, na escola a escritoras e poetas pernambucanas ou baianas, apesar de sabermos que esses são locais de várias potências da literatura brasileira. Ela reflete que isso se deve ao racismo, mas também a outro tipo de racismo: o racismo regional que invisibilizou e (ainda inviabiliza) a literatura, os movimentos culturais, artísticos como os *slams*, na nossa região.

Mas apesar dessa constatação das diferenciações nas políticas públicas e culturais na distribuição e incentivo financeiro e de fomentos à cultura em nossa região, relembramos a potência que foi a vitória da escritora e rapper Bell Puã, em 2017, no SLAM BR, por ela trazer exatamente os temas regionais e escancarar à nível nacional essa desigualdade e xenofobia, ao mesmo tempo em que seus poemas traziam à tona a valorização de nossa.

[...]
Vocês tão ligado?
Que o que nois chama de Nordeste
Na real, foi inventado?
Porque tu, paulista, não se considera
sudestino?
mineiro e carioca tem identidade própria
mas é tudo a mesma merda
esses tal de nordestino!
(Puã, 2019, p. 63).

Em referência direta à discussão proposta por Durval Muniz no seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (2021), a voz lírica no poema, lembra de que o Nordeste é uma construção simbólica, histórica, política, cultural e discursiva, inventada no discurso e sustentada como uma das formas de regionalização da desigualdade, no intuito de construir uma identidade estigmatizada, estereotipada e que sirva de absolutização de uma imagem cristalizada (Albuquerque Júnior, 2021).

No poema, podemos notar a voz lírica questionando a naturalização dessa ideia de Nordeste: *Vocês tão ligado? Que o que nois chama de Nordeste/ Na real, foi inventado?* evidenciando justamente a “invenção” discursiva da identidade regional sustentada pelo preconceito e a assimetria nas identidades regionais, uma vez que os habitantes de uma região toda, nesse caso o Sudeste, mantem suas identidades regionais valorizadas e individualizadas

(paulista, mineiro, carioca), o Nordeste, pelo contrário é homogeneizado, planificado e resumido. Essa imagem homogênea e simplista é desbancada nos versos seguintes, vejamos:

só pra começo de conversa
Nordeste tem 9 estados diferentes
nem vem dizer que não sabia
sul e sudeste tem IDH foda
mas não tem aula de geografia?
de onde venho a gente diz
oxe, eita carai, misericórdia, minha fia

[...]
é que pra vocês nois é caricatura
num interessa de onde venho
me chamam de paraíba
me respeite, boy
sou da terra de Capiba.
(Puã, 2019, p. 63)

Nos versos acima é notória a invisibilização da diversidade de nossa região: “*Nordeste tem 9 estados diferentes/ nem vem dizer que não sabia*”, novamente a voz lírica denuncia, em tom de deboche, a homogeneização do Nordeste, um dos mecanismos mais explorados por Durval Muniz no que se refere a “invenção” simbólica e de interesses políticos e econômicos de uma região inteira em detrimento de outras, pois, mesmo marcado por uma diversidade cultural e linguística, por exemplo, todos os estados são podem ser resumidos aos gentílicos “Paraíba”, “Bahia”, “Ceará”, sinônimos de “Nordeste” como uma massa única, pobre e subalterna. Segundo Albuquerque Júnior (2021), essa relação tem a função de manter o Nordeste no lugar de “outro nacional”, o que permite justificar as desigualdades como se fossem questões regionais e não estruturais.

“*de onde venho a gente diz / oxe, eita carai, misericórdia, minha fia*”, diz a voz lírica, demarcando a riqueza linguística que temos e, no caso do poema, referindo-se ao Pernambuco, como forma de ironizar o “desconhecimento” e *outromização* do Nordeste e critica: “*sul e sudeste tem IDH foda/ mas não tem aula de geografia?*” falta conhecimento básico sobre o país, noções de diversidade, de espacialidade, mas sobretudo, respeito. Albuquerque Júnior (2021), vai argumentar ainda que uma parte do processo dessa “invenção do Nordeste” envolve a construção de um repertório imagético e linguístico estigmatizado, e que esses elementos circulam de forma legitimada e naturalizada em livros didáticos, novelas, propagandas e discursos da mídia em geral (Albuquerque Júnior, 2021). Mas a resposta da voz lírica busca a desestabilização desses estereótipos e estigmas: “*me respeite, boy/ sou da terra de Capiba*”, apropriando-se com orgulho do seu lugar e dessa identidade de forma propositiva, positiva,

afirmando, em sua identidade pernambucana, um dos maiores compositores da música brasileira.

O poema de Bell Puã, desmonta o discurso hegemônico sobre o Nordeste e reivindica a pluralidade e a riqueza que temos, linguística, cultural, social, histórica e artística. Como propõe Durval Muniz, há interesses por trás dessa construção regional e da naturalização da desigualdade. Amanda Timóteo consegue perceber e formular na entrevista a “falta de incentivo e fomento” para produção cultural no Nordeste, ao mesmo tempo em que aponta que é necessário buscar fortalecer, cada vez mais, a cena de *slams* na região, pois entre as questões que atravessam as feminilidades, a regionalidade é uma delas e assim como Bell Puã e Durval Muniz, tenta desmontar o ideário de um Nordeste único, ficcionalizado em que seja possível, através do *Slam*, tirar muitas mulheres, negras e nordestinas de zonas de risco.

E com essas vozes potentes, o *Slam* das Minas/PE “nasceu” na Rua da Aurora que fica localizada no centro da cidade histórica do Recife, e sim, é uma das vias mais bonitas (“em linha reta”, como dizem os pernambucanos) da cidade. Banhada pelo Rio Capibaribe, faz parte do conjunto urbano que marca a transição entre o Recife colonial e a cidade moderna. O nome relaciona-se ao fato de que, por estar voltada para o leste, os primeiros raios de sol do dia iluminam suas fachadas, sendo assim, uma rua que vê o nascer do sol, daí o nome “Aurora” que já aparece em registros desde o século XIX.

Importante salientar que a Rua da Aurora surgiu no contexto da expansão urbana do Recife ainda no século XVIII e XIX e que foi uma das primeiras vias do Recife a ser planejada com alguma regularidade nas questões urbanas; casas alinhadas, com fachadas voltadas para o rio e, evidentemente, pela localização, pelo planejamento e recursos investidos, acabou se tornando uma área nobre no século XIX, destinada às famílias influentes da elite da capital pernambucana.

Hoje, a Rua da Aurora continua tendo importância inestimável para o Recife, seja pela sua arquitetura, na qual boa parte das construções arquitetônicas são consideradas patrimônio cultural e tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), seja pela expressiva movimentação artística, cultural e de lazer que essa grande avenida comporta.

E é nessa rua, localizada no centro do Recife que nasce, se expande e permanece em atividade, desde agosto de 2017⁸, o *Slam* das Minas/PE, em plena efervescência da cena de

⁸ O *Slam* das Minas/PE surge no mesmo ano em que surge na Bahia e no Rio de Janeiro, e, nesse mesmo ano, uma das fundadoras, a Bell Puã, torna-se a grande vencedora do SLAM BR, em São Paulo. Até a data em que escrevo essa tese (maio de 2025) Bell Puã foi a única nordestina a ganhar a competição nacional de *slam* no Brasil. Informações sobre a data de surgimento desse *Slam* foram colhidas em campo, mas também estão disponíveis em: <https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/37726/#info>. Acesso: 09 de mai. 2025.

slam no Brasil e da formação de coletivas femininas/feministas em Brasília (2015), São Paulo (2016), Rio de Janeiro, Bahia e, finalmente, Pernambuco (2017). Suas primeiras “Auroras” foram Patrícia Naia, Amada Timóteo, Mariana Ramos, Lilian Araújo, Olga Pinheiro, Bell Puã, Cris Andrade e Bione. Dessa primeira formação, mantiveram-se Amanda Timóteo e Cris Andrade na formação da coletiva atual, junto com elas estão Iara Castro, Rafaela, Elke Falconiere e Vanessa Aparecida⁹.

Destaco uma breve descrição de cada uma das que compuseram a primeira formação e que não se mantêm mais, as descrições foram retiradas do Instagram oficial do *Slam* das Minas/PE¹⁰ em formato de card, visto que compõem a chamada da primeira seletiva de 2023, pois elas eram as homenageadas.

Figura 22 - Patrícia Naia



Fonte: Redes sociais, Slam das Minas/PE

Figura 23 - Bell Puã

⁹ Informações concedidas por Amanda Timóteo.

¹⁰ Todos os cards estão disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/CrBXCqyrNQp/?igsh=Ym5ydzc1MmxuNGZk>. Acesso: 14 de abr. 2025. Não tem a descrição de uma das integrantes da primeira formação, a Bione, mas deixo também o link do perfil de Instagram dela. Disponível em: <https://www.instagram.com/b.i.o.n.e?igsh=MXNtbWUweWY3ZjA4eQ==>. Acesso: 14 de abr. 2025.

Figura 23 - Bell Puã



Fonte: Redes sociais, Slam das Minas/PE

Figura 24 - Lilian Araújo



Fonte: Redes sociais, Slam das Minas/PE

Figura 25 - Olga Pinheiro



Fonte: Redes sociais, Slam das Minas/PE

Figura 26 – Mariana Ramos



Fonte: Redes sociais, Slam das Minas/PE

Podemos constatar, nas descrições, que acredito ter sido redigidas pelas próprias poetas, elementos que discutimos no capítulo anterior: em sua maioria são mulheres/jovens negras que tiveram acesso ao ensino superior, com orientações sexuais diversas e que reivindicam para si esses elementos em suas vivências e em seu engajamento na literatura e/ou na produção cultural que desempenham.

Antes de trazer as “novas Auroras”, desenvolvo um pouco como foi conhecer algumas das “antigas” durante a pesquisa. Ainda em 2021, em plena pandemia da Covid-19, realizei uma entrevista com Bell Puã, via e-mail, para compor a edição de número 15 da Revista *Mangues & Letras* da UFRN¹¹. Essa edição foi intitulada “As Margens do *Slam*” e na entrevista há algumas questões que se conectam bastante com as discussões feitas para esse trabalho, como por exemplo a necessidade de se construir um *slam* específico para as mulheres que a Bell Puã já levantava, afirmando que a cena de *slams* mistos era monopolizada pelos homens e por isso a importância de ter um espaço em que as mulheres se sintam à vontade para recitar seus textos.

De modo geral, esse argumento foi o que sustentou a proliferação de coletivas de *slams* específicos para as mulheres: a construção de espaços seguros e a possibilidade de competir pois, desde a chegada dos *slams* no Brasil em 2008 só 8 anos depois é que temos uma vencedora mulher do SLAM BR, a paulista Luz Ribeiro no 2016. De lá para cá, cada vez mais há engajamento das mulheres na cena e mais vencedoras do SLAM BR também, como vimos no primeiro capítulo.

Ainda na primeira formação desse *Slam*, conheci pessoalmente Lilian Araújo na primeira seletiva de 2023, na qual ela estava como homenageada, assim como foi a primeira vez em que vi Bell Puã pessoalmente. Da Lilian guardo uma boa troca de conversa e uma impressionante conexão, bem como seu zine que estava à venda no dia, pois como sabemos, os *slams* também são espaços de circulação de objetos artísticos, de vendas, trocas e compartilhamentos da arte que a periferia produz.

Da Bell Puã, não consegui me aproximar, tive medo e, apesar de não parecer, ainda sou uma mulher negra tímida e, apesar de estarmos “entre nós”, a seletiva do Coque era minha primeira ida a campo, o que aumentava meu constrangimento, mesmo assim, nos cruzamos e nos abraçamos fora do círculo formado para o *Slam*.

¹¹ Destaco que a Revista *Mangues & Letras* é de iniciativa da professora Tânia Lima e participei do editorial dessa edição a convite dela. Revista disponível em: <file:///C:/Users/itama/Downloads/REVISTA%20SLAM%20%20%20FINALIZADA.pdf>. Acesso: 25 de abr. 2025. Fizemos também o lançamento da revista, juntamente *slammers* e *slammasters* do RN. Live de lançamento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ICcAD8hAAWw>. Acesso em: 25 de abr. 2025.

Das muitas memórias desse dia, destaco a memória em que Bell Puã recita “Recife”, poema de Patrícia Naia, que ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente. Mas uma frase fora do contexto me rendeu um dos maiores constrangimentos dessa pesquisa (e um dos momentos mais engraçados também): a dedução de que a Naia, uma das primeiras fundadoras do *Slam* das Minas/PE, havia falecido. Em um dado momento da performance da Bell, em que ela está mostrando o livro *O Punho Fechado no Fio da Navalha* e falando da Naia como uma de suas grandes referências, Bell diz a seguinte frase: “[...] e acho que vale muito a pena ler essa poesia aqui de Patrícia Naia que fala sobre Recife em homenagem à **presença-ausência** dela aqui e agora [...]” (Grifos meus, material áudio visual gravado em campo no dia 15 de abril de 2025). Na hora, realmente diante da presença do seu texto e da ausência física da Patrícia Naia e de todo o processo pandêmico que havíamos passado recentemente, supus que a poeta estava morta e em todas as minhas idas a campo, esse foi um tema do qual nunca consegui abordar com nenhuma das meninas. Em minha mente era um tema tabu, traumático ou do qual eu não tinha o direito de tocar, por ser delicado. Fora o fato de ter procurado como louca nas redes, na internet, informações sobre a Patrícia Naia e não encontrar.

Foi apenas em outubro de 2023, no Rio de Janeiro, em plena Praça Floreano, conversando com a *slammer* Jéssica Preta, com quem desenvolvi uma profunda relação de amizade e companheirismo, que perguntei para ela o que havia acontecido com a Patrícia Naia, já com a certeza da morte da poeta (que Patrícia Naia nunca leia esse texto). Lembro-me do choque de Jéssica e de cairmos na risada por longos minutos depois dela me contar que Patrícia Naia estava vivíssima e inclusive esteve na final do *Slam* Pernambuco do corrente ano. Desejo para qualquer pessoa, poder sorrir como sorrimos naquela tarde chuvosa e fria no Rio de Janeiro. Em especial se for para comemorar a presença-ausência de alguém que está presente fisicamente ainda nesse plano e produzindo, como é o caso da professora, escritora e produtora cultural Patrícia Naia.

Apenas na minha última ida a campo, conheci a Olga Pinheiro, compartilhamos a experiência e o desafio de sermos juradas da seletiva final do *Slam* das Minas/PE de 2023, na Rua da Aurora, depois compartilhamos o momento do after, mas ela teve que ir embora mais cedo.

Sobre as “novas Auroras”, ou as que se mantêm na coletiva, vou recorrer ao meu caderno de campo para descrever a Amanda Timóteo e, depois, recorrer à fala final que Amanda e Iara fizeram antes de anunciar Jéssica Preta como ganhadora do *Slam* das Minas/PE de 2023, pois essa passagem, gravada em campo, com todas as dificuldades do ambiente aberto e chuvoso e

da pesquisadora exercer também o papel de jurada, traz elementos importantíssimos sobre a potência literária, social e de acolhimento que esse *Slam* propõe e de como as suas integrantes tem plena consciência desse papel.

Ainda de dentro do carro, especulo com a motorista se é mesmo aquele local. Vejo uma tenda sendo armada, três mulheres lindas organizando o espaço, uma com um cabelo black, que reconheço por ter visto nas fotos do Instagram da página oficial do *Slam* das Minas/PE, sei seu nome: Amanda Timóteo (Caderno de campo, 15 de abril de 2023).

Amanda Timóteo foi a poeta, *slammaster* que mais mantive contato durante esse trabalho, desde o início me recebeu como “mana” e sempre que precisei de qualquer informação, ela esteve prontamente disponível para colaborar. Das seletivas de 2023, ela e Iara Castro foram as *slammasters*, ou seja, aquelas que conduziam a chamada das poetas e animavam as pessoas presentes, mas todas tinham a função de organização do espaço antes, durante e depois de cada seletiva (até mesmo as *slammer* ajudavam nessa tarefa). A Coletiva de 2023 tinha as seguintes integrantes. Como podemos ver na fotografia abaixo.

Figura 27- Formação da Coletiva do Slam das Minas/PE em 2023



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

No centro da foto, de óculos escuros, temos Elke Falconiere, do lado direito, com blusa estampada, Amanda Timóteo, ao lado, sentada na mesa e com brincos coloridos, Iara Castro, de short lilás e língua para fora, Thallia Maria e na ponta esquerda, de blusa e touca pretas, Cris Andrade. Dos nomes que Amanda me falou, faltou nessa foto apenas Rafaela Fagundes¹².

Gostaria de ter conseguido momentos individuais com cada uma das integrantes, mas pela própria dinâmica do *Slam*, considerando a vida das mulheres e as inúmeras jornadas que precisam enfrentar para estar presentes, em pleno sábado, no Centro do Recife, e considerando também a minha dinâmica de estar sempre em trânsito, por conta do trabalho, maternidade, estudos... não foi possível, mas Iara Castro e Amanda Timóteo sintetizam, na fala final da última seletiva, os seguintes elementos sobre esse *Slam*.

Iara: [...] Coisa por eu tá fazendo o grito de pernambucanas, sendo.. não sendo uma pernambucana, mas eu estou aqui pra fortalecer o movimento e não pra tomar o movimento de ninguém. Porque há espaço pra todo mundo, então eu tô aqui e vou honrar esse espaço e eu quero pernambucanas pra lá [SLAM BR], porque eu não sou a favor dos sulistas, eu não sou a favor dessa galera que eu sei que são terríveis, então eu não faço parte dessa cota, eu não quero fazer parte dessa cota. Então, é isso, só agradece quem tá aqui até o final e mesmo que seja só uma, eu quero agradecer Clarinha que veio de lá, eu fiquei muito ansiosa, a expectativa veio muito forte, porque eu falei assim “quem aqui ganhou do Cabo? Quem ganhou?”, eu não consegui ir até lá, ela [Amanda Timóteo] falou “mina, quem ganhou é uma pirralha muito foda, tem muita poeta no cabo”, então, ela falou que vai ficar no pé da mina que lançou o evento lá pra fazer o *Slam* porque vocês precisam (*alguém fala: “slam misto”*)... é, não precisa ser um das minas, mas que seja um misto, então, só agradece por você ter conseguido vir até aqui. À Jéssica, muito obrigada também por você ter vindo até aqui... é, Jéssica foi uma das competidoras que a gente não conseguiu enviar pro nacional por conta de demanda e falta de batalhas, então eu só quero agradecer... a Elke também que foi uma das finalistas, mas não batalhou, mas ela sabe que o espaço dela tá aqui e que ela tem potencial e quando ela se sentir pronta pra batalha, pronta pro estadual, a gente tá de braços abertos para receber ela. Então é com, é... muito feliz ... (*Iara pergunta para Amanda se ela quer falar alguma coisa*)

Amanda: Deixa ei ver se tá pegando comigo... (*testando o microfone que estava bem ruim quando Iara estava falando*) (*gritos de surpresa porque com Amanda o som melhora muito de qualidade*) olha aí, tá vendo?! Eu acho que

¹² Segue, em ordem de descrição, o Instagram de cada uma delas, caso seja necessário para outras pesquisas e para que possam também conhecer o trabalho dessas mulheres.

Elke Falconiere: <https://www.instagram.com/elkefalconiere?igsh=bms0d2N3ZGl4bnJ0>.

Amanda Timóteo: <https://www.instagram.com/poeticamanda?igsh=MTRoenliaXVIMGI1OQ==>.

Iara Castro: https://www.instagram.com/_iaracastro?igsh=MWhqMHlyNDJycWM5dg==.

Thallia Maria: <https://www.instagram.com/thalligeira?igsh=MTA3aG96dmI5N2dteQ==>.

Cris Andrade: <https://www.instagram.com/crisandradealquimia?igsh=MWo5YnRwm2I4OHl0Yg==>.

Rafaela Fagundes: https://www.instagram.com/hc_rafaela/?igsh=amVhaXhxengweWFw. Acesso em: 30 de abr. 2025.

agora vai, né? Então, eu só queria reforçar aqui também porque... aqui nesse espaço, aqui também tem poetas que comé, *tavão* lá desde o começo do *Slam* das Minas, né? Tipo Olga e enfim, e salientar também, é, tipo... quando o *Slam* das Minas nasceu, assim, tipo propôs um espaço que a gente se negava a estar, né? Achando que aquele lugar, aquele espaço num era pra gente e a gente... tava até conversando com Iara, falando sobre isso que aqui é um espaço que movimenta a questão do hip-hop, né? Porque ele é... fomenta isso, mas é um espaço primeiramente literário! E eu fico muito feliz de, da gente tá continuando isso a cada ano, porque foi desse espaço aqui que nasceram escritoras aqui, então tipo, todas, praticamente todas, na verdade, poetas que participaram do *Slam* tem um livro lançado e isso é tão importante porque a gente precisa resgatar nossa literatura e levar nossa voz, essa literatura, essa literatura de mulheres, sabe? De feminilidade. E quanto ela é importante porque é essa literatura que a gente chaga lá no ensino médio e a gente aprende aquele padrão ali, né? Então, tipo, eu não tinha referências de, de... quando eu estava no ensino médio, então eu não tive, eu vim ter, saber o que era literatura marginal, periférica depois que eu saí do ensino médio da escola, então eu acredito que essa literatura que a gente tá escrevendo aqui hoje, ela também é a continuação Maria Carolina de Jesus e entre outras mulheres incríveis que fazem parte dessa literatura e desse apagamento histórico, né? E é por isso que esse espaço continua vivo, por causa de vocês. E é isso! (*aplausos e gritos antes de Iara anunciar a vencedora do Slam das Minas/PE de 2023*) (Grifos meus. Áudio capturado em 10 de setembro de 2023).

Considero essa passagem uma das mais impactantes que vivenciei e tive a honra de registrar em campo, pois tanto Iara, como Amanda sintetizam e sistematizam de forma muito lúcida o papel do *Slam* das Minas/PE e sustentam a minha tese de que o *Slam* das Minas/PE (poderia dizer os *slams* de mulheres de modo geral, mas me faltariam elementos de comparação) constrói e fomenta espaços seguros (Collins, 2019), bem como fomenta e fortalece uma literatura feminina, feminista, de feminilidades diversas, como escutei Iara mencionar, e mesmo sabendo da vinculação com o movimento hip-hop, elas têm clareza da função literária que exercem, a partir das margens, na publicação de livros, nas referências de outras escritoras negras brasileiras, contemporâneas, jovens, periféricas e que já sabem que esse lugar da literatura também é delas por direito, pois viver e olhar a partir das margens é um das formas de questionar o centro (Veigas, Vasconcelos, Bandeiras, 2022), apontando a literatura de jovens mulheres negras, subalternizadas como caminho promissor e possível.

Tal fato me faz lembrar do ensaio “Narrar o Outro” do livro *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura* da escritora estadunidense Toni Morrison (2019). Nele a autora conta como um único fato, que é a premissa de seu livro *Amada*, lançado ainda na década de 1980, mais precisamente em 1987, pode ter olhares distintos e versões distintas, a partir de quem o vê. Se o professor da faculdade de Jéssica Preta falou, como ela coloca em seu poema que “*slam* não é literatura”, precisamos urgentemente questionar de qual lugar fala ele, quais

suas bases epistemológicas, mesmo sabendo do ranço colonial que ainda atravessa os estudos literários, assim como fez Morrison ao questionar e criar uma personagem baseada em fatos reais (Margaret Garner), com direito a um novo olhar para o seu ato, o ato de matar sua filha Amada. Em um contexto de feridas expostas ainda do período escravocrata, o ato de Garner é visto por Morrison, uma mulher negra estadunidense, de forma complexa e não apenas como visto pela mídia da época, um crime bárbaro, como bárbaro viam e ainda (em certa medida) veem o povo negro. Morrison, Jéssica Preta, Amanda Timóteo, Iara, Elke, essa pesquisadora e tantas outras poetas, intelectuais, tem olhado para o Outro, ou para outras formas de produção literária, com mais gentileza e ressignificação, assim como atos de insurgências, solidariedade, avanços e muitos, muitos desafios.

3.2. Cidades-navalhas: poemas “Recife” de Patrícia Naia e “Estatística” de Jéssica Preta.

Como discutimos no início desse capítulo, a cidade, local em que ocorre, em sua maioria, os campeonatos de *slams*, sendo essa uma característica brasileira do modo de produção dos *slams* em nosso território, são ainda [as cidades] espaços de vulnerabilidades, perigos e violências contra as mulheres (Berth, 2023; Kern, 2021). Fato que torna muito comum esses temas fazerem parte dos atravessamentos de muitos poemas, ao mesmo tempo em que é na ocupação dessas cidades perigosas para as mulheres e corpos dissidentes que elas se fortalecem, se encontram, se conectam e, coletivamente, subvertem a lógica patriarcal da casa, espaço privado como o espaço feminino, e a rua, espaço público como pertencente aos homens (Saffioti, 2013). Reprodução muito comum desde a mais tenra idade, quando às meninas sobram bonecas feias e magrelas, panelinhas e brincadeiras de casinhas e aos meninos, bicicletas, carrinhos e tudo que mostre para eles que o externo lhes pertence.

Entretanto, apesar dos avanços nas discussões de gênero e, também, nas questões raciais, muito há de avançar ainda para que o direito à cidade para as mulheres seja pleno e garantido, particularmente para as mulheres negras que nunca tiveram a opção de não trafegar pelos centros urbanos, seja de ônibus, metrôs, caminhando etc. para trabalharem, especialmente, realidade ainda presente na atualidade.

Há sempre assimetrias quando falamos no direito à cidade, por mais que seja um lugar de perigo para todas as mulheres no geral, em particular os corpos trans, lésbicos, de mulheres negras, de jovens negros, indígenas, migrantes, sem terras, sem tetos... arrastam consigo, infelizmente, as marcas da colonialidade, da lgbtfobia, do racismo que não atravessam da

mesma forma os corpos brancos, heteronormativos, de classe média, mesmo quando falamos de mulheres.

Os dois poemas que escolhi para me debruçar melhor são de duas mulheres negras, bissexuais e pernambucanas, Patrícia Naia, uma das fundadoras do *Slam* das Minas/PE, e Jéssica Preta, *slammer* com reconhecimento nacional e também fundadora do *Slam* do Pedregal, em Campina Grande/PB. Escolhi esses dois poemas distintos, em forma e conteúdo, que ouvi nas minhas idas a campo, mas que trazem essa dimensão da violência na cidade e da cidade enquanto navalha metafórica e corporificada, como é o caso do poema “Recife”.

O primeiro me tocou de forma particular, pois foi performado por Bell Puã em minha primeira ida ao *Slam* das Minas/PE; “Recife”, de Patrícia Naia. Já o segundo, “Estatística”, de Jéssica Preta, o ouvi ao menos duas vezes (em campo), na seletiva final do *Slam* das Minas/PE e na FLUP 23, no Rio de Janeiro.

3.3. “Recife”: um corpo-urbano

“*Recife é uma navalha*”, primeiro verso do poema “Recife” de Patrícia Naia. Naia não é Recifense de “nascença”, nasceu no caos de São Paulo (Naia, 2017), Recife a adotou ou foi o contrário? Perguntaria se tivesse cruzado com ela em algum momento, mas ela acredita na primeira afirmação. Adotada por Recife, parece mesmo conhecer cada partezinha que desconheço. Em seu livro *O punho fechado no fio da navalha* (2017), já mencionado nesse trabalho, não é apenas o poema “Recife” que diz de uma conchedora daquelas ruas, avenidas, bares, praças... seu livro é praticamente uma ode ao Recife, mesmo sendo navalha, Recife é Recife e eu, que não conheço Recife e nem Naia, a vejo caminhante, misturando-se aos cenários narrados, em uma voz lírica propositiva e ácida sobre essa complexa metrópole, sobre essa cidade-navalha.

Recife é uma navalha.
Recife é coisa de matar.
Tomo cerveja na Rua da Aurora
e na esquina da Duarte Coelho
sou tomada de assalto.
Recife deixou de ser cidade há
muito tempo.
Não moro aqui, nem ali.
Eu como Recife.
A respiro.
Namoro Recife, enquanto beijo a menina.
A vomito na calçada.

E torno a bebê-la no dia seguinte
Nas rodas dialéticas com meus amigos vadios,
nesses bares que entranham marasmo,
silêncio e grito: Recife é minha!
Recife é nossa!

(Naia, 2017, p. 16)

A voz lírica do poema nos possibilita visualizar uma representação visceral, intensa, cheia de ambiguidades e complexidade da cidade do Recife, que ao mesmo tempo é, na voz lírica, amada, odiada, vivida e sofrida.

Nessa primeira estrofe conseguimos destacar a ambiguidade e as contradições, uma vez que a voz lírica descreve Recife como “uma navalha”, algo perigoso, mas também profundamente íntimo e intenso. Notamos a tensão entre o amor e a violência, entre o pertencimento e o afastamento de uma voz lírica que conhece as contradições do território e, mesmo assim, há acolhimento e defesa.

Outro ponto para destacar ainda nessa estrofe é a questão da violência urbana, essa cidade é um espaço de constante ameaça, como vemos nos seguintes versos “*e na esquina da Duarte Coelho/ sou tomada de assalto*”, sempre entre contradições e/ou contraposições, já que nos versos anteriores a voz lírica exalta o fato de tomar cerveja como celebração, como festa e, logo em seguida, tomada de assalto, toda a construção do poema permeia essa ambiguidade, recurso utilizado até mesmo para descrever Recife como uma não-cidade, como se tivesse perdido sua função social, mas sobretudo, como se Recife fosse cada um, cada uma que a constitui mesmo na diluição de sua estrutura material, quando a voz lírica usa verbos como respirar, vomitar, beber (Recife). É fisiológica. A cidade é fisiológica, numa relação corporal e visceral com a cidade, um corpo vibrátil, capaz de sentir, comer, beber. Sinestésica, como podemos notar nas passagens “*Eu como Recife*”, “*A vomito na calçada*”, “*torno a bebê-la*” realçando através da utilização dos verbos (comer, vomitar, tornar), essa relação fisiológica e física, orgânica, canibalesca com o espaço urbano.

Ao que pesa a dureza do cotidiano, a voz lírica encerra essa estrofe afirmado um profundo sentimento de pertença, visto que o poema termina com uma afirmação coletiva de identidade “*Recife é minha! Recife é nossa!*”. Essa passagem, em especial, performada por Bell Puã, foi a que baixou minha guarda quando percebi, na minha primeira ida a campo, que não tinha como sair do campo e anotei em meu caderno “*Recife é minha. Recife é nossa!*”. Foi um alento.

Essa cidade me comendo de trás pra frente.

Eu que já não luto
alimento minha nostalgia com versos,
ouvindo canções que ecoam dos morros,
Recife é altamente transante!
Quero dizer, quero viver
Essa disputa acirrada entre o medo e a ponte.
E essas vias
como se fossem minhas veias o tempo inteiro
essas ruas nas minhas veias!

(Naia, 2017, p. 16-17)

Já no início dessa estrofe, seguimos o paradoxo que é vivenciar essa cidade, só que agora acrescido do elemento erótico, violento e brutal com ela, pois na voz lírica essa cidade lhe come, no sentido sexual, mas também metafórico que pode exercer uma força brutal e a saída apontada pela voz poética são os versos. Alimentar a nostalgia de um outro Recife? Talvez uma cidade em que “essa disputa acirrada entre o medo e ponte” não existisse? Novamente o elemento de pertencimento visceral, quase que biológico, de uma cidade em que está nas próprias veias, são as próprias veias da voz lírica. E esses elementos são ainda mais acentuados nas duas últimas estrofes. Vejamos:

Recife, voltei.
Quem não te conhece, te quer,
quem te usa, te estraga.
E você reluta, intensa, pulsante.
Ouço teu grito, mulher.
Salvem Recife,
ainda que ela me roube,
me mate
retalhe meu peito fraco
ou raspe minha cabeça.

Recife é estado de espírito,
Posso dizer: Hoje estou Recife.
E digo, estou desgraçada, alegre e fervendo.
Não sei apenas viver aqui,
sei morrer e renascer.
Sei amar.
Recife é mesmo coisa de matar.

(Naia, 2017, p. 17)

Agora a cidade torna-se, de forma simbólica, um modo de ser, um estado de espírito e, lançando mão de recursos como a personificação, Recife é personagem em uma relação destrutiva e amorosa com a voz lírica e que vale a pena o sacrifício, afinal a voz lírica sabe

viver, morrer, renascer e amar Recife, enquanto cidade e enquanto metáfora de si como constituinte desse corpo que é cidade, que é Recife.

Preciso dizer que a escolha desse poema se deu, sobretudo, pela síntese poética que ele evoca sobre o meu local de pesquisa, quando vi Bell Puã performando ele na primeira seletiva, sabia que o escolheria para compor esse trabalho, pois ele foi feito para ser performado e desconstrói (como já falei anteriormente sobre outros poemas) uma narrativa de que textos de *slams*, poemas *slams* são desprovidos de elementos estéticos, “literários”, tradicionais inclusive. Se observarmos medianamente esse poema, podemos elencar recurso estilísticos como metáforas; repetição da frase “Recife é” que constrói ritmo, cadência. É um texto paradoxal, contraditório, semanticamente cheio de signos e símbolos, ao mesmo tempo em que se utiliza de uma linguagem coloquial, direta e sem grandes rebuscamientos ou utilização de palavras complexas, de difícil entendimento.

Naia, mesmo não sendo recifense de nascimento, consegue parir-se como recifence, ao construir um texto que reflete o que gostaria de explicitar sobre a questão do direito à cidade e suas contradições, mas de uma maneira muito delicada e, apesar das violências ao vivenciar, quase que tornar-se a cidade, ela opta por uma linguagem mais ambígua, simbólica, em que o caos e a paz, o amor e o desprezo, o prazer e a dor se complementam nesse corpo-urbano que a voz lírica nos apresenta.

3.4. “Estatística”: “Espaço público é cenário de guerra”¹³

“Estatística” foi o último poema que Jéssica Preta performou na seletiva final do *Slam* das Minas/PE de 2023, logo meu primeiro contato com ele foi em campo, e está no local de quase indizível, do que consigo descrever para além de uma análise literária e temática, ou mesmo técnica, por exemplo. Há texturas, como a anatomia do piso da calçada em que estive sentada ao longo de todo o tempo ao ver sua performance. Há cheiros e cores do ambiente aberto e ruidoso; o mangue, “o cheiro de Recife”, o dia acinzentado. Há sentidos; estava frio, o vento esvoaçava os cabelos da Jéssica e os nossos. Há memórias e esquecimentos. Por isso, digo do lugar do indizível, tentando tatear caminhos para sensações só minhas, sob meu olhar, ouvidos e perspectivas.

¹³ Referência a intervenção “Da perda” que Bell Puã realizou na abertura da FLIP em 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zkSaQyVHHAw>. Acesso: 20 de mai. 2025.

Dito isto, justifico a forma do texto, o poema que ouvi na Rua da Aurora não tinha e não teria essa forma se fosse transcrevê-lo dos meus arquivos de áudio, de modo que a disposição do poema segue a forma que a própria autora me disponibilizou por escrito. Decidi pela versão escrita da autora, pois a qualidade do áudio me deixou em dúvidas de muitas palavras e ao procurar a poeta, ela me enviou com a seguinte forma:

De 10 mulheres que
Conheço
9 já foram abusadas
A décima não se lembra
ou não percebeu que foi
violada
É que a cultura do estupro
está muito enraizada
Aí a gente confunde
malicioso aperto com
abraço camarada
Toques sutis na minha
perna
No meu peito
Na minha saia
Tudo parece normal para
quem está acostumada
Me embriagam
Juram amor
Ou sou ameaçada
Com faca ou Instagram
Tô sendo sempre atacada.
Meu pé na rua e começa
a caçada
Homem nunca vai
entender o que é andar
atordoada
Meu pé na rua e começa
a caçada
Já diziam os mais velhos
homem é o caçador e a
mulher é a caça
Se aproveitam de tudo
inclusive psicologicamente
Passam a mão sem aval
porque você é irreverente
Você é muito sensual
Não pude me conter
Se não quisesse meu olhar
Botava pano para
esconder
Argumentos fáceis e ao
mesmo tempo mentirosos
Quero saber como
uma criança encanta

sexualmente os teus olhos
Teu pé dentro de casa e
começa a caçada
O que era proteção na
verdade é ameaça
Meu pé dentro de casa e
começa a caçada
No olhar do caçador a
sobrinha é a caça
De 10 mulheres que
Conheço
10 já foram abusadas
Porque a uma que faltava
Acabou de ser avisada!

(Jéssica Preta, 2023)¹⁴

Versos curtos, poema pequeno, considerando o tempo de até 3 minutos para a performance, e, apesar do domínio do tempo, Jéssica terminou essa performance em menos de 2 minutos, já na fina neblina que nos obrigou a correr para as laterais do quiosque do Jesus e, nós, as juradas, pressionadas por Iara Castro para darmos as notas que consagraram ela como a vencedora do *Slam*.

Passaria horas descrevendo esse episódio “indizível” desse dia, os cenários, os atores, as circunstâncias, como propõe Magnani (2002; 2009; 2012), mas olhar para a disposição do poema, as escolhas que a autora faz ao apresentar uma estrutura livre, sem rimas fixas ou uma métrica engessada, depois do dia, sem a emoção do dia, as interferências do campo, percebemos como a autora tem domínio e consciência de sua escrita tanto quanto tem de sua performance, ou seja, uma das grandes potências dos *slams* é exatamente essa não divisão entre oralidade e escrita, pois “essas expressões reverberam potencialidades artísticas onde corpo-voz-escrita se amalgamam, dançam, conversam, e, sobretudo mobilizam as nossas sensibilidades interseccionais” (Kemoly, Preta, Cerqueira *et al*, 2021, p. 4).

Jessica Preta, assim como muitas escritoras contemporâneas usa a literatura como um espaço de resistência, denúncia e transformação social. Nesse contexto contemporâneo de mulheres que insistem em dizer, gritar, escrever, performar, mesmo quando *ninguém quis ver*¹⁵, é notório o crescimento de produções poéticas que abordam a violência de gênero como parte de um movimento de enfrentamento às várias formas de violência que as mulheres sofrem.

¹⁴ Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp, mas segue a mesma disposição na publicação de uma coletânea de poemas de 2021, intitulado de *Slam Insubmissô 2021: edição especial autoras nordestinas* da Editora Diálogos Insubmissos, em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo: Brasil e Paraguai.

¹⁵ Referência ao título do livro de Bruna Mitrano.

Na orelha do livro *Ninguém quis ver* de Bruna Mitrado (2023), a crítica literária Heloísa Buarque de Holanda destaca elementos bem particulares do que ela chama de “o fenômeno da poesia jovem escrita por mulheres” (Mitrano, 2023, s/p) e menciona a possibilidade de essa ser a maior conquista da literatura na atualidade:

[...] – no papel e na performance – experiências, cenários e temas que mostram, por contraste, de quantos silêncios se construía uma mulher. Essa nova poesia revelou uma virada ao trazer assuntos proibidos, segredos ácidos e vivências até então nunca contadas [...] e chegamos aqui num ponto decisivo: a reinvenção de uma poética capaz de expressar o que as mulheres realmente têm a dizer” (Mitrano, 2023, s/p).

E no poema “Estatística” notamos a revelação de “assuntos proibidos” como abuso sexual, incesto e várias formas de violências, não que esses temas não estivessem na literatura, entretanto, Jéssica, Bruna Mitrano e muitas outras escritoras contemporâneas agora contam-se, se inscrevem na sua escrita, nas suas escrevivências, fazendo ecoar, através da literatura, ainda mais as suas vozes e, no caso dos *slams*, utilizando-se de seus corpos também.

Há muitos enfoques que poderia discorrer sobre o poema em questão, mas estabeleço relação com a questão da violência urbana e esse local de perigo para as mulheres, que são as cidades. Já discorremos, a partir de Berth, Kern e mesmo o Harvey e o Lefebvre que o direito à cidade não é igualmente garantido para todos os corpos, mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e outros grupos outromizados, subalternizados, marginalizados e que esses corpos enfrentam entraves que violam sua liberdade e segurança nos espaços públicos (para Lefebvre e Harvey, esses corpos que não tem permissão aos espaços públicos, que lhes são negados o direito à cidade, são os trabalhadores pauperizados e espoliados do sistema capitalista).

Quanto ao poema, notamos a cidade como espaço de medo para as mulheres. Vejamos os seguintes versos: “*Meu pé na rua e começa a caçada/ Homem nunca vai entender o que é andar atordoada*” e mais ainda temos: “*Me embriagam / juram amor / ou sou ameaçada / com faca ou Instagram/ Tô sendo sempre atacada*”, neles a mulher vive em constante estado de vigilância e medo, o que compromete sua circulação pela cidade, visto que o sentimento de insegurança, resultado de práticas como assédio, perseguição e violência sexual, limita o acesso das mulheres aos espaços públicos.

Tais empecilhos não são apenas físicos, mas se dão também no campo simbólico e subjetivo, como o medo de andar sozinha à noite, de usar determinadas roupas, de circular em certos lugares.

Como disse Bell Puã “espaço público é cenário de guerra” para as mulheres e esse assédio é repetidamente denunciado no poema, o assédio, a violência, o medo funcionam como

instrumentos de controle social e espacial sobre os corpos das mulheres e a repetição do verso “começa a caçada” mostra como o simples ato de sair de casa pode se tornar um risco constante para as mulheres.

Há uma virada antes da conclusão do poema quando a voz lírica tece críticas à ideia de que o lar seria um espaço seguro e agora o verso muda para: “*Meu pé dentro de casa e começa a caçada*”, revelando que para nós não há espaço (público ou privado) que seja seguro, o que reflete em uma estrutura social da desigualdade de gênero (Saffioti, 2013).

O poema “Estatística” dialoga diretamente com a questão do direito à cidade, pois mostra a urgência de políticas públicas para as cidades que considerem as mulheres em suas diversidades, mas também é um retrato cruel do quanto ainda precisamos avançar nas questões de gênero e na ideia radical de que nós mulheres somos gente, não caça ou objeto.

UM FIM PROVISÓRIO: TEMPORALIDADE ESPIRALAR

*talvez a vida seja sobre
como mesmo debaixo
de tanta injustiça
as pessoas insistam
em marchar radiante
às vezes até mais
que seus opressores*

- privilégios de espíritos

(Bell Puã, 2019)

Chegar ao fim desta pesquisa de doutoramento, na qual me debrucei sobre o *Slam* das Minas/PE, é simultaneamente uma chegada e uma partida. Institucionalmente, significa cumprir a exigência de uma etapa acadêmica, muito particular, pessoal, mas significa também concluir uma jornada marcada por escolhas, afetos e compromissos políticos, logo, uma jornada coletiva, marcada por muitos atravessamentos, acolhimentos e solidariedade. Contudo, tal fim não se encerra em si, assim, é unicamente um fim provisório, uma vez que os *slams*, no geral, não são passíveis de aprisionamentos ou conclusões definitivas.

A noção de temporalidade espiralar, formulada por Leda Maria Martins (2023, p. 24), ajuda a compreender esse caráter inacabado, visto que “O tempo espiralar não se organiza em linha reta nem se aprisiona em ciclos estáticos, mas retorna constantemente a si, abrindo-se a múltiplos passados, presentes e futuros que se entrecruzam”. Assim como o tempo espiralar, o *slam* também se refaz a cada performance, a cada corpo que ocupa o palco, a cada voz que ressignifica memórias e projeta futuros, projeta perspectivas coletivas. De modo que, posso ler essa tese (somada a um conjunto de outros trabalhos, pesquisas, teses...) como ponto de chegada que anuncia outros pontos de partida.

Embora seja comum localizar o surgimento do *slam* nos anos 1980, em Chicago, reduzir sua história a esse marco pode ser equivocado ou simplista. O *slam* é herdeiro de tradições orais negras, das expressões culturais das diásporas africanas, dos movimentos de resistência que sempre usaram a palavra como arma e abrigo, como afago e união. É, portanto, fenômeno transnacional e continuum de resistências de povos e culturas diáspóricas.

Esse caráter histórico vem acompanhado de uma dimensão política. Como afirma Sóstenes Santos (2024, p. 215), ao estudar *slammers* cearenses: “As trajetórias das seis poetas investigadas mostram que o slam é mais do que um palco: é espaço de afirmação de

subjetividades periféricas e negras, de enfrentamento às hegemonias e de inscrição no campo literário brasileiro contemporâneo”.

Em convergência com esse pensamento, a pesquisadora Amanda Juliete (2021, p. 119) enfatiza que as considerações finais de sua dissertação não significam fim, mas retorno: “Pensar em considerações finais para este trabalho é chegar a um tipo de fim que, como em um movimento circular e sem a pretensão de estabelecer um ponto final, volta-se de alguma forma para o começo”, logo, em um movimento espiralar.

Assim, compreender o *slam* é compreendê-lo como processo histórico e político em movimento permanente, que não cessa em si, mas se reinventa, visto que, o *Slam* das Minas/PE é, sem dúvidas, potência literária e solidária, capaz de mobilizar afetos e alterar realidades concreta na vida das mulheres.

Também pudemos notar que no percurso desta pesquisa, ficou evidente *Slam* das Minas/PE como um espaço de transformação coletiva. É literatura cidadã, solidária e com acolhimento. Nele, mulheres em sua diversidade, constroem redes de afeto e resistência, em concordância com o que Patricia Hill Collins (2019, p. 128) chama de “espaços seguros”, que “não eliminam as desigualdades estruturais, mas criam condições para que mulheres negras possam narrar suas experiências, fortalecendo-se mutuamente em meio à opressão”. E no *Slam* das Minas/PE, esse conceito ganha materialidade. Ao compartilhar suas histórias em versos, *slammers* como Amanda, Jéssica e Iara transformam experiências de exclusão em poesia e potência. Esse gesto não é apenas estético, mas profundamente político, um exercício do direito de existir, de ser ouvida.

Outro ponto decisivo é a relação entre *slam* e o direito à cidade. As seletivas descentralizadas de 2023, em que estive presente evidenciaram como o *Slam* das Minas/PE reivindica a urbe, não como cenário, mas como território de disputa. Ao ocupar ruas e praças, desafia a lógica da cidade mercantilizada, apontada por Harvey (2014, p. 78): “A cidade sob o capitalismo neoliberal torna-se mercadoria, espaço de segregação e exclusão, em que o direito de existir dignamente é reduzido a privilégio de poucos”. Como contraponto, o *slam* constrói uma cidade viva, coletiva, afetiva, sensível. Nesse sentido, alinha-se à perspectiva de Raquel Rolnik (2019, p. 34) sobre o direito à cidade: “O direito à cidade é o direito de todos os habitantes de usufruírem da vida urbana em sua plenitude, em oposição às práticas de expulsão e segregação que marcam as metrópoles contemporâneas”, alinha-se também as ideias de Berth (2023) na luta por uma cidade antirracista, uma cidade feminista em que as mulheres, especialmente as mulheres negras, se sintam seguras. Dessa forma, o *Slam* das Minas/PE, ao

ocupar o espaço urbano, não somente denuncia desigualdades, mas experimenta outras formas de sociabilidade, devolvendo a cidade para quem dela foi historicamente excluído, excluída.

O slam é literatura, mas não somente no sentido tradicional de objeto de fruição estética isolada ou que se alinhe à lógica de obediência ao cânone. É literatura cidadã, comprometida com a vida e com a transformação social. Sérgio Vaz lembra, ao falar dos saraus nas periferias que a “literatura é uma arma carregada de futuro, capaz de transformar pessoas e comunidades. A poesia não pode estar dissociada da luta cotidiana de quem a produz” (Vaz, 2011, p. 56).

Pois dessa forma, desloca a clássica questão de Antonio Cândido sobre “para que serve a literatura?”. No que se fere aos *slams* a resposta não é evasiva, nem performática. Ela é concreta, como afirma Amanda Timóteo: “O *slam* tira a gente de zonas de risco”. Fala que traduz com precisão a dimensão cidadã e coletiva do *slam*, ele é prática de sobrevivência, de fortalecimento das mulheres e de reinvenção no cotidiano das mulheres e majoritariamente dos povos negros, que, como já foi afirmado nessa pesquisa, historicamente teve e têm seus direitos violados.

Por fim, encerro esta pesquisa reafirmando o que ouvi no trabalho de campo nos slams e, especialmente no do *Slam* das Minas/PE que, na voz da poeta Jéssica Preta ecoa como síntese: “*Slam* no Brasil, é braço do Movimento Negro”. Essa afirmação não é metafórica, é constatação e construção. O *slam* brasileiro nasce e se expande a partir da experiência negra e periférica. Ele é mais do que prática literária: é estratégia de luta coletiva, que articula vozes, corpos e territórios. Ao colocar mulheres negras e dissidências no centro da cena, o Slam das Minas/PE reafirma que a literatura pode e deve ser instrumento de resistência, de disputa e de transformação.

De modo que esta tese não se encerra em si. Como o tempo espiralar de Martins, ela retorna constantemente ao início, abrindo espaço para novos caminhos. O Slam das Minas/PE é um dos fenômenos mais urgentes da literatura brasileira contemporânea, porque não se limita ao campo literário: ele é corpo, voz, cidade, afeto e resistência.

Se a literatura brasileira deseja ser plural, democrática e representativa, deve necessariamente reconhecer no slam — e especialmente no Slam das Minas — uma de suas expressões mais legítimas, transformadoras e necessárias. Mais do que objeto de estudo, o slam é prática viva, que continuará a produzir pertencimento, voz e vida para aqueles e aquelas que foram historicamente silenciados.

Ao iniciar esta pesquisa, a hipótese central era a de que o Slam das Minas/PE se constitui como prática literária, estética e política capaz de tensionar tanto os limites da literatura

brasileira contemporânea quanto as formas de sociabilidade urbana. O objetivo maior foi demonstrar como, ao se auto-organizarem, mulheres e dissidências criam espaços de pertencimento e resistência, redefinindo o direito à cidade e a própria ideia de literatura.

O percurso investigativo confirmou essa hipótese em diferentes frentes. No campo literário, o slam mostrou-se não apenas como potência literária, mas como literatura cidadã, marcada pela oralidade, pela performatividade e pelo compromisso político. Ele amplia o cânone ao inserir vozes historicamente marginalizadas, obrigando a crítica e a academia a repensarem o que é considerado “literário”.

No campo social, o Slam das Minas/PE revelou-se espaço de acolhimento e solidariedade, confirmando a noção de “espaços seguros” (Collins, 2019), onde mulheres negras, periféricas e dissidentes não apenas falam, mas são ouvidas, legitimando experiências que usualmente são silenciadas no espaço público.

Na questão do direito à cidade, a pesquisa demonstrou que o slam é também prática de disputa territorial, em diálogo com o direito à cidade com algumas teóricas e teóricos, entre elas/es Rolnik, (2019); Harvey, (2014), Berth (2023)). Ao ocupar ruas, praças e espaços institucionais, o Slam das Minas/PE reposiciona quem pode e deve habitar a cidade, inscrevendo novas formas de sociabilidade baseadas no afeto e na coletividade.

Ao que se refere às questões políticas, inerentes aos slams, a pesquisa evidenciou a relação entre literatura e movimento social, afinal, como já vimos na definição de Jéssica Preta, slam é também parte Movimento Negro, do hip-hop e das lutas feministas e LGBTQIA+, reafirmando a dimensão de que literatura é também resistência, tomada de posição e estratégia de sobrevivência.

É por fim, penso ter demonstrado que o Slam das Minas/PE não é apenas um fenômeno literário emergente, mas uma prática cultural complexa, que articula literatura, política, cidade e subjetividade em chave de resistência. De modo que o que aqui apresento não é um ponto final, mas um marco transitório em um processo maior, pois o slam continuará a se reinventar, a expandir suas formas e seus significados, a desafiar as fronteiras da literatura, da oralidade, da arte, ocupando as cidades e reinventando modos de sociabilidade. O Slam das Minas/PE é potência literária e solidária, mas é também epistemologia de resistência produz conhecimento, produz comunidade, produz vida.

Para mim, não como certeza, mas como apontamento é preciso pensar que se a literatura brasileira quer se afirmar como plural, democrática e representativa, ela deve reconhecer nos

slams, não apenas um objeto periférico de estudo, mas um de seus centros pulsantes de criação e transformação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2021.

ALMEIDA, Itamara Patrícia de Souza. **Vizinhas**: pequenos contos de rosas e outros espinhos. Natal, RN: Escribas, 2021.

ALMEIDA, Itamara Patrícia de Souza. **Literatura marginal/periférica**: muitas Maris, tantas Anas em Mania e Vício de Mariana Felix. Campina Grande/PB, 2020. 137 págs. (Dissertação de mestrado) Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

ALVES, Wanderlan da Silva. O discurso de Luiz Ruffato em Frankfurt: polêmica, recepção inicial e paradigmas em disputa. In: **estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 48, p. 149-176, 2016.

AVELINO, José Elias. **Representações do sagrado na comunidade buraco d'água**: Cartografia dos afetos, religiosidade e lugares de disputas. Assú/RN, 2017. 120 págs. (Monografia) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**: racismo, falocentrismo e opressão nas cidades. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do emponderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2006, v. 21, n. 60, p. 117-134. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100007> Acesso em: 22 jan. 2025

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. (org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Teatro Hip-Hop**: a performance poética do ator-MC. São Paulo: Perspectiva, 2014.

D’ALVA, Roberta Estrela. O teatro hip-hop como linguagem. **Revista de arte do espetáculo**, n 5. Rebento, UNESC, p. 298-308, jun. 2015.

DAVIS, Angela. A arte na linha de frente: mandato para uma cultura do povo. In: **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candini. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTRELA D'ALVA, Roberta. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* entra em cena. **Synergies Brésil**, n° 9, 2011, p. 119-126.

EVARISTO, Conceição. Poemas malungos – Cânticos irmãos. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. Niterói, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar:** poemas para serem lidos em voz alta. Ilustrações: Lela Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 12-15.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala/Malê, 2011.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. **Nossa Escrevivencia**, 2012, p. 10. Disponível em: <https://noossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>. Acesso: 10 de jun. 2025.

FERRÉZ (org.) **Literatura marginal:** talentos da escrita periférica. Agir: Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Rafaela; PIMENTEL, Ary (org). **Clíris**. Poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Desalinho, Ganesha Cartonera, 2019.

FELIX, Mariana. **Vício**. São Paulo: Edição do autor, 2017.

GUMBRECHET, Hans Ulrich. **Produção de presença:** o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, PUG-Rio, 2010.

GONZALEZ, Lélia (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan.jun.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HAWES, Olga Maria. **Experiências estéticas na cidade colonial:** poesia *slam* e a formação de sujeitos políticos em Natal/RN. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

KERN, Leslie. **Cidade feminista:** a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. Tradução: Thereza Roque da Motta.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura de multidão como estratégia de leitura da narrativa brasileira contemporânea. In: **Literatura de multidão e intermidialidade**. Ensaios sobre ler e escrever o presente. Campina Grane: EDUEPB, 2014.

JESUS, Amanda Julieta Souza de. **Mulheres negras no Slam das Minas BA**: um espaço de insubmissão e resistência. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

JESUS, Amanda Julieta Souza de. **Tem poeta na casa?** mulheres negras, poetry slam e insurgências. 1. ed. Salvador: Paralelo 13S, 2023.

LIMA, Marina Ivo de Araújo. **Slam das Minas RJ**: cenas e crônicas de uma escuta. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2024.

LUCAS, Carlos Henrique de; NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. **A escritura encarnada na criação de conhecimento científico-acadêmico**: notas sobre experiências. In: SCRIPTA, v. 28, n. 62, p. 347-372, 1º quadrimestre, 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/32735/22791>. Acesso: 22 de fev. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. SPAGGIARI, Enrico. NOGUEIRA, Hangai Vaz Guimarães Nogueira (*et al.*). **Etnografias urbanas**: quando o campo é a cidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 15, n.32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MELO, André Magri Ribeiro de. **Uma tradição reinventada**: o cordel na contemporaneidade. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MESSEDER, S. A; NASCIMENTO, C.G. (org.). **Pesquisador(a) Encarnado(a)**: experimentações e modelagens no saber fazer das ciências. Salvador: EDUFBA, 2020.

MESSEDER, S. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020a. p. 14-171.

MORRISON, T. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, R. M. do. **A performance poética do ator-MC**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena. São Paulo, 2006. 211 págs. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo – USP.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais da literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. 213 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NAIA, Patrícia. **O punho fechado no fio da navalha**. Recife: Castanha Mecânica, 2019.

OLIVEIRA, Laura da Conceição. **Quem fala de noiz é noiz**: vivências do Slam na escola. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

PIMENTEL, Ary. Poesia oral, performance e representação: vozes do *poetry slam* no Brasil e na Argentina. In: **XI congresso brasileiro de hispanistas**, Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72654>. Acesso: 20 de mai. 2024.

ROMÃO, Luiza Sousa. **Microfone em chamas**: *slam*, voz e representação. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-04012023-121226/pt-br.ph>. Acesso em: 20 de mai. 2024.

SANTOS, Sóstenes Renan de Jesus Carvalho. **Minas poetas e slams no Ceará**: trajetórias, *corpoéticas* e epicentros. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **O subalterno pode falar**. Trad. Maria Helena Ribeiro da Cunha e Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SAFFIOTI, Helelith. **A mulher na sociedade de classes**: mitos e realidades. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Helelith. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar o discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**: ensaio sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: atores, perspectivas e desafios.

SOUZA, Fabiana de Oliveira. **Vozes plurais no *slam***: a poesia de Luz Ribeiro, Laura Conceição, Checha Kadener e Mariana Bugallo. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TAVARES, Júlio César de. (org.) **Gramática das corporeidades afrodiáspóricas**: perspectivas etnográficas. 1^a ed. Curitiba: Appris, 2020.

TENNINA, Lucía. **Cuidado com os poetas!** literatura e periferia na cidade de São Paulo. 1^a ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **O que há de positivo em ser marginal?** In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011. Curitiba: ABRALIC, 2011.

PUÃ, Bell. **Lutar é crime**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Nayfy, 2014.

ENTREVISTAS

ANDRADE, Cris; TIMÓTEO, Amanda. Entrevista concedida a autora no dia 01 de junho de 2023, em Pontezinha, município de Campo de Santo Agostinho, região metropolitana de Recife/PE.

OLIVEIRA, Jessicalen Conceição de (Jéssica Preta). Entrevista concedida a autora no dia 19 de outubro de 2023, no Morro da Providência, Rio de Janeiro, durante a Festa Literária das Periferias – FLUP.

CLARA, Maria (Clarinha). Entrevista concedida a autora no dia 10 de setembro de 2023, na Rua da Aurora, Recife/PE, antes da final do *Slam* das Minas/PE.